

Kelen Cristina Sant'Anna de Lima

CONHECIMENTO EXPERTO EM TRADUÇÃO: ORIENTAÇÃO E
REVISÃO EM TAREFAS TRADUTÓRIAS EXECUTADAS POR
PESQUISADORES EXPERTOS NÃO-TRADUTORES

Belo Horizonte
2008

Kelen Cristina Sant'Anna de Lima

CONHECIMENTO EXPERTO EM TRADUÇÃO: ORIENTAÇÃO E
REVISÃO EM TAREFAS TRADUTÓRIAS EXECUTADAS POR
PESQUISADORES EXPERTOS NÃO-TRADUTORES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Lingüísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística Aplicada.

Área de concentração: Lingüística Aplicada

Linha de pesquisa: H - Estudos da Tradução

Orientadora: Profa. Dra. Adriana Silvina Pagano

Belo Horizonte

Faculdade de Letras da UFMG

2008

À
MINHA FAMÍLIA,
AMIGOS

E ao grande desafio:
o ato de traduzir.

AGRADECIMENTOS

É com grande satisfação e orgulho que encerro esta pesquisa para a qual obtive o apoio de diferentes pessoas e instituições (LETRA, POSLIN, FALE/UFMG e NUPAD/FM/UFMG).

Este trabalho não teria sido finalizado sem a participação das pessoas que citarei abaixo e que estiveram direta ou indiretamente envolvidas na elaboração desta dissertação. Estas pessoas estiveram presentes com sua colaboração decisiva, sempre entendendo as dificuldades enfrentadas por uma mestranda. A estas pessoas, gostaria de deixar os meus sinceros agradecimentos. Assim agradeço:

Primeiramente, a Deus, por sempre abençoar a minha vida e tornar possível mais um objetivo.

À minha filha, Isabella, ao Marquinho e à minha mãe, Tânia, que apoiaram a minha decisão desde o início, mesmo sabendo que eu teria pouco tempo para lhes dedicar durante essa fase.

Ao meu diretor, Nelio, grande amigo e companheiro de longos anos, que me apoiou desde a especialização até hoje. Obrigada pela serenidade, compreensão, carinho; enfim, por entender minhas ausências e possíveis falhas. Sem seu apoio, nada disso teria acontecido. Obrigada por fazer parte da minha vida.

Ao Cassius e à Sandra, pelo apoio e infinitas orações. Ao Ernani, que embora tenha participado dessa jornada somente a partir de novembro de 2007, sempre me aconselhou com suas sábias palavras, tornando-se um grande amigo e companheiro diante de grandes desafios.

À minha orientadora, Adriana Pagano, pelo empenho, dedicação, compreensão e carinho. Ao Fábio Alves, pela atenção e oportunidade sempre; à Célia Magalhães e ao Carlos Gohn.

Ao meu grande e melhor amigo Igor (extensivo ao Marcelo), sem sua enorme ajuda, dedicação e apoio, a realização deste trabalho não seria possível. À Roberta, a primeira pessoa da FALE a me dar força e a acreditar que eu seria capaz de realizar este trabalho; ao Roberto Carlos, amigo desde a especialização, pelo apoio sempre; à Tânia, por toda dedicação em todos os momentos e pela competência ao me ensinar tantas coisas; à Maria Luisa, pelo apoio nos trabalhos que desenvolvemos juntas e pelas palavras carinhosas durante as longas madrugadas; ao Gustavo, pelo apoio imprescindível na análise dos dados; e aos demais colegas do LETRA (Laboratório Experimental de Tradução) que me acolheram com enorme carinho.

Aos amigos do NUPAD (Núcleo de Ações e Pesquisa em Apoio Diagnóstico da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais) que, direta ou indiretamente, me ajudaram nessa jornada, principalmente Patty, Vinicius, Piedade, Kenia, Aline, Thais, Rita, Andréia, Denise, pela atenção e apoio sempre.

Aos professores e amigos da Faculdade de Medicina da UFMG, Borato, Manoel Otávio e Carminha.

E a todas as outras pessoas que acompanharam, mesmo que a distância, minha trajetória até aqui.

*"É melhor tentar e falhar
que preocupar-se e ver a vida passar;
é melhor tentar, ainda que em vão,
que sentar-se fazendo nada até o final.
Eu prefiro na chuva caminhar
a, em dias tristes, em casa me esconder.
Prefiro ser feliz, embora louco,
a em conformidade viver ..."*

Martin Luther King

RESUMO

Esta dissertação está inserida no projeto Expert@ - *Conhecimento experto em tradução: modelagem do processo tradutório em altos níveis de desempenho* (CNPq 479340/2006-4), em desenvolvimento no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA), da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Apresenta um estudo das fases de orientação inicial e revisão final incluindo pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real (e respectivos apoios externos e internos) dos processos tradutórios de quatro sujeitos pesquisadores expertos em medicina, quando da realização de duas tarefas tradutórias, em condições empírico-experimentais. Dando-se continuidade à descrição do perfil de *expertos não-tradutores* e à investigação acerca do impacto da variável independente *conhecimento de domínio* (SCARDAMALIA; BEREITER, 1991) sobre a realização de tarefas tradutórias, ambas iniciadas por Silva e Pagano (2007), esta pesquisa analisa os dados obtidos por esses autores para lançar luz sobre esse perfil tradutório sob a perspectiva de questões relativas à implicação cognitiva na orientação (MACHADO; ALVES, 2007) e na revisão (BATISTA; ALVES, 2007) desses sujeitos. A coleta de dados, descrita pormenorizadamente em Silva e Pagano (2007), consistiu em: (i) um questionário prospectivo; (ii) duas traduções, por sujeito, de introduções de artigos acadêmicos, da língua portuguesa para a língua inglesa (sendo que, em uma delas, o texto era correlato ao conhecimento de domínio vinculado à sua subárea de atuação dos sujeitos e, na outra, o conhecimento de domínio demandado pelo texto de partida não era congruente com a subárea do conhecimento em que o sujeito atua); e (iii) relatos retrospectivos coletados imediatamente após a realização das tarefas tradutórias. Essas tarefas foram registradas eletronicamente a partir da utilização dos programas Translog© e Camtasia©, havendo também o registro manual por meio de planilhas de observação direta, com base naquelas já aplicadas pelo grupo PACTE (2005). O procedimento para análise adotado nesta pesquisa consistiu na replicação parcial da metodologia de análise das pausas iguais ou superiores a cinco segundos identificadas no arquivo log gerado pelo Translog©, a qual fora introduzida por Machado e Alves (2007), no que toca à orientação inicial e à orientação em tempo real, e por Batista e Alves (2007), com relação à revisão final e à revisão em tempo real. O processo de tradução dos sujeitos sob escrutínio foi estudado considerando-se as seguintes variáveis dependentes, que podem ser correlacionadas com a noção de durabilidade (ALVES; GONÇALVES, 2007): pausas (ALVES, 2005) (número de ocorrências; duração por ocorrência e duração total, juntamente com as médias e os desvios

padrões, além dos valores máximos e mínimos) e recursividade (BUCHWEITZ; ALVES, 2006) atrelada a essas pausas (considerando-se o número de ocorrências de recursão para correção ortográfica, para substituição de decisões provisórias imediatamente descartadas e para a alteração de soluções duráveis), além de verificação qualitativa do(s) tipo(s) de apoio interno e/ou externo utilizado(s) para cada ocorrência de pausa. Os resultados desta pesquisa apontam características do perfil estudado que corroboraram dados de Silva e Pagano (2007) em relação a pausas indicativas de orientação, verificando-se impacto da variável *conhecimento de domínio* em relação ao número de ocorrências e à duração das pausas de orientação. Os resultados também indicam que os expertos não-tradutores apresentaram tendências comparáveis àquelas do perfil dos tradutores profissionais analisados por Machado e Alves (2007) e Batista e Alves (2007) no que diz respeito às fases do processo tradutório e, mais especificamente, à alocação de pausas de orientação e de revisão em tempo real associadas a mecanismos de apoio interno e/ou externo. A pesquisa evidenciou ainda a presença de teclas ou movimentos de recursão (sobretudo indicativas de correções ortográficas durante ou imediatamente após uma solução provisória) atrelados a pausas de orientação (e não de revisão) entre os sujeitos sob escrutínio. Alguns dos achados – especialmente o tempo dedicado à fase de orientação inicial, a variedade de apoios internos/externos de orientação em tempo real e o número de pausas na fase de revisão final – também apontam, tal qual observado por Silva e Pagano (2007) para a mesma amostra, o perfil diferenciado de um dos sujeitos, em razão de uma tarefa mais durável e de um nível superior de desempenho.

ABSTRACT

This thesis reports on an ongoing project EXPERT@ – *Expert knowledge in translation: modeling peak performance* (CNPq 479340/2006-4), developed at LETRA (Laboratory for Experimentation in Translation), at Faculdade de Letras, UFMG. It approaches the initial orientation and end revision phases, as well as online orientation and online revision pauses (and respective external and internal supports) from data pertaining to two translation tasks carried out under experimental conditions by four medicine expert researchers. Drawing on the data collected and partially analyzed by Silva and Pagano (2007), this study probes the impact of domain knowledge (SCARDAMALIA; BEREITER, 1991) upon orientation (MACHADO; ALVES, 2007) and revision (BATISTA; ALVES, 2007) in the performance by these expert non-translators for the accomplishment of a translation task. Data collection, as described in detail in Silva & Pagano, consisted of: (i) a semi-structured interview, (ii) two translation tasks of research article introductions from Portuguese into English (one of them from a domain-specific text and the other from an adjacent domain), and (iii) retrospective recall protocols collected right after the completion of each translation task. The tasks were recorded by means of a keylogging software (Translog©) and a screen-logging software (Camtasia©), complemented with observational notes by the researchers conducting the experiment (PACTE, 2005). Data analysis is partly based on the methodology in Machado and Alves (2007) and Batista and Alves (2007), working on pauses equal to or longer than five seconds in Translog© log files. The dependent variables in the study, related to the notion of durability (ALVES; GONÇALVES, 2007), were: pauses (number of occurrences, time duration per occurrence, and total time duration, alongside means and standard-deviation, as well as maximal and minimum values) (ALVES, 2005), recursiveness (BUCHWEITZ; ALVES, 2006) correlated to pauses (number of occurrences due to spell-checking, attempted and discarded solutions, and revision of implemented solutions), and examination of the types of external and/or internal support resorted to for each pause. The results point out expert non-translators' characteristics that corroborate issues discussed in Silva and Pagano (2007) concerning domain knowledge impact on the number of occurrences and the time duration of online orientation pauses. The results also suggest tendencies among these subjects that are comparable to the subjects investigated in both Machado and Alves (2007) and Batista and Alves (2007), those being related to the phases of the translation process and, more specifically, to the internal and/or external supports correlated to each online orientation and

online revision pause. Moreover, for the expert non-translators under scrutiny recursiveness (especially due to spellchecking or prompt substitution of attempted solutions) was proved to correlate to orientation (rather than revision) pauses found in the translation process. Some of the findings—particularly time spent for initial orientation, the variety of internal/external supports related to online orientation pauses, and the number of pauses in the end revision phase—single out one the subjects in the study, also singled out in Silva and Pagano (2007), suggesting a more durable task and a higher level of expert performance on his part.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

FIGURA 1 – Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às quatro categorias de seqüências de ações relacionadas à orientação	35
FIGURA 2 – Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às quatro categorias de seqüências de ações relacionadas à revisão	38
FIGURA 3 – Representação linear do Translog© para S3C1	50
FIGURA 5 – Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às oito categorias de seqüências de ações	52
FIGURA 6 – Arquivo .avi do Camtasia© referente à primeira tarefa tradutória realizada por S1	54

GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Número total de pausas de orientação em tempo real por sujeito e por tarefa	75
GRÁFICO 2 – Número total de pausas de revisão em tempo real por sujeito e por tarefa	97
GRÁFICO 3 – Tempo relativo das fases de orientação, redação e revisão quando da realização da tarefa cujo <i>conhecimento de domínio</i> demandado é correlata à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr)	123
GRÁFICO 4 – Tempo relativo das fases de orientação, redação e revisão quando da realização da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos (TNCorr)	125
GRÁFICO 5 – Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação de TCorr	155
GRÁFICO 6 – Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação da TNCorr	156
GRÁFICO 7 – Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação no Translog©	157
GRÁFICO 8 – Duração total das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação da TCorr	157

GRÁFICO 9 – Duração total das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação da TNCorr	158
GRÁFICO 10 – Duração percentual das pausas de revisão em tempo real (em segundos) em relação ao tempo total despendido com a tarefa tradutória no Translog ©	158
GRÁFICO 11 – Duração percentual das pausas de revisão em tempo real (em segundos) em relação ao tempo total despendido com a tarefa tradutória na TCorr	159
GRÁFICO 12 – Duração percentual das pausas de revisão em tempo real (em segundos) em relação ao tempo total despendido com a tarefa tradutória na TNCorr	159
GRÁFICO 13 – Tamanho médio das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real para cada um dos sujeitos na TCorr	160
GRÁFICO 14 – Tamanho médio das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real para cada um dos sujeitos na TNCorr	160
GRÁFICO 15 – Total de apoios internos e externos de orientação durante a fase de redação dos expertos não-tradutores na TCorr	161
GRÁFICO 16 – Total de apoios internos e externos de orientação durante a fase de redação dos expertos não-tradutores na TNCorr	161
GRÁFICO 17 – Total de apoios internos e externos de orientação durante a fase de redação dos sujeitos profissionais no Translog©	162
GRÁFICO 18 – Porcentagem do tempo dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final e as fases de orientação inicial e redação na coleta realizada no Translog©	163
GRÁFICO 19 – Porcentagem do tempo dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final e às fases de orientação inicial e redação durante a realização da TCorr	163
GRÁFICO 20 – Porcentagem do tempo dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final e às fases de orientação inicial e redação durante a realização da TNCorr	164

QUADROS

QUADRO 1 – Hipóteses, perguntas específicas e objetivos específicos em relação à fase de orientação	24
QUADRO 2 – Hipóteses, perguntas específicas e objetivos específicos em relação à fase de revisão	24

QUADRO 3 – Hipóteses, perguntas específicas e objetivos específicos em relação à fase de orientação e revisão	25
QUADRO 4 – Realização das tarefas tradutórias pelos quatro sujeitos expertos não-tradutores	41
QUADRO 5a – Informações dos questionários referentes a dados pessoais e formação acadêmica, experiência profissional, atividades de pesquisa e hábitos de leitura e redação (continua...)	44
QUADRO 6 – Classificação das pausas e dos apoios, seguidos dos respectivos mecanismos de identificação	52
QUADRO 7 – Organização dos dados referentes às pausas	57
QUADRO 8 – Exemplo de tabulação dos dados sobre recursividade na TCorr	58
QUADRO 9 – Quadro-resumo dos tipos de análise realizadas por fase do processo tradutório	59
QUADRO 10 – Quadro-Resumo geral sobre a fase de orientação inicial	63
QUADRO 11 – Tipo de pausa, duração da pausa e tipos de apoio utilizados por sujeito quando da fase de orientação inicial na realização da TCorr (tarefa correlata à subárea de atuação do sujeito)	63
QUADRO 12 – Tipo de pausa, duração da pausa e tipos de apoio utilizado por sujeito quando da fase de orientação para a realização da TNCorr (tarefa não-correlata com a subárea de atuação do sujeito)	65
QUADRO 13 – Quadro-Resumo para a subseção 3.1.1	66
QUADRO 14 – Quadro-Resumo geral sobre a fase de redação	68
QUADRO 15 – Quadro-Resumo geral sobre o número e a duração das pausas	73
QUADRO 16 – Quadro-Resumo geral sobre o número e a duração das pausas de orientação	76
QUADRO 17 – Quadro-Resumo geral sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de orientação em tempo real na fase de redação da TCorr e da TNCorr	95
QUADRO 18 – Quadro-Resumo geral sobre o número e a duração das pausas de revisão em tempo real	98

QUADRO 19 – Quadro-Resumo geral sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de revisão em tempo real na fase de redação da TCorr e da TNCorr	113
QUADRO 20 – Quadro-Resumo geral sobre a recursividade na TCorr e na TNCorr	116
QUADRO 21 – Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio	119
QUADRO 22 – Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio na TNCorr	122
QUADRO 23 – Quadro-Resumo geral sobre a fase de revisão final	126
QUADRO 24 – Quadro-Resumo geral sobre o número total de pausas de revisão	128
QUADRO 25 – Quadro-Resumo geral sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de revisão final na TCorr e na TNCorr	141
QUADRO 26 – Quadro-Resumo geral sobre a recursividade na fase de revisão da TCorr e da TNCorr	145
QUADRO 27 – Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio na TCorr	146
QUADRO 28 – Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio na TNCorr	148

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Distribuição relativa das fases de orientação, redação e revisão e tempo total despendido para a tradução dos textos cujo <i>conhecimento de domínio</i> demandado é correlato à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr) e dos textos cujo <i>conhecimento de domínio</i> demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos (TNCorr)	62
TABELA 2 – Distribuição relativa da fase de redação e tempo total despendido para a tradução dos textos cujo <i>conhecimento de domínio</i> demandado é correlato à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr) e dos textos cujo <i>conhecimento de domínio</i> demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos (TNCorr)	67
TABELA 3 – Pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real, consideradas em conjunto, durante a fase de redação por sujeito	69
TABELA 4 – Duração média (em segundos) das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real para cada um dos sujeitos e dos sujeitos considerados como um todo	70
TABELA 5 – Duração média (em segundos) das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real para cada um dos sujeitos na TCorr e na TNCorr	71
TABELA 6 – Número total e duração total das pausas de orientação em tempo real por sujeito e por tarefa	75
TABELA 7 – Tipos de apoio interno/externo de orientação em tempo real observados durante a fase de redação da TCorr	77
TABELA 8 – Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de orientação em tempo real durante a fase de redação da tarefa tradutória cujo conhecimento de domínio demandado é correlato à subárea de atuação de S1, S2, S3 e S4	78
TABELA 9 – Tipos de apoio interno/externo de orientação em tempo real observados durante a fase de redação da TNCorr	86
TABELA 10 – Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de orientação em tempo real durante a fase de redação da TNCorr	87
TABELA 11 – Médias e desvios padrões das pausas de orientação em tempo real concernentes a cada tipo apoio durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr	94
TABELA 12 – Número total de pausas de revisão em tempo real por sujeito e por tarefa	96
TABELA 13 – Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real relacionados à TCorr	99
TABELA 14 – Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de revisão em tempo real durante a fase de redação da TCorr	

-----	100
TABELA 15 – Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real relacionados à TNCorr	
-----	105
TABELA 16 – Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de revisão em tempo real durante a fase de redação da TNCorr	
-----	106
TABELA 17 – Médias e desvios padrões das pausas apoio de revisão em tempo real concernentes a cada tipo apoio durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr	

Erro! Indicador não definido.	
TABELA 18 – Tipos de recursão utilizados por S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr	
-----	114
TABELA 19 – Total de tipos de recursão utilizados por S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr	
-----	115
TABELA 20 – Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TCorr	
-----	117
TABELA 21 – Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TNCorr	
-----	120
TABELA 22 – Total de número de pausas de revisão por sujeito na TCorr e TNCorr	
-----	127
TABELA 23 – Tipos de apoio interno/externo de revisão relacionados à TCorr	
-----	129
TABELA 24 – Tipos de apoio interno/externo de orientação relacionados à TCorr	
-----	132
TABELA 25 – Tipos de apoio interno/externo de revisão relacionados à TNCorr	
-----	136
TABELA 26 – Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TCorr e da TNCorr	
-----	142
TABELA 27 – Total de tipos de pausas associadas com recursão de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TCorr e da TNCorr	
-----	144
TABELA 28 – Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TCorr	
-----	145
TABELA 29 – Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TNCorr	
-----	147
TABELA 30 – Número total de pausas na TCorr e TNCorr	
-----	153
TABELA 31 – Número total de segmentos e de pausas na TCorr e TNCorr	
-----	154
TABELA 32 – Número de ocorrências de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real na TCorr e na TNCorr	
-----	155
TABELA 33 – Número total de pausas dos expertos não-tradutores na TCorr e na TNCorr e dos sujeitos profissionais de Batista e Machado (2007)	
-----	164

TABELA 34 – Tipos de apoio interno/externo de revisão relacionados à TCorr e à TNCorr	165
TABELA 35 – Número de pausas e apoios utilizados no Translog©.	166

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEDO	:	APOIO EXTERNO DOMINANTE DE ORIENTAÇÃO
AEDR	:	APOIO EXTERNO DOMINANTE DE REVISÃO
AESO	:	APOIO EXTERNO SIMPLES DE ORIENTAÇÃO
AESR	:	APOIO EXTERNO SIMPLES DE REVISÃO
AF	:	ANEMIA FALCIFORME
AIDO	:	APOIO INTERNO DOMINANTE DE ORIENTAÇÃO
AIDR	:	APOIO INTERNO DOMINANTE DE REVISÃO
AISO	:	APOIO INTERNO SIMPLES DE ORIENTAÇÃO
AISR	:	APOIO INTERNO SIMPLES DE REVISÃO
C1	:	COLETA 1
C2	:	COLETA 2
CORPRAT	:	CORPUS PROCESSUAL PARA ANÁLISES TRADUTÓRIAS
DC	:	DOENÇA DE CHAGAS
FALE	:	FACULDADE DE LETRAS
FIG.	:	FIGURA
G	:	GRUPO
GRAF.	:	GRÁFICO
LETRA	:	LABORATÓRIO EXPERIMENTAL DE TRADUÇÃO
LTO	:	LEITURA DO TEXTO ORIGINAL
NLM	:	NATIONAL LIBRARY OF MEDICINE
NUPAD	:	NÚCLEO DE AÇÕES E PESQUISA EM APOIO DIAGNÓSTICO
O	:	ORAÇÃO
P	:	PALAVRA
P1	:	PESQUISADOR 1 (IGOR ANTÔNIO LOURENÇO DA SILVA)
P2	:	PESQUISADOR 2 (KELEN CRISTINA SANT'ANNA DE LIMA)
P3	:	PESQUISADOR 3 (MARIA LUISA DE OLIVEIRA)
PACTE	:	PROCESS IN THE ACQUISITION OF TRANSLATION COMPETENCE AND EVALUATION
PET	:	PAUSA EXTRATAREFA DE TRADUÇÃO
PO	:	PAUSA DE ORIENTAÇÃO
POP	:	PAUSA OPERACIONAL
POR	:	PAUSA DE ORIENTAÇÃO EM TEMPO REAL
POSLIN	:	PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
PR	:	PAUSA DE REVISÃO

PRR : PAUSA DE REVISÃO EM TEMPO REAL
 S11 SUJEITO 1 (Tradutor profissional - BATISTA; ALVES, 2007; MACHADO;ALVES, 2007)
 S12 SUJEITO 2 (Tradutor profissional - BATISTA; ALVES, 2007; MACHADO;ALVES, 2007)
 S13 SUJEITO 3 (Tradutor profissional - BATISTA; ALVES, 2007; MACHADO;ALVES, 2007)
 S14 SUJEITO 4 (Tradutor profissional - BATISTA; ALVES, 2007; MACHADO;ALVES, 2007)
 S15 SUJEITO 5 (Tradutor profissional - BATISTA; ALVES, 2007; MACHADO;ALVES, 2007)
 S : SENTENÇA
 S1 : SUJEITO 1 (EXPERTO EM ANEMIA FALCIFORME)
 S1C1 : SUJEITO 1, COLETA 1
 S1C2 : SUJEITO 1, COLETA 2
 S2 : SUJEITO 2 (EXPERTO EM DOENÇA DE CHAGAS)
 S2C1 : SUJEITO 2, COLETA 1
 S2C2 : SUJEITO 2, COLETA 2
 S3 : SUJEITO 3 (EXPERTO EM ANEMIA FALCIFORME)
 S3C1 : SUJEITO 3, COLETA 1
 S3C2 : SUJEITO 3, COLETA 2
 S4 : SUJEITO 4 (EXPERTO EM DOENÇA DE CHAGAS)
 S4C1 : SUJEITO 4, COLETA 1
 S4C2 : SUJEITO 4, COLETA 2
 SEGTRAD : PROJETO SEGMENTAÇÃO COGNITIVA E SISTEMAS DE MEMÓRIA DE TRADUÇÃO:
 INTERFACES ENTRE O DESEMPENHO DO TRADUTOR E A TRADUÇÃO ASSISTIDA
 POR COMPUTADOR
 SMT : SISTEMA DE MEMÓRIA DE TRADUÇÃO
 TCat : SEGMENTO TRANSCATEGORIAL
 TCorr : Tarefa cujo texto demanda conhecimento de domínio congruente à subárea de atuação do sujeito
 TNCorr : Tarefa cujo texto demanda conhecimento de domínio não-correlato com a subárea de expertise
 do sujeito
 TS : SEGMENTO TRANSENTENCIAL
 UFMG : UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	21
2 REVISÃO DA LITERATURA	26
2.1 O conhecimento experto em tradução e o conhecimento de domínio.....	26
2.2 O processo tradutório	29
2.2.1 Definição das pausas de orientação e revisão.....	33
2.2.2 Processos de orientação inicial e orientação em tempo real.....	33
2.2.3 Processos de revisão em tempo real e final	37
3 METODOLOGIA.....	41
3.1 Procedimentos de Coleta	41
3.1.1 Perfil dos informantes.....	42
3.1.2 Textos	46
3.1.3 Coleta.....	46
3.2 Procedimentos de análise.....	48
3.2.1 Dados gerados a partir do Translog©, com o aporte de ferramentas complementares	49
3.2.2 Organização dos dados	56
4 ANÁLISE DOS DADOS.....	61
4.1 Fase de Orientação Inicial	61
4.1.1 Pausas e tipos de apoio	63
4.2 Fase de Redação	67
4.2.1 Identificação e quantificação das pausas	68
4.2.1.1 Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação.....	69
4.2.1.2 Pausas de orientação em tempo real e os respectivos apoios	73
4.2.1.2.1 Número total de pausas de orientação em tempo real	75
4.2.1.2.2 Tipos de apoio relacionado a cada pausa de orientação em tempo real	77
4.2.1.3 Pausas de revisão em tempo real e os respectivos apoios	95
4.2.1.3.1 Número total de pausas de revisão em tempo real	96
4.2.1.3.2 Apoio relacionado a cada pausa de revisão em tempo real.....	100
4.2.2 Recursividade durante a fase de redação.....	114
4.2.2.1 A recursividade na TCorr	117
4.2.2.2 A recursividade na TNCorr	120

4.3 Fase de Revisão Final.....	123
4.3.1 Identificação e quantificação das pausas de revisão final	126
4.3.1.1 Pausas de revisão final e os respectivos apoios.....	126
4.3.1.1.1 Número total de pausas de revisão final.....	126
4.3.1.1.2 Apoio relacionado a cada pausa de revisão final.....	129
4.3.2 Recursividade durante a fase de revisão.....	142
4.3.2.1 Recursividade durante a fase de revisão da TCorr	145
4.3.2.2 Recursividade durante a fase de revisão da TNCorr	147
5 DISCUSSÃO DOS DADOS	149
5.1 Fase de orientação inicial	149
5.2 Fase de redação.....	152
5.3 Fase de revisão final	162
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	176
ANEXOS.....	179

1 INTRODUÇÃO

Traduzir é a tarefa mais delicada e difícil que existe... Ora isso exige que o tradutor seja também escritor - e escritor decente.

Monteiro Lobato

Nos estudos da tradução, alguns grupos/projetos de pesquisa vêm desenvolvendo estudos relacionados à abordagem processual¹, visando investigar os processos cognitivos envolvidos na tradução de um texto. A dissertação em tela está inserida no âmbito do projeto Expert@ - *Conhecimento experto em tradução: modelagem do processo tradutório em altos níveis de desempenho*, que enfoca, dentre outros aspectos, a interface entre os estudos da tradução e os estudos sobre expertise e desempenho experto. Apesar da tradição dos estudos sobre expertise e desempenho experto em domínios diversos – desde os mais diferenciados do uso da linguagem, como o xadrez (GOBERT; CHARNESS, 2006. p. 523-538) e a medicina (NORMAN *et al.*, 2006. p. 339-354), aos mais próximos, como a interpretação oral (ERICSSON, 2000; 2001) –, ainda são incipientes os estudos acerca do conhecimento experto em tradução, principalmente no que diz respeito ao mapeamento de possíveis perfis de desempenho nesse domínio (JAKOBSEN, 2004)².

Shreve (2005) advoga explicitamente a necessidade de se desenvolver uma interface entre os estudos sobre expertise e desempenho experto e os estudos da tradução. No LETRA, diversas pesquisas (MACHADO; ALVES, 2007; BATISTA; ALVES, 2007; SILVA; PAGANO, 2007; BRAGA; PAGANO, 2007; BUCHWEITZ; ALVES, 2006; CAMPOS; ALVES, 2005) têm abordado o processo tradutório e fornecido resultados de interesse para uma abordagem de expertise em tradução. Mais recentemente, as pesquisas do laboratório têm incorporado o referencial teórico dos estudos de expertise, como é o caso do trabalho de Silva e Pagano (2007), no qual é feita uma análise processual do desempenho de pesquisadores expertos não-tradutores – um perfil de sujeito escassamente estudado nos estudos do processo tradutório –,

¹ Os grupos de pesquisa destacados na investigação dos aspectos processuais da tradução são: i) CRITT (*Center for Research and Innovation in Translation and Translation Technology*); II) LETRA (*Laboratório Experimental de Tradução*); iii) EXPERTISE (*Expert Probing through Empirical Research on Translation Processes*); iv) PACTE (*Proceso de Adquisición de la Competencia Traductora y Evaluación*); v) GEDLC (*Grupo de Estructuras de Datos y Lingüística Computacional*); e vi) TransComp (*The Development of Translation Competence*). Disponível em: <http://www.petrweb.org/links.htm>.

² JAKOBSEN, A. L. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL COGNIÇÃO, DISCURSO E CULTURA NOS ESTUDOS DA TRADUÇÃO, 2004, Belo Horizonte, MG. Informação verbal.

fornecendo dados importantes para as pesquisas sobre o conhecimento experto em tradução. Os resultados dessa pesquisa apontam que há impacto significativo do conhecimento de domínio sobre a recursividade (ALVES, 2005; BUCHWEITZ; ALVES, 2006) e sobre o tempo reservado à fase de orientação (JAKOBSEN, 2002), bem como que a representação da tarefa (CHI, 2006) em níveis maiores de abstração é um indicador passível de ser correlacionado à segmentação (DRAGSTED, 2004) e equacionado com tarefas mais duráveis. Além disso, Silva e Pagano (2007) sugerem que algumas das características de um dos sujeitos sob escrutínio o aproximam de uma configuração de desempenho típica do perfil de tradutores expertos.

Considerando-se os achados e os possíveis desdobramentos do trabalho desenvolvido por Silva e Pagano (2007), a presente pesquisa visou, a exemplo de trabalhos com base nos índices de pausas já desenvolvidos no LETRA, junto a tradutores profissionais, aprofundar a análise da orientação inicial e em tempo real (MACHADO; ALVES, 2007) e da revisão em tempo real e final (BATISTA; ALVES, 2007) dos processos tradutórios de quatro sujeitos expertos não-tradutores.³ Nesse sentido, replicou-se, para a presente dissertação, parte da metodologia de análise aplicada por Machado e Alves (2007) e por Batista e Alves (2007), de modo a analisar a orientação inicial e em tempo real, bem como a revisão em tempo real e final das tarefas tradutórias dos sujeitos expertos não-tradutores, tendo como foco o impacto do conhecimento de domínio, variável independente da coleta de dados analisada em Silva e Pagano (2007). Buscou-se, com isso, verificar se o conhecimento de domínio teve impacto sobre esses aspectos do processo tradutório, uma vez que tal análise não foi detalhadamente desenvolvida por Silva e Pagano (2007). Além disso, resguardando-se as diferenças de direção, de tipo de texto e de tamanho dos textos, procurou-se também comparar esses resultados, em termos de tendências, com aqueles referentes a tradutores profissionais – tal qual apresentado por Batista e Alves (2007) e Machado e Alves (2007).

Dessa forma, a natureza do processo de tradução dos sujeitos sob escrutínio foi estudada considerando-se as seguintes variáveis dependentes, que podem ser correlacionadas com a durabilidade: (i) pausas (ALVES, 2005), em termos de número de ocorrências, de duração, de média e de desvio padrão e (ii) tipo(s) de apoio interno e/ou externo a que os sujeitos

³ Esses dois trabalhos foram desenvolvidos no âmbito do projeto *Segmentação Cognitiva e Sistemas de Memória de Tradução: interfaces entre o desempenho do tradutor e a tradução assistida por computador* - SEGTRAD (CNPq/PQ 301270/2005-8), coordenado pelo Prof. Dr. Fábio Alves e desenvolvido no Laboratório Experimental de Tradução (LETRA) da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

recorrem para cada ocorrência de pausa. Às variáveis pausas e tipos de apoio analisadas por Batista e Alves (2007) e por Machado e Alves (2007), acrescentou-se a investigação da (iii) recursividade (ALVES, 2005; BUCHWEITZ; ALVES, 2006) associadas às pausas, identificando-se instâncias de correção ortográfica, alteração imediata de soluções provisórias e substituição de soluções duráveis que também são indicativos da durabilidade da tarefa tradutória.

Para o estudo empírico-experimental visando aferir essas três variáveis, partiu-se do pressuposto de que as pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real ocorrem de modo tal que os sujeitos expertos não-tradutores se orientam e resolvem problemas relativos à tarefa tradutória com base em mecanismos cognitivos de apoio interno e/ou de apoio externo, sendo possível comparar o perfil do experto não-tradutor com outros perfis de tradutores, de acordo com o perfil dos sujeitos analisados por Machado e Alves (2007) e por Batista e Alves (2007). Com base nesse pressuposto, tomou-se como ponto de partida o trabalho de Silva e Pagano (2007), cuja hipótese geral é que a inserção da variável de conhecimento de domínio pode afetar a orientação inicial e em tempo real, bem como a revisão final e em tempo real dos sujeitos expertos não-tradutores (*i.e.*, em termos de pausa, de recursividade e de tipo de apoio buscado ao longo do processo tradutório). A partir dessa hipótese geral, foram elaboradas, conforme apresentado nos Quadro 1, Quadro 2 e Quadro 3, a seguir, as hipóteses que determinaram as perguntas específicas da pesquisa em foco, bem como seus objetivos específicos. Essas hipóteses estão subdivididas entre aquelas relativas à orientação (Quadro 1), aquelas referentes à revisão (Quadros 2) e aquelas relativas às duas fases (Quadro 3).

QUADRO 1

Hipóteses, perguntas específicas e objetivos específicos em relação à fase de orientação

	Hipóteses	Perguntas específicas	Objetivos específicos
Em relação à orientação	As características específicas das pausas encontradas durante a orientação em tempo real tendem a ser diferentes, devido à inserção da variável conhecimento de domínio, distintas em cada tarefa tradutória.	Qual o impacto da inserção da variável conhecimento de domínio nas pausas de orientação em tempo real, observados por meio de pausas e de instâncias sinalizadoras de apoio interno e/ou apoio externo?	Aferir em que medida a inserção da variável conhecimento de domínio interfere na qualidade das pausas dos expertos não-tradutores e nos mecanismos de apoio interno e/ou externo empregados durante sua orientação em tempo real.
	Os sujeitos apresentam, para cada tarefa tradutória, um padrão diferenciado de acionamento de teclas de recursão e de movimentos de <i>mouse</i> ou cursor (indicativos de recursividade), que podem ser correlacionados com suas pausas de orientação, sendo esses movimentos ativados em razão de distintas necessidades de correção ortográfica, alteração imediata de soluções provisórias ou substituição de soluções duráveis durante a fase de redação.	A realização de uma tarefa tradutória correlata à subárea de atuação do sujeito evidencia um padrão de recursividade associado às pausas de orientação diferenciado com relação àquele verificado no processo tradutório de uma tarefa cujo texto demanda conhecimento de domínio não-correlato com a subárea de atuação do sujeito?	Verificar como o sujeito experto não-tradutor controla, em termos de recursividade associada às pausas de orientação, o seu processo tradutório, quando da realização de uma tarefa cujo conhecimento de domínio demandado é congruente e quando esse conhecimento não é correlato com a sua subárea de atuação.

QUADRO 2

Hipóteses, perguntas específicas e objetivos específicos em relação à fase de revisão

	Hipóteses	Perguntas específicas	Objetivos específicos
Em relação à revisão	As características específicas das pausas encontradas durante a revisão em tempo real tendem a ser diferentes, devido à inserção da variável conhecimento de domínio, distintas em cada tarefa tradutória.	Qual o impacto da inserção da variável conhecimento de domínio nas pausas de revisão em tempo real, observados por meio de pausas e de instâncias sinalizadoras de apoio interno e/ou apoio externo?	Aferir em que medida a inserção da variável conhecimento de domínio interfere na qualidade das pausas dos expertos não-tradutores e nos mecanismos de apoio interno e/ou externo empregados durante sua revisão em tempo real.
	Os sujeitos apresentam, para cada tarefa tradutória, um padrão diferenciado de acionamento de teclas de recursão e de movimentos de <i>mouse</i> ou cursor (indicativos de recursividade) que podem ser correlacionados com suas pausas de revisão, sendo esses movimentos ativados em razão de distintas necessidades de correção ortográfica, alteração imediata de soluções provisórias ou substituição de soluções duráveis durante a fase de redação.	A realização de uma tarefa tradutória correlata à subárea de atuação do sujeito evidencia um padrão de recursividade associado às pausas de revisão diferenciado com relação àquele verificado no processo tradutório de uma tarefa cujo texto demanda conhecimento de domínio não correlato com a subárea de atuação do sujeito?	Verificar como o sujeito experto não-tradutor controla, em termos de recursividade associada às pausas de revisão, o seu processo tradutório, quando da realização de uma tarefa cujo conhecimento de domínio demandado é congruente e quando esse conhecimento não é correlato com a sua subárea de atuação.

QUADRO 3

Hipóteses, perguntas específicas e objetivos específicos em relação à fase de orientação e revisão

Hipóteses	Perguntas específicas	Objetivos específicos
Os dados encontrados acerca das pausas, dos tipos de apoio e da recursividade referentes à orientação e revisão dos sujeitos indicam questões que podem ser correlacionadas com os resultados encontrados por Silva e Pagano (2007), sobretudo no que diz respeito à durabilidade e ao perfil diferenciado de um dos sujeitos da amostra.	<p>1) Em que medida os dados encontrados convergem ou divergem com relação aos resultados apresentados por Silva e Pagano (2007).</p> <p>2) Em que medida os dados encontrados nesta pesquisa apontam para o perfil diferenciado de um dos sujeitos?</p>	<p>1) Apresentar pontos de convergência e divergência entre este trabalho e aquele de Silva e Pagano (2007), destacando-se questões de durabilidade.</p> <p>2) Acrescentar características no rol de fatores atrelados à durabilidade que podem apontar para uma configuração próxima de um perfil de desempenho experto</p>

Visando a responder a essas perguntas de pesquisa, esta dissertação se estrutura em cinco capítulos, além desta Introdução. No capítulo 2, apresenta-se uma revisão teórica dos estudos processuais da tradução e dos estudos sobre expertise e desempenho experto. No capítulo 3, descrevem-se as metodologias de coleta e de análise dos dados. O capítulo 4 mostra os dados analisados, destacando os principais tipos de apoio utilizados pelos sujeitos em estudo, levando-se em consideração o conhecimento de domínio. No capítulo 5, os dados apresentados anteriormente são discutidos com base nas teorias revisadas no capítulo 2; e, finalmente, o capítulo 6 contém as considerações finais sobre os achados da pesquisa, bem como as suas limitações e perspectivas para pesquisas futuras.

2 REVISÃO DA LITERATURA

Neste capítulo, serão apresentados os conceitos, as pesquisas e as fundamentações teóricas provenientes dos estudos da tradução e dos estudos sobre expertise e desempenho experto.

2.1 O conhecimento experto em tradução e o conhecimento de domínio

Os estudos sobre o conhecimento experto começaram na década de 60, e, a partir de então, um crescente número de pesquisas interessadas no mapeamento da expertise (ERICSSON, 2006) vem sendo desenvolvido. Em 2006, Ericsson *et al.* publicaram *The Cambridge Handbook of Expertise and Expert Performance*, o qual pode ser considerado uma sinalização da consolidação desse campo disciplinar. Esse livro apresenta um histórico dos estudos sobre expertise e desempenho experto, reúne trabalhos que investigam o conhecimento experto e apresenta capítulos sobre a aquisição da expertise em diferentes áreas.

Entretanto, ainda há poucos estudos acerca do conhecimento experto em tradução, principalmente no que diz respeito ao mapeamento de possíveis perfis de desempenho nesse domínio (JAKOBSEN, 2004). Shreve (2005) propõe uma interface entre os estudos sobre expertise e desempenho experto e os estudos da tradução. De acordo com o autor, é possível desenvolver a competência tradutória (conceito dos estudos da tradução) a partir do engajamento em atividades bem definidas que culminam em um desempenho superior, ou seja, a partir da prática deliberada (conceito dos estudos sobre expertise e desempenho experto). Ericsson (2002) define a prática deliberada como um conjunto de atividades bem-definidas (*well-defined tasks*), nas quais há o engajamento por parte do sujeito nas tarefas especialmente designadas para melhorar seu desempenho em um dado domínio do conhecimento. Contudo, a aplicação da prática deliberada à atividade de tradução é mais complexa que em outros domínios (*e.g.*, xadrez, música), pois a tradução constitui um problema mal-definido (*ill-defined task*) (CHI, 1997) por envolver distintas habilidades/competências, tais como a leitura e a produção de textos. Em relação à produção de textos, Scardamalia e Bereiter (1991) declaram que a expertise nesse domínio refere-se a um processo dialético no qual o sujeito está apto tanto a deduzir a partir de seu conhecimento

de domínio e discursivo para resolver um problema particular quanto a aprender a partir de um caso individual para reformular seu conhecimento de domínio e discursivo. Esses autores definem o conhecimento de domínio como sendo um conhecimento que o indivíduo adquiriu sobre um conteúdo ou uma área de interesse. Já o conhecimento discursivo seria um conhecimento que se refere a problemas de produção textual, situado no espaço retórico da produção textual.

Scardamalia e Bereiter (1991) citam algumas características relevantes ao desempenho de expertos no que diz respeito à produção textual e leitura. Segundo os autores, os expertos tendem a precisar de mais tempo e a despender maior esforço que os novatos no planejamento de sua produção textual, sobretudo no que toca à resolução de problemas e à tomada de decisão durante a execução de uma tarefa. Compete observar que essa característica apontada por Scardamalia e Bereiter (1991) vai de encontro a uma daquelas (i.e., a primeira apresentada a seguir) identificadas por Glaser e Chi (1988) e reformuladas por Chi (2006). Consoante Chi (2006), são aspectos que caracterizam a excelência de um experto o fato de que estes:

- (i) geram a melhor solução de modo mais rápido e preciso que não-expertos;
- (ii) podem detectar e ver aspectos que os novatos não conseguem, sendo capazes de perceber a estrutura profunda de um problema ou situação;
- (iii) despendem grande parte do tempo analisando um problema qualitativamente, desenvolvendo uma representação de um problema que inclui várias restrições gerais e específicas do domínio ao problema;
- (iv) têm habilidades de automonitoramento mais precisas em termos de habilidade para detectar os erros;
- (v) são mais bem-sucedidos em escolher as estratégias mais apropriadas do que novatos; além disso, não apenas sabem qual estratégia ou procedimento é mais apropriada para dada situação, mas também tendem mais a usar as estratégias que mais frequentemente se mostraram eficientes;
- (vi) fazem uso de quaisquer fontes de informação relevantes disponíveis enquanto resolvem problemas; e
- (vii) conseguem recuperar conhecimento e estratégias relevantes a um domínio com mínimo esforço cognitivo.⁴

Sabe-se que o conhecimento experto não é transferível de um domínio a outro. Desse modo, ao se deparar com uma tradução que não seja correlata à sua área de conhecimento, o desempenho do sujeito pode ser menos eficiente. Conforme aponta Shreve (2005), quando o tradutor desenvolve expertise após alguns anos de prática deliberada em um dado domínio,

⁴ In Silva e Pagano (2007, p. 41), tradução dos autores.

podem ocorrer mudanças cognitivas, aumentando, assim, a procedimentalização do conhecimento, o que leva a procedimentos automatizados e que demandam um menor esforço cognitivo. Entretanto, ainda assim, o autor não apresenta resultados de experimentos acerca do conhecimento experto em tradução, tampouco caracterização ou descrição de perfis de tradutores.

No capítulo 1 da dissertação “Conhecimento de domínio e resolução de tarefas tradutórias: uma análise processual do desempenho de pesquisadore(a)s experto(a)s não-tradutore(a)s”, Silva e Pagano (2007) realizaram uma análise processual do desempenho de pesquisadores expertos não-tradutores. Essa pesquisa forneceu dados relevantes para os trabalhos sobre o conhecimento experto em tradução, uma vez que foi realizada uma investigação sobre o efeito do conhecimento de domínio (SCARDAMALIA; BEREITER, 1991) nas tarefas tradutórias de quatro pesquisadores expertos da área de medicina (S1, S2, S3 e S4) vinculados a duas subáreas distintas do conhecimento (*i.e.*, hematologia e cardiologia, mais especificamente, anemia falciforme e doença de chagas). Cada sujeito realizou duas tarefas tradutórias, a saber: (i) uma tarefa dentro de sua subárea do conhecimento e (ii) uma tarefa que se distanciava de sua subárea de atuação.

Os resultados da pesquisa de Silva e Pagano (2007) mostraram que há impacto significativo do conhecimento de domínio sobre a recursividade (ALVES, 2005; BUCHWEITZ; ALVES, 2006) e sobre o tempo reservado à fase de orientação inicial (JAKOBSEN, 2002), um dos focos da presente pesquisa. Já o tamanho das pausas (ALVES, 2005) e o tipo de segmentação⁵ (DRAGSTED, 2004; 2005) dos sujeitos não sofreram maior impacto, de modo que somente a extensão dos segmentos foi afetada. Os resultados dessa pesquisa apontaram também que a qualidade das pausas e a representação da tarefa em ordens superiores, correlacionada com segmentos em ordens inferiores, contribuem para maior durabilidade da tarefa tradutória. De acordo com Silva e Pagano (2007), um dos sujeitos, S3, apresentou um perfil de desempenho diferenciado, sobretudo em razão da durabilidade de sua tarefa, atribuída tanto à representação⁶ e ao seu padrão de segmentação no nível do grupo em ambas as tarefas tradutórias quanto à coesão dos textos de chegada desse sujeito, aferida com base na Teoria da

⁵ Algumas considerações adicionais acerca da pesquisa de Dragsted (2004) e sobre as aplicações dessa pesquisa realizadas por Silva e Pagano (2007) serão tecidas ao final da subseção 2.2.1, a seguir.

⁶ A representação, de acordo com Chi (2006), reflete a organização, a profundidade e a consolidação e integração do conhecimento, e não apenas a sua extensão, sendo essas características evidenciadas, por exemplo, em capacidade de generalização, de identificação de princípios e propósitos e de estabelecimento de relações causais complexas.

Estrutura Retórica (TABOADA; MANN, 2006). Como demonstrado acima, verifica-se que os autores apresentaram um resultado de caráter empírico-experimental, por meio da análise de um experimento acerca do conhecimento experto em tradução, considerando o impacto do conhecimento de domínio no processo tradutório de cada sujeito e apresentando uma descrição do perfil de expertos não-tradutores.

Cabe salientar que o conhecimento de domínio, de acordo com Scardamalia e Bereiter (1991), corresponde ao conhecimento que o indivíduo detém sobre determinado conteúdo ou campo específico de interesse. Nesse sentido, Silva e Pagano (2007) consideraram que S1 e S3, expertos em hematologia, detinham conhecimento de domínio congruente com a tarefa cujo texto abordava a anemia falciforme, ao passo que S2 e S4, expertos em cardiologia, apresentavam conhecimento de domínio correlato com a tarefa cujo texto abordava a doença de Chagas.

2.2 O processo tradutório

Até meados da década de 90, a maior parte das teorias no campo disciplinar dos estudos da tradução enfocava o produto final das traduções. Todavia, nessa década, com a denominada “virada processual”, consolida-se a abordagem processual (FRASER, 1996). Nesse momento, determina-se uma mudança de perspectiva na qual os estudos sobre o processo tradutório são marcados por metodologias e métodos mais criteriosos e rigorosos que possibilitam a interface com outras áreas de pesquisa. Conseqüentemente, são propostos modelos empíricos, a fim de se alcançar tanto um rigor metodológico quanto teórico nos experimentos do processo tradutório. Pesquisadores sobre o processo tradutório começaram a realizar pesquisas cujos desenhos experimentais pudessem ser validados e comprovados, utilizando-se, para tanto, do aporte tecnológico fornecido por programas que registram o movimento de *mouse* e teclado (*keylogging*) como o Translog©, projetado para a coleta de dados quantitativos e qualitativos. Esse programa foi desenvolvido por Arnt Lykke Jakobsen (da Copenhagen Business School) e Lasse Schou, (JAKOBSEN; SCHOU, 1999), e sua utilização possibilita uma observação do processo tradutório da maneira como ele acontece em tempo real.

Dentro dessa preocupação com a validade interna (rigor metodológico) das pesquisas, pode-se apontar a triangulação, sugerida para pesquisas do processo tradutório por Jakobsen (1999,

2002, 2003) e implementada por Alves (2003) para coletas de dados empírico-experimentais. Ao utilizar dados qualitativos e quantitativos para observação do mesmo objeto de estudo, a triangulação permite uma análise mais detalhada e confiável dos dados coletados. Além disso, é importante observar a validade ecológica dos experimentos (ALVES, 2003), considerando-se que os experimentos projetados para mapear os aspectos cognitivos do tradutor em seu processo tradutório devem ser o menos intrusivo possível, na tentativa de se manter o ambiente o mais próximo das condições reais de realização da tarefa tradutória. Em outras palavras, é crucial que os dados sejam coletados em condições e ambientes que façam parte do seu cotidiano, para que se sintam familiarizados e confortáveis, de modo a gerar dados confiáveis e com validade interna e externa.

Na análise do processo tradutório em pesquisas que registram a produção textual por meio de *keylogging* (e.g., Translog©), são consideradas, conforme proposto por Jakobsen (2002), três fases distintas do processo tradutório, a saber: (i) a fase de orientação, que se inicia assim que o sujeito visualiza o texto a ser traduzido na tela do computador e termina imediatamente após a digitação do primeiro caractere do texto de chegada; (ii) a fase de redação, que se inicia a partir da digitação do primeiro caractere do texto de chegada e termina assim que o sujeito digita, pela primeira vez, o ponto final do texto de chegada que corresponde ao último ponto final do texto de partida; e (iii) a fase de revisão, que se inicia imediatamente após a fase de redação e é finalizada no momento em que o informante pressiona a tecla *stop* do *Translog*©, dando por concluída a tarefa tradutória. Consoante Jakobsen (2002), cada uma dessas fases apresenta características próprias e se configura em momentos distintos durante o processo tradutório. Contudo, verifica-se a existência de orientação e revisão na fase de redação e revisão, além da utilização de mecanismos de apoio interno e externo durante a tarefa tradutória.

O foco desta dissertação está nesses processos de orientação e revisão que ocorrem em tempo real durante uma tradução, sendo passíveis de observação a partir de pausas com uma extensão mínima representativa de esforço cognitivo. Em relação à análise das pausas, Schilperoord (1996) constata que elas podem ocorrer devido a processos de revisão e por necessidade de o tradutor se orientar para tomar decisões e solucionar problemas, sendo, portanto, indicativas de um esforço cognitivo maior. Além disso, a análise das pausas permite a observação do ritmo cognitivo, da recursividade (ALVES, 2005) e das unidades de tradução (DRAGSTED, 2004; ALVES, 2006).

Alves (2005, p. 115, 116) define ritmo cognitivo como “um padrão de alternância rítmica entre as pausas de redação no decorrer de um tempo total de produção textual”, o que torna possível verificar o gerenciamento do processo tradutório. Para Alves (2003), a duração das pausas é indicativa de padrões de segmentação cognitiva observadas para um dado tradutor durante a fase de produção textual.

Com relação à recursividade, esta pode ser identificada a partir dos movimentos de *mouse/cursor* ou teclas de revisão do teclado, como *backspace* ou *delete*, uma vez que ocorrem juntamente com a produção de texto. A recursividade pode ser interpretada como indicativa de metarreflexão (*i.e.*, a habilidade do tradutor de gerenciar seu processo tradutório e refletir sobre ele *a posteriori*). Também, conforme constata Buchweitz e Alves (2006), uma maior recursividade, combinada com segmentos longos, pode indicar um comportamento de adaptação de um tradutor à dificuldade da tarefa. Já Jakobsen (2002) verifica que há maior recursividade entre os estudantes do que entre os tradutores profissionais, o que sinaliza maior grau de incerteza daquele grupo, ou seja, ela pode indicar expertise ou falta dela.

Dragsted (2004, 2005) define a segmentação como um fenômeno cognitivo, relacionado à natureza e ao tamanho das unidades de tradução, ou seja, segmentos lingüísticos que possivelmente são processados pela memória de trabalho. Em seu trabalho, Silva e Pagano (2007), após revisitarem as categorias de Dragsted (2004) à luz da Gramática Sistêmico-Funcional, identificaram os segmentos dos textos de chegada e dos textos de partida e, então, os classificaram em: palavra (P), grupo (G), oração (O), sentença (S), segmento transsentencial (TS) e segmento transcategorial (TCat). Os segmentos transsentenciais são aqueles que ultrapassam a fronteira de uma sentença, apresentando, grosso modo, um ponto final precedido e sucedido de alguma(s) palavra(s); e os segmentos transcategoriais são aqueles que não podem ser classificados em algumas das categorias anteriores, perpassando as fronteiras das categorias palavra, oração ou sentença.

Em relação ao conceito de unidade de tradução, Alves (2005) afirma ser algo complexo, sendo que, após uma revisão do conceito proposto inicialmente por Dragsted (2004), o autor sugere que a unidade de tradução seja caracterizada com base nos processos cognitivos observados. Para efeito deste estudo, observa-se a definição para unidade de tradução encontrada em Alves (2000), a saber: “Unidade de Tradução é um segmento do texto de

partida independente do tamanho e forma, para o qual, em um dado momento, o tradutor dirige seu foco de atenção”.

Considerando-se as pausas propriamente ditas, observa-se que, normalmente, as mesmas podem indicar um processamento cognitivo e, conseqüentemente, podem demandar a utilização de mecanismos de apoio interno e mecanismos de apoio externo para a resolução dos prováveis problemas de tradução e/ou para a tomada de decisão referente(s) a essas pausas. Segundo Jensen (2001, p. 58) e Buchweitz e Alves (2006), pausas superiores a cinco segundos (medida empregada nesta dissertação, conforme se pode observar no capítulo sobre metodologia) são indicativas de esforço cognitivo, e, a partir delas, é possível analisar as passagens nas quais os informantes enfrentaram dificuldades durante a realização da tarefa.

A confluência de diversos fatores, como a qualidade das pausas, a recursividade, o ritmo cognitivo, a segmentação e a representação, determinam a durabilidade, a qual é definida por Alves e Gonçalves (2007, p. 49) como:

Um padrão cognitivo que pode ser observado no processo dos tradutores expertos. Ela pode ser correlacionada com características do desempenho experto, tais como o tempo despendido em uma tarefa, o grau de monitoramento metacognitivo e a geração de um produto tradutório confiável, sobretudo ao final da fase de redação e aferida por meio da justaposição das mesmas. Como extensão desse conceito, pode-se dizer que os textos de chegada são mais ou menos duráveis. (ALVES; GONÇALVES, 2007, p. 49)⁷

Conforme se pode observar na definição acima, a durabilidade de uma tarefa consiste em um conjunto de aspectos que, unicamente, podem não revelar muito sobre o processo tradutório, mas que, em conjunto, são cruciais para que se chegue, ao final do processo tradutório, a um produto durável e adequado aos propósitos da tradução. Para Jakobsen (2002, 2005), esse conceito de durabilidade está atrelado ao texto produzido: o tradutor experto apresenta um texto durável ao término da fase de redação, sendo também nessa fase que se verifica o desempenho de excelência desse perfil de tradutor. Nesse sentido, consoante Alves (2005), um texto recebe a característica de durável quando apresenta uma estrutura coesiva e níveis de coerência textual que o tornam passível de ser considerado como uma produção textual adequada.

⁷ Tradução de Oliveira e Pagano (2008) para: “[...] a cognitive pattern that can be observed in the translation process of expert translators. It can be mapped onto and assessed through the juxtaposition of features of expert performance, such as time spent on a task, degree of meta-cognitive monitoring and reliable task output, particularly at the end of the drafting phase. As an extension of this concept, target texts can therefore be said to be more or less durable.”

2.2.1 Definição das pausas de orientação e revisão

De acordo com Jakobsen (2002), existem limitações acerca da definição da fase de orientação inicial, pois há indícios de que o tradutor se orienta antes da tradução de complexos oracionais maiores durante a fase de redação. Jakobsen (2005) afirma, embora sem maiores detalhes, que pode haver distinções entre as pausas analisadas durante os processos de revisão em tempo real. Considerando-se as análises realizadas por Jakobsen (2002, 2005), Machado e Alves (2007) Batista e Alves (2007) propuseram uma categorização para pausas encontradas tanto nos processos de orientação em tempo real quanto nos processos de revisão em tempo real, respectivamente. Tal categorização será adotada na presente pesquisa, a saber:

- 1) Pausas de orientação: todas as pausas que ocorrem antes de o tradutor iniciar a tradução de uma unidade de tradução;
- 2) Pausas de revisão: todas as pausas anteriores a alterações e/ou correções de uma dada unidade de tradução⁸.

Compete mostrar que essas pausas são apresentadas, no trabalho de Machado e Alves (2007) e de Batista e Alves (2007), independentemente da sua origem ou correlação com algum trecho do texto de partida, ou seja, olhando-se apenas o texto de chegada por meio do protocolo linear do Translog[©]. Embora as pausas sejam um indicativo de algum esforço cognitivo (SCHILPEROORD, 1996) e a identificação da unidade de tradução que as gera seja essencial para a classificação do tipo de apoio correlacionado com as pausas, não foi objetivo do trabalho desses autores analisar ou classificar a unidade de tradução ou o segmento do texto de partida que motivou cada pausa.

2.2.2 Processos de orientação inicial e orientação em tempo real

Machado e Alves (2007) realizaram um estudo detalhado da fase de orientação inicial (JAKOBSEN, 2002) e das pausas de orientação em tempo real identificadas no processo tradutório de cinco tradutores profissionais, no par lingüístico inglês-português, ao traduzirem em ambiente de cognição (*i.e.*, sem uso de memórias de tradução), registrado no *software*

⁸ Remetemos o leitor a Batista e Alves (2007) e a Machado e Alves (2007) para uma leitura mais detalhada sobre pausas de revisão e orientação.

Translog©, e em ambiente com sistema de memória de tradução (no caso, Trados©), registrado no *software* Camtasia©, que grava, em tempo real, a tela visualizada pelo sujeito. O objetivo geral do trabalho foi comparar os dados coletados, a partir da hipótese de que a inserção do sistema de memória de tradução causaria impacto na segmentação natural dos tradutores. Os autores buscaram verificar se há diferença na qualidade da fase de orientação inicial e em tempo real. Para a análise e categorização das pausas encontradas nos processos de orientação em tempo real, Machado e Alves (2007) se pautaram pelas categorias de implicação cognitiva⁹, adaptadas da proposta anteriormente desenhada pelo grupo PACTE (2005).

É importante ressaltar que o grupo PACTE realiza pesquisas empírico-experimentais, objetivando investigar a competência tradutória e sua aquisição em diversas línguas. Esse grupo propôs o primeiro modelo de competência tradutória em 2001, o qual, após passar por significativas alterações engloba, além de um grupo de componentes psicofisiológicos, as seguintes subcompetências: i) subcompetência bilíngüe (relacionada aos conhecimentos necessários para se trabalhar em cada uma das línguas); ii) subcompetência extralingüística (referente aos conhecimentos sobre o mundo em geral, ou seja, conhecimentos culturais e enciclopédicos, além daqueles de domínios pessoais); iii) subcompetência de conhecimentos de tradução (concernente a conhecimentos sobre as técnicas, métodos e procedimentos que regem a tradução); iv) subcompetência estratégica (considerada a subcompetência mais importante, sendo responsável por administrar as diferentes subcompetências e garantir a eficácia do processo tradutório); e v) subcompetência instrumental (referente ao conhecimento em relação ao uso de fontes de documentação, além de outras formas de busca por informação aplicada à tradução).

Em 2005, o grupo PACTE realizou uma pesquisa na qual buscou validar seu primeiro modelo de competência tradutória. A análise da pesquisa revelou a existência de cadeias dos tipos de apoio utilizados pelos tradutores durante as pausas de orientação e de revisão, que podem ser observadas a partir da FIG. 1 – adaptada, a partir do grupo Pacte, na pesquisa de Machado e Alves (2007, p. 37) – referente ao grau de implicação cognitiva necessário às quatro categorias de seqüências de ações relacionadas ao processo de orientação

⁹ Remetemos o leitor Remetemos o leitor a Batista e Alves (2007) e a Machado e Alves (2007) para uma leitura mais detalhada sobre as categorias de implicação cognitiva.

Portanto, a FIG. 1, a seguir, mostra um escala específica para os processos de orientação, e a FIG. 2, na seção 4.4 deste trabalho, apresenta uma escala específica para os processos de revisão. A classificação das categorias de tipo de pausa e de apoio (AISO, AIDO, AESO, AEDO) será adotada como parte da metodologia de análise a ser replicada na pesquisa em tela.

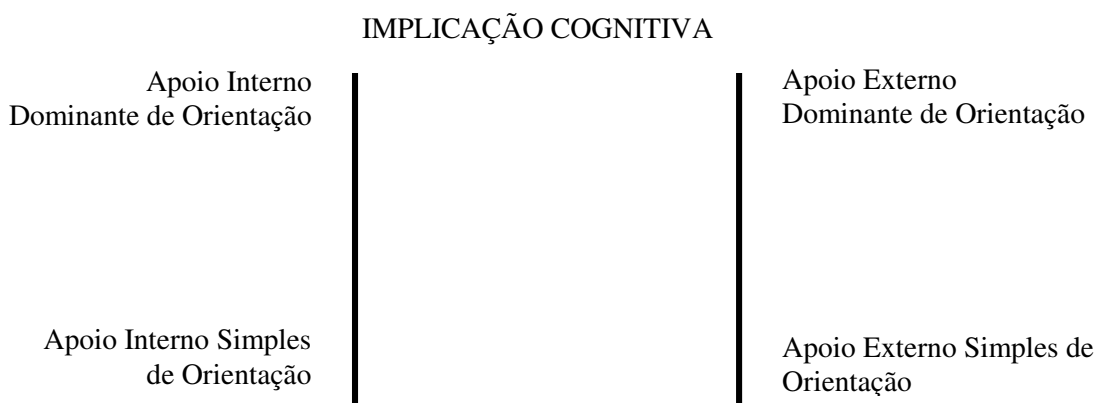


FIGURA 1 – Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às quatro categorias de seqüências de ações relacionadas à orientação.

Fonte: Machado e Alves (2007, p. 37).

Para essa classificação, foram levados em consideração os tipos de mecanismos de apoio utilizados no momento da tarefa tradutória, pois se sabe que o tradutor necessita de várias fontes de informação para realizar seu trabalho, podendo ser de natureza interna (*i.e.*, mecanismo de apoio interno) ou externa (*i.e.*, mecanismo de apoio externo). Segundo Alves (2005), apoio interno são as ações mentais que demandam um esforço cognitivo, em que o tradutor necessita fazer uso de conhecimentos prévios (enciclopédicos) ou fazer inferências para solucionar problemas relacionados a problemas de tradução. Pagano (2000) analisa a necessidade de o tradutor utilizar ferramentas de consulta como dicionários e a Internet, que consistem em mecanismo de apoio externo. Segundo a autora, o apoio externo pode ser exemplificado em termos de consultas a textos paralelos, buscas em dicionários, recurso a especialistas (enfim, ações que o tradutor realiza ao se deparar com problemas que não consegue solucionar rapidamente ou com propriedade). Dessa forma, a proposta de classificação para a FIG. 1 (MACHADO; ALVES, 2007 p. 37) leva em consideração, além dos tipos de apoio possíveis, o tipo de pausa (orientação, neste caso). As categorias apresentadas na referida figura são definidas e exemplificadas por Machado e Alves (2007), conforme demonstrado abaixo:

- 1) Apoio Interno Simples de Orientação (AISO): tipo de apoio identificado quando da utilização de apenas apoio interno para encontrar uma solução definitiva (*e.g., pausa + solução definitiva*).
- 2) Apoio Interno Dominante de Orientação (AIDO): tipo de apoio identificado quando da utilização de uma fonte de consulta, cuja informação é em seguida, desconsiderada, pois o tradutor se pauta em apoio interno para chegar à solução definitiva. (*e.g., pausa + consulta desconsiderada + [pausa]+ solução definitiva*).
- 3) Apoio Externo Simples de Orientação (AESO): tipo de apoio identificado quando o tradutor recorre a uma única fonte de pesquisa e utiliza a informação para chegar à solução definitiva. (*e.g., pausa + consulta simples + solução definitiva*).
- 4) Apoio Externo Dominante de Orientação (AEDO): tipo de apoio identificado quando se tem reflexão e uso de apoio interno por parte do tradutor, mas, por meio de uma consulta em mais de uma fonte (busca complexa), chega-se à solução definitiva. (*e.g., pausa + consulta complexa + solução definitiva*).

Observa-se que a categoria AISO, em que o tradutor soluciona problemas com base em conhecimentos próprios, encontra-se no lado esquerdo inferior da FIG. 1. Do lado inferior direito, encontra-se a categoria AESO, na qual o tradutor necessita realizar uma busca para chegar a uma solução definitiva. Na parte superior esquerda, tem-se a categoria AIDO, em que o tradutor utiliza uma fonte de consulta e a desconsidera, pois se pauta nos próprios conhecimentos. Por fim, na parte superior direita, situa-se o AEDO, indicativa de uso de apoio externo para chegar à solução definitiva, após consultas em mais de uma fonte.

A partir dessa classificação, os resultados da pesquisa de Machado e Alves (2007) indicaram quais foram as cadeias mais utilizadas pelos tradutores, além de compararem os diferentes tipos de apoio utilizados pelos cinco tradutores durante as tarefas tradutórias (*i.e.*, Translog© e Trados©). Para a análise dos dados processuais, Machado e Alves (2007) quantificaram, em segundos, os tempos absolutos e relativos de duração da fase inicial de orientação de cada sujeito. Em seguida, realizaram uma análise detalhada de cada sujeito em relação a: i) duração da fase inicial de orientação; ii) tipo de pausa; iii) tipo de apoio e iv) observações. Analisada a fase inicial de orientação, os autores deram início às análises sobre as pausas de orientação em tempo real no Translog© e no Trados©, considerando essas pausas de orientação e os apoios

que nelas se manifestaram. Os dados foram organizados pelos autores em tabelas de acordo com os tipos de apoio, tipo de pausas e número de ocorrências de cada tradutor, sendo uma tabela para cada um dos sujeitos, com os tipos de apoio e os tipos de pausas em cada uma das fases do processo tradutório. A partir dos dados coletados, Machado e Alves (2007) verificaram:

- 1) Os tipos de pausas mais frequentes consistem em pausas de orientação em tempo real, havendo o predomínio do apoio interno simples de orientação (AISO) nas tarefas tradutórias e quase inexistência de apoio externo simples de orientação (AESO) e apoio externo dominante de orientação (AEDO).
- 2) A existência de mecanismos de orientação em tempo real durante a tarefa de tradução.
- 3) A quase inexistência da fase inicial de orientação, uma vez que se identificam pausas de orientação nas outras fases do processo tradutório.
- 4) Predomínio das pausas com apoio interno dominante.

2.2.3 Processos de revisão em tempo real e final

Os dados coletados na pesquisa de Machado e Alves (2007) foram analisados por Batista e Alves (2007) sob perspectiva da fase de revisão (JAKOBSEN, 2002) e das pausas de revisão em tempo real do processo tradutório para investigar se havia diferenças com relação a esses aspectos quando da tradução em editor de texto comum (o próprio *software* Translog©) e quando da tradução com aporte do *software* Trados© (gravada pelo *software* Camtasia©). Para a análise e categorização das pausas encontradas nos processos de revisão em tempo real, os autores se pautaram nas categorias de implicação cognitiva (AISR, AIDR, AESR, AEDR), ilustradas na FIG. 2, reproduzida do trabalho de Batista e Alves (2007, p. 49).



FIGURA 2 – Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às quatro categorias de seqüências de ações relacionadas à revisão.

Fonte: Batista e Alves (2007, p. 49).

A proposta de classificação para a FIG. 2, também baseada nas categorias postuladas pelo grupo Pacte (2005) para o estudo da competência tradutória, leva em consideração, além dos tipos de apoio possíveis, o tipo de pausa (revisão, neste caso). Assim como apresentado para a fase de orientação, Batista e Alves (2007) também sugerem uma definição para cada tipo de apoio, exemplificando cada uma das categorias, a saber:

1. Apoio Interno Simples de Revisão (AISR): tipo de apoio identificado quando o tradutor faz uma pausa e altera a unidade de tradução que havia traduzido anteriormente para chegar a uma solução definitiva (*e.g., solução provisória + pausa + solução definitiva*).
2. Apoio Interno Dominante de Revisão (AIDR): tipo de apoio identificado quando o tradutor encontra uma tradução provisória, faz uma busca que não o auxilia, reflete e altera a unidade de tradução para chegar à solução definitiva. (*e.g., solução provisória + consulta desconsiderada + pausa + solução definitiva*).
3. Apoio Externo Simples de Revisão (AESR): tipo de apoio identificado quando o tradutor soluciona provisoriamente uma unidade de tradução, interrompe o processo, realiza uma busca e altera essa unidade de tradução para chegar à solução definitiva. (*e.g., solução provisória + pausa + consulta simples + solução definitiva*).

4. Apoio Externo Dominante de Revisão (AEDR): tipo de apoio identificado quando o tradutor chega a uma solução provisória e reflete sobre ela, além de fazer uma busca complexa para chegar à solução definitiva. (*e.g., solução provisória + pausa + consulta complexa + solução definitiva*).

Observa-se que a categoria AISR, em que o tradutor utiliza seus próprios conhecimentos para solucionar problemas, encontra-se no lado esquerdo inferior da FIG. 2. Ao lado inferior direito, verifica-se a categoria AESR, identificada quando o tradutor necessita de material de informação para solucionar problemas. Na parte superior esquerda, tem-se a categoria AIDR, indicativa de uso de apoio interno para revisar o texto traduzido. Já na parte superior direita, situa-se o AEDR, indicativa de uso de apoio externo para solucionar problemas e chegar à solução definitiva, após realizar consultas complexas.

Os resultados da pesquisa de Batista e Alves (2007) também indicaram quais cadeias foram mais utilizadas pelos sujeitos, além de compararem os diferentes tipos de apoio utilizados pelos cinco tradutores durante as tarefas tradutórias (*i.e.*, Translog© e Trados©). Batista e Alves (2007) quantificaram o tempo total destinado à tarefa de tradução, a duração das fases de revisão final e redação, o número total e a soma da duração das pausas de revisão em tempo real (RTR) de cada um dos tradutores no Translog© e no Trados©. Na sequência, fizeram a classificação dos tipos de apoios correlacionados às pausas de revisão em tempo real e final, sendo o foco do trabalho o impacto da inserção do sistema de memória de tradução - SMT (*i.e.* Trados©) na variável tempo e a satisfação dos tradutores com essa interface. Após a análise dos dados, Batista e Alves verificaram:

- 1) Os tipos de pausas mais frequentes, ou seja, pausas de revisão em tempo real e os tipos de apoio interno/externo mais utilizados, ou seja, o apoio interno simples de revisão (AISR).
- 2) Predomínio de apoios dominantes (AIDR e AEDR) com a inserção do SMT.
- 3) Aumento da ocorrência de apoio externo simples de revisão diminui durante a revisão final.
- 4) Que a inserção do SMT causou uma redução no tempo despendido com a fase de revisão final em 60% da amostra.

- 5) Quase inexistência de uso de apoio externo na fase de revisão final devido à inserção do SMT.

Cabe salientar que a FIG. 1 e a FIG 2 foram adequadas às demandas do SEGTRAD, referentes ao grau de implicação cognitiva, e apresentam oito categorias de seqüências de ações, sendo que quatro dessas categorias correspondem à orientação inicial e em tempo real e as outras quatro consistem na revisão em tempo real e final.

3 METODOLOGIA

Descreve-se, neste capítulo, primeiramente a metodologia de coleta dos dados de quatro sujeitos denominados expertos não-tradutores (seção 3.1), destacando-se o perfil dos informantes, a escolha dos textos e o uso dos *softwares* Translog© e Camtasia©, de planilhas de observação direta e de protocolos retrospectivos. Em seguida, descreve-se o procedimento de análise e de organização (seção 3.2) desses dados gerados a partir dos arquivos .log do Translog©, em triangulação com dados registrados em planilhas de observação direta, arquivos .avi do Camtasia© e protocolos retrospectivos para todos os sujeitos sob escrutínio nesta dissertação.

3.1 Procedimentos de Coleta

A metodologia de coleta de dados será apresentada resumidamente, posto que o desenho experimental dessa coleta se encontra pormenorizado na seção de metodologia do capítulo 1 do trabalho de Silva e Pagano (2007). As coletas dos dados foram realizadas por três pesquisadores do LETRA (denominados P1, P2 e P3). Cada coleta foi realizada em datas distintas, levando-se em consideração a disponibilidade de cada sujeito (para a realização das duas tarefas em um intervalo aproximado de uma semana) e a ordem da tarefa em relação à subárea de atuação dos indivíduos (para se controlar, nas análises, o efeito da interferência da primeira tarefa sobre a segunda). Os dados referentes às coletas estão no Quadro 4, a seguir:

QUADRO 4
Realização das tarefas tradutórias pelos quatro sujeitos expertos não-tradutores

Sujeito	Subárea de atuação	Ordem da tarefa	Data C1	Data C2	Intervalo (dias)*	Pesquisadores
S1	AF	AF-DC	05/12/06	26/12/06	21	P1, P2 e P3
S2	DC	DC-AF	28/09/06	05/10/06	7	P1 e P2
S3	AF	DC-AF	06/10/06	20/10/06	14	P1 e P2
S4	DC	AF-DC	13/12/06	19/12/06	6	P1 e P2

Nota: AF = anemia falciforme; DC = doença de Chagas; P1 = Igor Antônio Lourenço da Silva; P2 = Kelen Cristina Sant'Anna de Lima; P3 = Maria Luisa de Oliveira; C1 = primeira coleta; C2 = segunda coleta.

* Mesmo tendo-se fixado o intervalo de uma semana entre uma coleta e outra (o que fora, inclusive acertado com os sujeitos), houve atrasos em função de uma série de compromissos de trabalho que impediram S1 e S3 de realizarem a segunda tarefa em um intervalo menor de tempo.

Para a realização dessas coletas, foi necessário, anteriormente, estabelecer o perfil dos sujeitos (cf. subseção 3.1.1) e os textos de partida (cf. subseção 3.1.2) que satisfizessem as condições do desenho experimental, já descrito em Silva e Pagano (2007). Uma vez conhecidos os sujeitos a serem investigados, bem como os textos de partida e o respectivo conhecimento de domínio demandado por esses textos, procedeu-se à realização da coleta propriamente dita (cf. subseção 3.1.2), a qual se pautou pela possibilidade de se implementar o método de triangulação de dados de Alves (2003) para averiguação do impacto da variável independente *conhecimento de domínio* sobre algumas variáveis dependentes que, em conjunto, podem ser atreladas à *durabilidade* das tarefas.

No caso específico da pesquisa ora apresentada, essas variáveis foram: “pausas”, “tipos de apoio” e “recursividade”. As demais variáveis (e.g., ausência de pressão de tempo e mesmas fontes de consulta permitidas durante a execução do experimento) foram mantidas controladas, buscando-se, na medida do possível, evitar o efeito de variáveis intervenientes sobre o experimento e, ao mesmo tempo, resguardar a validade ecológica das tarefas tradutórias (cf. ALVES, 2005).

3.1.1 Perfil dos informantes

Para a seleção dos sujeitos expertos não-tradutores, alguns critérios foram observados, como, por exemplo, o reconhecimento desses pesquisadores pela comunidade acadêmica e o número de publicações em língua estrangeira (especialmente inglês) em periódicos internacionalmente indexados. Dessa forma, foram selecionados, em um centro de pesquisa de excelência de Belo Horizonte, dois pares de informantes, sendo dois sujeitos vinculados à subárea da hematologia (S1-S3) e dois sujeitos vinculados à subárea da cardiologia (S2-S4). Mais especificamente, S1 e S3 desenvolvem trabalhos relativos à anemia falciforme, e S2 e S4 fazem pesquisas voltadas à doença de Chagas.

Para atender às demandas de seu trabalho, os sujeitos realizam regularmente as traduções de seus artigos acadêmicos (freqüentemente na direção português-inglês), mesmo não tendo conhecimento teórico ou formação em tradução. Como suas traduções são, em regra, aceitas por periódicos internacionais indexados (ainda que passem por posteriores processos editoriais de revisão), partiu-se do pressuposto de que esses sujeitos apresentam conhecimento de domínio e conhecimento discursivo que podem ser intrínsecos ao perfil de expertos não-

tradutores, cuja produção textual atende aos padrões prototípicos do tipo de texto analisado (i.e., introdução de artigo acadêmico), descrito na subseção 3.1.2, a seguir.

Silva e Pagano (2007) apresentam dois quadros (reproduzidos, a seguir) para ilustrar as informações obtidas por meio de um questionário prospectivo conduzido individualmente junto a cada sujeito antes da realização das tarefas tradutórias. Nesses quadros (Quadro 5a e Quadro 5b), encontram-se os dados pessoais, a formação acadêmica, a experiência profissional, as atividades de pesquisa e os hábitos de leitura e de redação dos sujeitos em tela.

Conforme se pode observar, nos Quadros 5a e 5b a seguir, os sujeitos sob escrutínio nesta dissertação, apresentam algumas características bastante específicas e não constituem uma amostra homogênea, sobretudo com relação ao tempo de aprendizagem e uso da língua inglesa e às suas habilidades instrumentais. Esses dados não são objeto da análise da presente pesquisa, cabendo apenas aqui apresentá-los para fins de documentação. Para considerações sobre os mesmos, remetemos a Silva e Pagano (2007).

QUADRO 5a

Informações dos questionários referentes a dados pessoais e formação acadêmica, experiência profissional, atividades de pesquisa e hábitos de leitura e redação

1. DADOS PESSOAIS				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Idade	52	58	58	40
2. PERFIL ACADÊMICO				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Graduação	Medicina	Medicina	Medicina	Medicina
Especialização	Clínica Médica	Clínica Médica	Pediatria, Hematologia	Medicina Tropical
Mestrado	Ciências da Saúde	Medicina Tropical	Pediatria	Medicina Tropical
Doutorado	–	Medicina Tropical	Pediatria	Medicina Tropical
3. EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Posição na carreira	Professor assistente	Professor titular	Professor titular	Professor adjunto
Principais atividades exercidas	Médico, docente, pesquisador	Coordenador da Pós-graduação em Medicina Tropical, professor orientador do curso, editor assistente da revista Med-Minas Gerais, médico, docente, pesquisador	Coordenador do serviço de Hematologia do Hospital das Clínicas, Médico, docente, pesquisador	Atividade de pesquisa, atividade acadêmica e atividade assistencial
4. ATIVIDADES DE PESQUISA				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Área de pesquisa	Triagem neonatal, com ênfase em síndromes falciformes	Medicina tropical	Hematologia pediátrica, com ênfase em síndromes falciformes	Doenças Tropicais, Cardiopatia chagástica
5. LEITURA E REDAÇÃO				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Tipo de textos lidos em inglês regularmente	Artigos científicos e caixas de diálogo do computador	Literatura técnica	Revista, artigo, Internet, alguma literatura	Artigos de Cardiologia
Hábito de escrita em que tipos de texto	Textos técnico-científicos da área médica	Vários tipos de textos	Textos científicos, administrativos e políticos	Textos científicos
Participação em disciplina de escrita acadêmica	Não	Não	Não	Não
Aprendizagem da redação de textos acadêmicos	Prática (autodidata)	Com auxílio de professor	Autodidata e realização de curso mediante “fellowship” nos EUA	Está aprendendo com seu grupo de pesquisa
Artigo recusado por algum periódico internacional	“Duas vezes”	“Várias vezes”	“Algumas vezes”	“Várias vezes”
Recorre a revisores?	Sim	Sim	Sim	Sim

Fonte: Silva e Pagano (2007, p.44).

QUADRO 5b

Informações do questionário relativas à exposição à língua inglesa, habilidades instrumentais e conhecimentos sobre tradução

6. CONTATO COM A LÍNGUA INGLESA				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Locais de aprendizado da língua	Colégio, pré-vestibular e cursos de idioma	Cursos de idioma	Cursos de idiomas e estada no exterior (“fellowship”)	Colégio e professor particular
Por quanto tempo?	3 anos	7 anos	3 anos e meio	4 anos
Nível de inglês autodeclarado	Intermediário	Leitura: proficiente Gramática: bom Fala: pouco	Fluente	Intermediário
Finalidade da tradução para o inglês	Escreve para artigos científicos e apresentações em congressos	Corrigir redação para revista	Para publicar em periódico internacional	Para escrever textos acadêmicos
Aspectos considerados fundamentais para uma tradução para o inglês adequada aos propósitos de comunicação com os pares	“Utilização correta do linguajar técnico”	“Observação da sintaxe inglesa e transposição correta do português para o inglês”	“Bom conhecimento de inglês e leitura na área para que você vai escrever”	“Conhecimento maior da língua inglesa”
Quais dificuldades você enfrenta ao traduzir para o inglês?	“Não aporuguesar o inglês”	“Transposição do português para o inglês”	Estrutura, expressões idiomáticas	“Dificuldade em não aporuguesar o inglês”
7. HABILIDADES INSTRUMENTAIS				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Recursos de apoio freqüentemente utilizados para tradução	Dicionários, Internet, dicionário eletrônico	Dicionários e gramática	Internet, dicionários, manual de <i>phrasal verbs</i> .	Dicionário
Domínio de digitação	Excelente	Pouco	Sim	Razoável
Familiarização com o computador	Muita	Pouca	Muita	Pouca
8. CONHECIMENTOS SOBRE TRADUÇÃO				
ITEM	SUJEITO 1	SUJEITO 2	SUJEITO 3	SUJEITO 4
Elementos julgados importantes na hora de traduzir	Verbos, preposições, adjetivos, conjugações verbais	A introdução de um texto	“A pessoa deve ler tudo e depois rever”	Idéias básicas, palavras-chave
Curso específico em tradução	Não	Não	Não	Não

Fonte: Silva e Pagano (2007, p.45).

3.1.2 Textos

Escolheram-se duas introduções de dois artigos acadêmicos como textos de partida para a realização de duas tarefas tradutórias, de modo que, em uma delas, o texto deveria demandar conhecimento de domínio congruente à subárea de atuação do sujeito (TCorr) e, na outra, o texto deveria requerer conhecimento de domínio não-correlato com a subárea de expertise do sujeito (TNCorr). Um dos textos (AF) é uma introdução de artigo acadêmico na subárea de hematologia (mais especificamente, a anemia falciforme); e o outro (DC) está vinculado à subárea de cardiologia (mais especificamente, à doença de Chagas). Os dois textos foram escolhidos conforme as características, de tal modo que: i) apresentam aproximadamente o mesmo tamanho (*i.e.*, cerca de 300 palavras) (ALVES, 2003); ii) possuem grau de dificuldade semelhante, aferido com base na estrutura retórica das introduções, analisadas de acordo com Swales (2004), e nos complexos oracionais, de acordo com a gramática sistêmico-funcional (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004); iii) são publicações recentes (publicados na década de 2000); e iv) pertencem a periódico nacional indexado, estando disponíveis em uma base bibliográfica de excelência (PubMed/Medline, desenvolvida pela National Library of Medicine – NLM) e/ou com conceito Qualis A, segundo a CAPES. Ambos os textos de partida encontram-se no Anexo D deste trabalho.

3.1.3 Coleta

Após a seleção dos textos e dos sujeitos, a coleta foi realizada em três etapas, seguindo-se a proposta de triangulação de dados de Alves (2003): (1) entrevista prospectiva anterior à tarefa tradutória (Anexo A); (2) realização de duas tarefas tradutórias, registradas pelos *softwares* Translog© e Camtasia©, com um intervalo de uma semana para cada tarefa¹⁰ (Anexo C); e (3) relato retrospectivo do sujeito imediatamente após cada tarefa (Anexo E), com o fomento da função *replay* do Translog Supervisor© e com possíveis verbalizações incitadas pelos pesquisadores. Durante a realização das tarefas, um pesquisador permanecia na sala de coleta

¹⁰ Conforme apontado no Quadro 3, esse requisito de uma semana de intervalo não pôde ser obedecido em sua plenitude, em função de contratempos para a realização da segunda coleta de S1 e de S3. Entretanto, optou-se pela manutenção desses dados, pois, para o perfil de expertos não-tradutores (diferentemente do perfil dos tradutores profissionais), não se espera um volume muito grande de traduções ocorrendo no intervalo entre uma coleta e outra, o que poderia comprometer a validade interna dos dados. Além disso, deve-se lembrar que se trata de uma amostra bastante específica, com pouca probabilidade de se encontrarem outros sujeitos que atendam a todos os requisitos dispostos no desenho experimental.

para fazer anotações (em planilhas adaptadas a partir daquelas utilizadas pelo grupo PACTE) referentes às consultas a materiais impressas.

Os quatro sujeitos, como já apontado, foram instruídos a realizar duas tarefas tradutórias, quais sejam: (1) uma tradução, da língua portuguesa para a língua inglesa, de uma introdução de artigo acadêmico vinculada à sua subárea de atuação (TCorr) e (2) uma tradução, da língua portuguesa para a língua inglesa (TNCorr), de uma introdução de artigo acadêmico não pertencente à sua subárea de atuação. Imediatamente antes de cada tarefa, também foi entregue um *brief* (Anexo C) em que foi especificado o objetivo da tradução, qual seja: publicação em um periódico internacional.

Os instrumentos utilizados durante a coleta, além das planilhas de observação e do armazenamento eletrônico dos textos traduzidos, foram os programas Translog© e Camtasia©. O primeiro grava, em tempo real, todo o processo de digitação do texto traduzido (JAKOBSEN; SCHOU, 1999). Com a utilização da função *replay* desse programa, é possível que os informantes visualizem a reprodução do processo de execução da tarefa tradutória, o que fomenta os seus relatos retrospectivos; e com o aplicativo Translog Supervisor©, é possível que os pesquisadores identifiquem as pausas (em termos de ocorrências, de localização e de duração) e os movimentos de recursividade (*e.g.*, acionamento de teclas correspondentes ao *delete* e ao *backspace*). Concomitante ao Translog©, o *software* Camtasia© foi utilizado para capturar e gravar, em tempo real, toda e qualquer parte da tela do computador durante a tarefa tradutória, permitindo a visualização, por exemplo, dos sítios eletrônicos visitados e que foram úteis como apoio externo durante a execução da tarefa.

Em relação à transcrição das verbalizações, adotou-se a proposta de Bernardini (2001) com algumas adaptações para tratamento dos dados pelo programa Nvivo 7©. Esse *software* não foi diretamente utilizado para fins específicos do presente trabalho, mas pode ser mais bem compreendido em Silva e Pagano (2007).

Salienta-se ainda que, conforme determinação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMG (COEP), no qual o presente projeto está registrado sob o número 0255.0.203.000-05, todos os sujeitos foram informados das condições, dos riscos e dos objetivos da pesquisa. Além disso, um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo B) foi devidamente preenchido e assinado por cada um dos participantes deste estudo.

3.2 Procedimentos de análise

O procedimento para análise adotado nesta pesquisa, como mencionado anteriormente, consistiu na replicação de parte da metodologia de análise empregada por Machado e Alves (2007), para a análise da orientação inicial e em tempo real, e por Batista e Alves (2007), para a investigação da revisão em tempo real e final, a partir dos protocolos lineares gerados pelo Translog Supervisor©, em triangulação com os registros de apoio externo das planilhas de observação direta e dos arquivos do Camtasia©. Juntamente com essa replicação, que envolveu a identificação das fases do processo tradutório e das pausas iguais ou superiores a cinco segundos e conseqüente classificação dos tipos de apoios internos e/ou externos associados a tais pausas, também foi realizado um estudo do processo tradutório no que diz respeito à duração (individual, total, média, desvio padrão e valores máximos e mínimos) das pausas e aos movimentos de *mouse*, cursor e teclado característicos de recursão (BUCHWEITZ; ALVES, 2006) no que diz respeito à correção ortográfica, substituição de soluções provisórias imediatamente descartadas e alteração de soluções duráveis. Essas análises foram feitas tendo-se como referencial os dados sobre esses mesmo sujeitos apresentados em Silva e Pagano (2007) e as tendências da cadeia de implicação apontadas entre tradutores profissionais por Machado e Alves (2007) e por Batista e Alves (2007).

De forma resumida, a metodologia de análise dos dados para esta pesquisa consistiu em:

- 1) identificar as fases do processo tradutório e as pausas iguais ou superiores a cinco segundos, a partir dos protocolos lineares do Translog© (arquivo .log);
- 2) identificar as instâncias de apoio externo referentes às pausas em tempo real e à fase de orientação inicial com o aporte dos arquivos .avi (ou .camrec) do Camtasia© e das planilhas de observação direta (PACTE, 2003);
- 3) identificar, nos relatos retrospectivos, verbalizações sobre identificação de problemas de tradução, tomada de decisão, orientação inicial, revisão final e busca por apoios internos e externos durante o processo tradutório;
- 4) identificar e classificar, a partir dos dados levantados nas três etapas anteriores, os tipos de apoio interno e externo – observados durante as fases de orientação, redação e revisão – enquanto AISO, AIDO AESO e AEDO

(em casos de orientação) e enquanto AISR, AIDR, AESR e AEDR (em casos de revisão);

- 5) quantificar as instâncias encontradas em (4) em segundos, buscando-se, além do total de ocorrências e da duração das pausas, precisar os valores máximos, mínimos, médios e desvios padrões em termos gerais e por sujeito, por categoria de apoio e por tarefa tradutória (TCorr e TNCorr);
- 6) analisar os de índices de recursividade atrelada às pausas iguais ou superiores a cinco segundos, por sujeito, por tipo de apoio e por tarefa, levando-se também em consideração se os movimentos de *mouse*, cursor e teclado para recursão tinham como motivação (1) correção ortográfica, (2) substituição de solução provisória imediatamente descartada ou (3) alteração de soluções duráveis.

Esses procedimentos serão mais bem detalhados a seguir, na subseção 3.2.1.

3.2.1 Dados gerados a partir do Translog®, com o aporte de ferramentas complementares

A partir dos protocolos lineares do Translog®, foram gerados arquivos contendo as produções textuais de cada fase do processo tradutório – orientação, redação e revisão (JAKOBSEN, 2002) – de cada uma das duas tarefas executadas pelos quatro sujeitos desta pesquisa. Esses arquivos foram salvos em formato .txt, para cada tarefa tradutória na ordem de sua realização por cada sujeito (S1C1, S1C2, S2C1, S2C2, S3C1, S3C2, S4C1, S4C2)¹¹. O conteúdo de cada um dos arquivos .txt, ou seja, a representação linear da tarefa tradutória, foi agrupado de acordo com a fase de redação e com a fase de revisão, separadamente (*cf.* FIG. 3).

¹¹ Note-se que essas siglas correspondem, nesta ordem, à identificação do sujeito (S1, S2, S3 ou S4) e sua respectiva coleta (C1, coleta 1, ou C2, coleta 2).

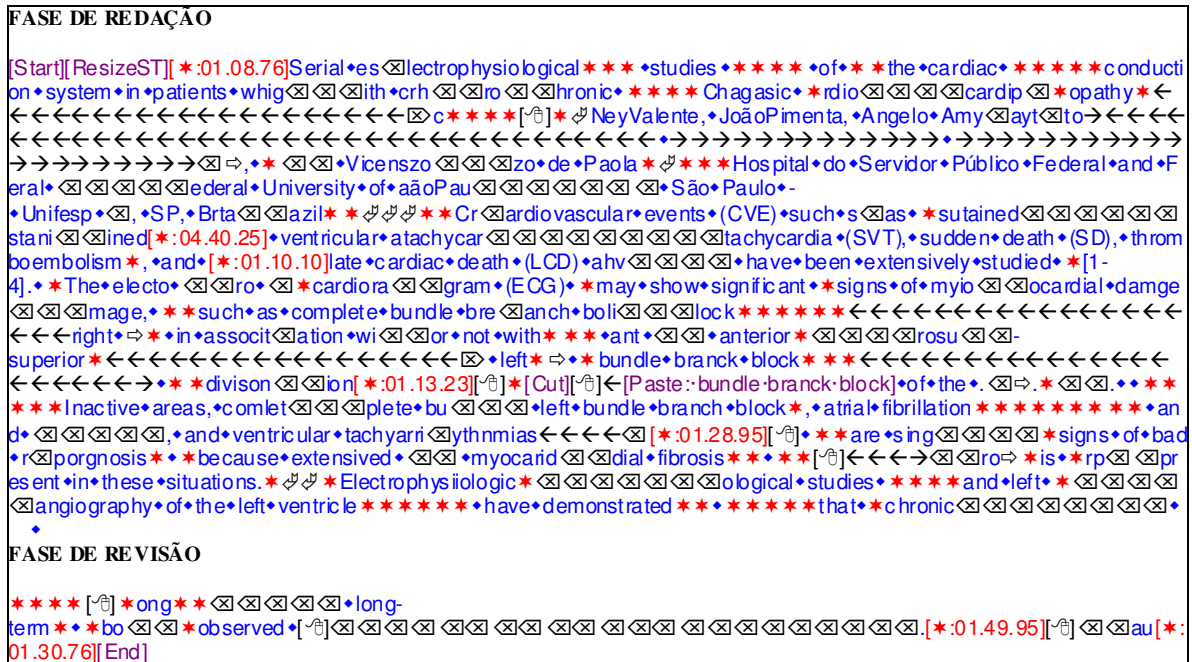


FIGURA 3 – Representação linear do Translog© para S3C1.

Nota: S3C1 = primeira tarefa tradutória realizado pelo sujeito 3.

Cumprer lembrar, conforme se pode deprender da FIG. 3, que os protocolos lineares não geram informações substanciais a respeito da fase de orientação. A única informação que pode ser obtida a partir desse instrumento se refere ao período de tempo despendido pelo sujeito entre o contato inicial com o texto de partida (quando foi clicada a tecla GO do Translog©) e a digitação do primeiro caractere (que sinaliza o início da fase de redação). A duração da fase de orientação, bem como a duração das demais fases, foi obtida por meio da função *replay* do Translog©, haja vista que ela sinaliza o tempo decorrido desde a duração da fase de tradução até um momento específico da produção textual. Com base na duração total de cada tarefa tradutória, foi calculado o tempo relativo que cada sujeito despendeu para a realização de cada fase do processo tradutório.

Após a separação das representações lineares do Translog© em relação às duas últimas fases do processo tradutório, iniciou-se a separação dos trechos do texto de chegada considerando-se as pausas iguais ou acima de cinco segundos¹², as quais, segundo Buchweitz e Alves

¹² Cabe ressaltar que esse valor é o adotado pelo CORPRAT (Corpus Processual para Análises Tradutórias), no qual a presente pesquisa se insere, de modo que outros valores poderiam ter sido adotados. Dragsted (2004), por exemplo, faz um cálculo de pausa individual para cada sujeito a partir do tempo total gasto para a realização da tarefa. Já Rothe-Neves (2003) afirma que os estudos cognitivos de produção de texto devem se pautar por pausas de três segundos no mínimo e, assim, assegurar que a pausa analisada não tenha sido provocada por processos motores (e.g., destreza ou falta de habilidade na digitação).

(2006), são um indicativo de esforço cognitivo e consistem, portanto, em um marco de processamento cognitivo importante para análise. Dessa forma, foi considerado, para análise, qualquer trecho do texto de chegada que se inicia a partir das pausas identificadas pelo símbolo * (i.e., igual a cinco segundos) independentemente de esse trecho corresponder a uma unidade lingüística grafológica ou léxico-gramatical (i.e., palavra ou sinal de pontuação), conforme demonstrado na FIG. 4.

```
[*:01.08.76]Serial*es⊠electrophysiological -  
***•studies•  
****•of•  
*•the•cardiac•  
*****conduction•system•in•patients•whig⊠⊠⊠ith•crh⊠⊠ro⊠⊠hronic•  
****Chagasic•  
*rdio⊠⊠⊠cardip⊠  
*opathy  
*←←←←←←←←←←←←←←←←←←←←←←←←←←⊠c
```

FIGURA 4 – Separação das pausas – Fase de Redação – S3C1.

Nota: S3C1 = primeira tarefa tradutória realizado pelo sujeito 3.

Cumpram lembrar que as porções do texto de chegada identificadas a partir das pausas não necessariamente corresponderem a unidades lingüísticas (como se pode observar na pausa para *cardio*pathy*), tal qual foi a metodologia de análise de Silva e Pagano (2007). Esse procedimento vai ao encontro do critério metodológico de se analisarem todas as pausas, independentemente de essas remeterem (pela análise do protocolo linear) a uma unidade igual ou superior a uma palavra ou a um sinal de pontuação (como se pode observar na última linha da FIG. 4).

Após a separação dos trechos do texto de chegada, iniciou-se a quantificação (em segundos) e a concomitante categorização dos tipos de pausas. Nesse momento, as pausas foram classificadas como pausas de orientação inicial e orientação em tempo real (MACHADO e ALVES, 2007) e/ou pausas de revisão em tempo real e revisão final (BATISTA e ALVES, 2007), considerando-se as fases específicas nas quais ocorrem (i.e., orientação inicial, redação ou revisão final). Conseqüentemente, foram classificados os tipos de apoio presentes em cada uma das pausas, pautados na proposta de classificação adaptada a partir do grupo PACTE por Machado e Alves (2007) e por Batista e Alves (2007), com relação ao grau de implicação cognitiva, tal qual demonstra a FIG. 5.

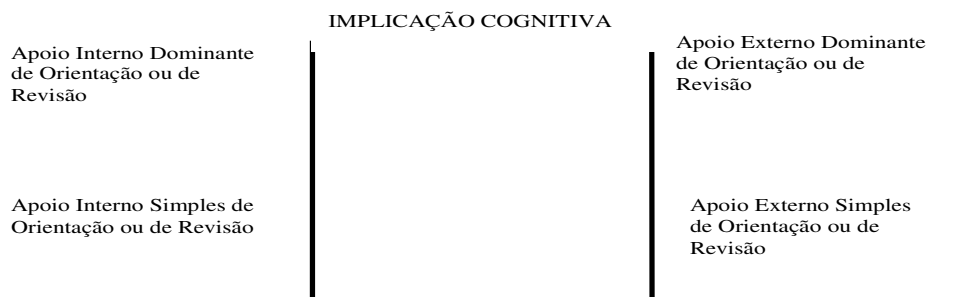


FIGURA 5 – Figura adaptada do Grupo PACTE referente ao grau de implicação cognitiva necessário às oito categorias de seqüências de ações.

Fonte: Batista e Alves (2007, p. 49).

Cabe ressaltar, aqui, que uma análise detalhada dos tipos de apoio interno/externo de orientação e de revisão foi realizada nas seções 1.3 e 1.4 desta dissertação, respectivamente. Com o objetivo de sintetizar a proposta de classificação para todos os tipos de pausas e apoios externos/internos, desenvolvida por Machado e Alves (2007) e por Batista e Alves (2007), bem como os seus mecanismos de identificação, foi criado o Quadro 6, a seguir.

QUADRO 6

Classificação das pausas e dos apoios, seguidos dos respectivos mecanismos de identificação

Tipo de pausa	Sigla	Identificação
Pausa de orientação	PO	Pausa que ocorre antes de o sujeito iniciar a tradução de uma unidade de tradução
Pausa de orientação em tempo real	POR	Pausa de orientação que ocorre durante a fase de redação
Pausa de revisão	PR	Pausa que antecede alterações e/ou correções de uma dada unidade de tradução
Pausa de revisão em tempo real	PRR	Pausa de revisão que ocorre durante a fase de redação
Pausa operacional	POP	Pausa que ocorre quando o sujeito ajusta/personaliza as funções ou a interface de um <i>software</i>
Pausa extratarefa de tradução	PET	Pausa que ocorre quando o tradutor realiza uma pausa não relacionada com a tarefa de tradução
Leitura do texto original	LTO	Leitura prévia antes de iniciar a tarefa tradutória
Tipos de apoio	Sigla	Identificação
Apoio interno simples de orientação	AISO	pausa + solução definitiva
Apoio externo simples de orientação	AESO	pausa + consulta simples + solução definitiva
Apoio interno dominante de orientação	AIDO	pausa + consulta desconsiderada + [pausa] + solução definitiva
Apoio externo dominante de orientação	AEDO	pausa + consulta complexa + solução definitiva
Apoio interno simples de revisão	AISR	pausa + solução definitiva
Apoio externo simples de revisão	AESR	solução provisória + pausa + consulta simples + solução definitiva
Apoio interno dominante de revisão	AIDR	solução provisória + consulta desconsiderada + pausa + solução definitiva
Apoio externo dominante de revisão	AEDR	solução provisória + pausa + consulta complexa + solução definitiva

Nota: consulta simples = consulta em apenas uma fonte de pesquisa; consulta complexa = consulta a duas ou mais fontes de pesquisa.

Deve-se também apontar que Batista e Alves (2007) descreveram ocorrências de LTO + AESR e Machado e Alves (2007) apresentam ocorrências de AISO + AISR, sendo que nenhum outro tipo de associação havia sido prevista por esses autores. No entanto, como ainda não foram esgotadas as possibilidades de associação entre os tipos de apoios, criou-se a categoria CASOS ESPECIAIS para compreender quaisquer possíveis ocorrências inesperadas durante a análise dos dados. Esse procedimento foi realizado com vistas à continuidade da observação da natureza e da duração das pausas, além dos tipos de apoio mais relevantes tanto nos processos de orientação quanto nos processos de revisão dos expertos não-tradutores.

Para auxiliar na classificação das pausas e de seus respectivos apoios, foram utilizados os arquivos de vídeo do Camtasia ©, as transcrições dos relatos retrospectivos e as planilhas de observação direta como ferramentas complementares. A partir dos arquivos .avi do Camtasia© e das planilhas de observação direta, foi possível identificar o tipo de mecanismo de apoios externos utilizado pelos informantes durante o processo tradutório: nos primeiros, encontraram-se as consultas feitas a dicionários eletrônicos, páginas na Internet ou outro tipo de fonte de informação *online* (inclusive o dicionário eletrônico multilíngüe Babylon© e quaisquer outros recursos disponibilizados na Internet ou no editor de texto Word©); e nas segundas, foram identificadas as consultas aos materiais impressos disponibilizados, quais sejam: texto original completo, livro médico Current 2005, dicionário impresso especializado bilíngüe (Dorland's); dicionário impresso monolíngüe, da língua inglesa (Stedman's); dicionário impresso monolíngüe da língua inglesa (Webster); e dicionário impresso bilíngüe português-inglês (Michaelis). Já os relatos retrospectivos foram utilizados como um aporte para esclarecer o que ocorreu nos momentos em que o sujeito realiza as pausas mais longas (sobretudo no que diz respeito às pausas referentes a instâncias de apoio interno simples ou dominante, cuja motivação ou solução não são plenamente identificáveis), verificando-se, assim, os possíveis problemas e as tomadas de decisão de cada um dos expertos não-tradutores durante o processo tradutório das duas tarefas propostas.

A seguir, será demonstrado como foi realizada a classificação do tipo de apoio presente no seguinte trecho do texto de partida, cuja pausa durou 152 segundos, conforme se observa no Exemplo 1. Esse trecho do texto de partida foi escolhido para exemplo pela necessidade de se utilizarem dados gerados pelo Camtasia© e pelo relato retrospectivo, além de se utilizar a função *replay* do Translog©, para classificar o tipo de apoio presente em uma unidade que não apresenta significado evidente.

Exemplo 1

Sujeito	Porção do protocolo linear
S1	[*:02.32.17]

Primeiramente, foi acessada a função *replay* do Translog©, mas não foi possível entender a motivação para a ocorrência e a duração dessa pausa, pois ela antecede apenas movimentos do *mouse*, os quais não apresentam nenhum significado aparente. Dessa forma, foi necessário o aporte do arquivo .avi do Camtasia© (*cf.* FIG 6), que mostra o exato momento em que S1 pausa, realiza uma busca complexa (*i.e.*, realiza uma pesquisa em um sítio na Internet e em um dicionário eletrônico) e, somente após essa busca, chega a uma solução definitiva. Portanto, nessa pausa, S1 se utiliza de apoio externo dominante de orientação (AEDO).

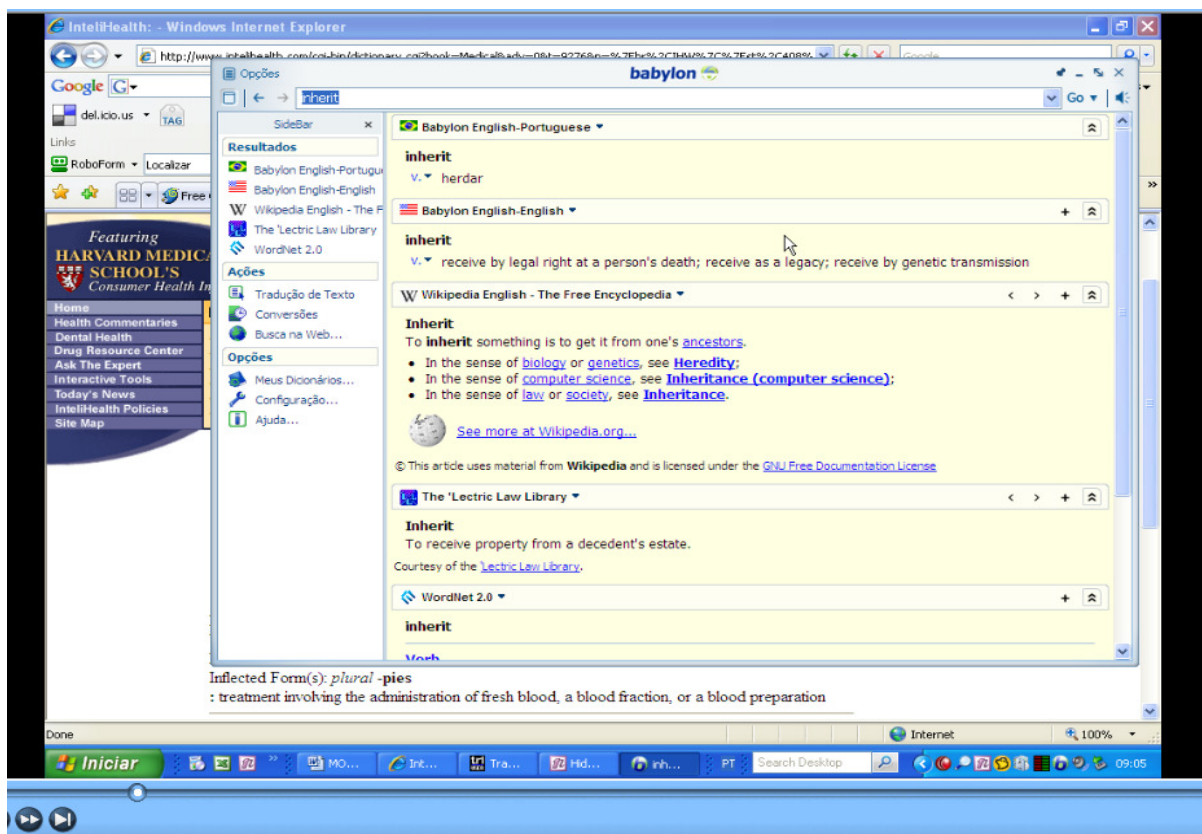




FIGURA 6 – Arquivo .avi do Camtasia© referente à primeira tarefa tradutória realizada por S1.

Após a identificação do momento dessa pausa específica no arquivo do Camtasia© e posterior classificação do tipo de apoio (AEDO), recorreu-se ao relato retrospectivo do sujeito para esclarecer o que ocorreu naquele momento, conforme demonstrado no Exemplo 2, a seguir.

Exemplo 2

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo de Apoio	Duração (em s.)
S1	[*:02.32.17][ 	AEDO	152

S1: Então, eu fiquei pensando: ‘deixo esse *in which* ou mudo?’ [...] Aí entrou uma coisa muito difícil, que é o verbo *herda-se: nas quais herda-se o gene da hemoglobina*. Então, eu fiquei sem saber se eu colocava diretamente *herda-se*, igual ao português: *inherited*.

Em seu relato, S1 explica que, inicialmente, o grupo conjuntivo *in which* (do texto de chegada) foi o responsável pela pausa. Logo em seguida, o sujeito afirma ter se deparado com outra passagem problemática para a qual houve necessidade de busca em apoios externos (*i.e.*, Babylon© e sítios na Internet) para resolver a sua dúvida em relação à tradução da unidade analisada em Silva e Pagano (2007) como formada pelo processo “herdar” e o participante “se” (*herda-se*).

Esses dados quantitativos foram posteriormente associados com aqueles referentes aos movimentos de recursividade que pudessem ser correlacionados com tais pausas. Tais dados, tanto de pausas quanto de recursividade, compilados e tabulados em planilhas do Microsoft Excel©, foram exportados para o SPSS 14.0© (*cf.* subseção 3.2.2), no qual foram calculados os valores das médias, dos desvios padrões e dos valores máximos e mínimos das pausas e as médias da recursividade por sujeito, por tipo de apoio e por tarefa tradutória. A partir desses dados, selecionaram-se alguns exemplos para demonstrar os tipos de apoio interno/externo em cada pausa analisada no capítulo 4: apresentam-se, portanto, as primeiras ocorrências referentes à média, ao valor mínimo e ao valor máximo das pausas concernentes a cada tipo de apoio durante as fases de redação e de revisão para cada uma das tarefas tradutórias realizadas pelos sujeitos. A apresentação dessas três durações específicas de pausas se pauta na conclusão de Silva e Pagano (2007) a respeito do viés qualitativo das pausas, a saber:

[...] a alocação das pausas não é uma questão meramente quantitativa, mas, sobretudo, uma questão qualitativa. Em outras palavras, parece importar mais o que o sujeito faz com suas pausas (*e.g.*, identifica problema, toma decisão, busca apoio interno e/ou externo, automonitora seu processo tradutório) do que o tempo que ele(a) destina para a pausa em um dado segmento. (Silva e Pagano, 2007, p.68)

Em razão dessa característica eminentemente qualitativa das pausas, foram selecionados, posteriormente, para análise mais detalhada os exemplos de AISO e AISR de S3 e S4 tanto na

TCorr quanto na TNCorr. A escolha de S3 e S4 se pauta no fato de que Silva e Pagano (2007) apontam esses sujeitos como os dois extremos da amostra, e a escolha por AISO e AISR se deve ao fato de esses apoios serem os mais recorrentes para todos os sujeitos, apesar de S4 apresentar um maior número de AESR (devido à utilização do Microsoft Word© como apoio externo durante a fase de revisão, conforme se poderá verificar no próximo capítulo). Buscou-se, nessa análise, verificar se pausas maiores correspondem, para os sujeitos expertos não-tradutores, a instâncias de maior esforço cognitivo que possa ser atrelado a algum problema no espaço retórico ou no espaço do conteúdo (SCARDAMALIA; BEREITER, 1991).

Conclui-se, portanto, que a análise das pausas dos processos tradutórios dos expertos não-tradutores foi realizada, principalmente, a partir dos dados fornecidos pelo programa Translog©, dando-se ênfase à análise das pausas de orientação (PO) e/ou revisão (PR) durante as três fases do processo tradutório (JAKOBSEN, 2002), pautada por meio dos dados fornecidos pelo programa Camtasia©, pelos relatos retrospectivos e pelas planilhas de observação direta. Não foram analisadas, nesta pesquisa, as pausas operacionais (POP) e tampouco as pausas extratarefa de tradução (PET), por não serem indicativas de esforço cognitivo em nenhuma das duas tarefas tradutórias realizadas pelos quatro sujeitos expertos não-tradutores.

3.2.2 Organização dos dados

Os dados obtidos após a separação dos trechos do texto de chegada, nos quais as pausas foram identificadas e quantificadas, bem como os tipos de apoio interno e externo referente a cada pausa, foram organizados em planilhas do Microsoft Excel© de acordo com: (i) número seqüencial da ocorrência, (ii) identificação do sujeito; (iii) identificação da tarefa com relação à subárea de atuação, (iv) identificação da coleta; (v) identificação da fase do processo tradutório; (vi) classificação dos trechos do texto de chegada de acordo com cada tipo de apoio interno/externo de orientação e revisão; (vii) duração das pausas (em segundos); e (viii) recursão. Um exemplo dessa tabulação pode ser encontrado no Quadro 7, a seguir.

QUADRO 7
Organização dos dados referentes às pausas

Trecho TC	Ocorrência	Sujeito	Tarefa	Coleta	Fase	Tipo	Duração (em s.)	Recursão
[*:03.36.90]of ♦conduction♦sy stem ^[vô]	5	1	2	2	2	3	217	1

Nota:

- Ocorrência (número sequencial de ocorrências das pausas);
- Sujeito (1= sujeito 1; 2 = sujeito 2; 3 = sujeito 3 e 4 = sujeito 4);
- Tarefa (1 = correlata à subárea de atuação do sujeito; 2 = não-correlata à subárea de expertise);
- Coleta (1= primeira coleta realizada; 2 = segunda coleta realizada);
- Fase (1 = fase de orientação; 2 = fase de redação; 3 = fase de revisão);
- Tipo (tipo de apoio interno/externo de orientação e revisão, sendo 1= AISO; 2 = AIDO; 3 = AESO; 4 = AEDO; 5 = AISR; 6 = AIDR; 7 = AESR, 8 = AEDR, e 9 = casos especiais).

Com base nos dados anotados no Excel®, foram criadas diferentes tabelas e quadros que foram utilizados especificamente para a parte de análise. Com a finalidade de se calcularem as médias e os desvios padrões, além de gerarem tabelas e gráficos, esses dados foram exportados para o SPSS®, versão 14.0. Vale lembrar que a tabulação desses dados buscou separar os dados relativos à TCorr daqueles referentes à TNCorr para que fosse possível verificar, sob uma perspectiva intra-subjetiva, o impacto do conhecimento de domínio sobre a realização das tarefas tradutórias. Além disso, os sujeitos foram comparados entre si (análise intersubjetiva) com vistas à identificação de características idiossincráticas e com vistas à observação de aspectos do perfil cognitivo de S3 que o levaram a se destacar na pesquisa de Silva e Pagano (2003).

Para a análise específica da recursividade, foram criadas duas tabelas sobre pausas, recursividade e tipo de apoio (interno/externo) de acordo com os sujeitos: uma para a TCorr, e a outra para a TNCorr. Primeiramente, foram separadas todas as pausas acompanhadas de recursão, e, em seguida, classificaram-se as instâncias de recursividade em três tipos, a saber: (i) alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada; (ii) correção de erro de digitação; e (iii) movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável. Essas ocorrências foram quantificadas por tipo de recursão e por tipo de apoio interno ou externo utilizado nas pausas, conforme mostra o Quadro 8.

QUADRO 8
Exemplo de tabulação dos dados sobre recursividade na TCorr

Recursão			Apoio interno/externo de orientação e revisão							
Sujeito	Ocorrência	Tipo	AISO	AIDO	AESO	AEDO	AISR	AIDR	AESR	AEDR
S1	0	A	0	0	0	0	0	0	0	0
	56	B	31	0	0	0	19	1	2	3
	64	C	11	0	1	0	23	10	13	6

Nota:

- A = decisão provisória imediatamente descartada;
- B = correção de erro de digitação ou erro ortográfico;
- C = alteração de solução durável.

O Quadro 8 mostra os dados sobre a recursividade de S1 durante a realização da TCorr. A coluna sobre ocorrência mostra a quantidade de pausas apresentadas pelo sujeito de acordo com cada tipo (A, B ou C), ou seja, houve 56 ocorrências de pausas de recursão relacionadas à correção de erro de digitação ou erro ortográfico, das quais 31 ocorrências são atreladas a AISO; 1, a AIDR; 2, a AESR; e 3, a AEDR. As outras 64 ocorrências estão relacionadas à alteração de solução durável e foram subdivididas de acordo com a utilização dos apoios em: 11 ocorrências atreladas a AISO, 1 a AESO, 23 a AISR, 10 a AIDR, 13 a AESR, e 6 a AEDR. No caso de S1, não foram registradas ocorrências para pausas de recursão relacionadas à decisão provisória imediatamente descartada. Vale esclarecer que esses mesmos dados foram tabulados para os demais sujeitos da amostra.

Em suma, a análise dos dados, realizada no capítulo 4 desta dissertação, obedeceu ao seguinte esquema, lembrando-se que, para todas as análises, foram contrastados os dados da TCorr com os dados da TNCorr para se verificar o impacto do conhecimento de domínio sobre a realização da tarefa tradutória, sobretudo no que diz respeito à durabilidade, e para se encontrarem pontos de contato ou divergência entre os resultados de Silva e Pagano (2007) e os resultados obtidos por esta pesquisa, que aborda as mesmas tarefas tradutórias realizadas pelos mesmos sujeitos sob uma perspectiva distinta, qual seja: as pausas do processo tradutório e a cadeia de implicação cognitiva. Tendo-se em vista que a análise das unidades de tradução e segmentos dos textos de partida e chegada objeto desta dissertação já foi feita por Silva e Pagano (2007), este trabalho fará referência a essa análise e suas categorias embasadas pela lingüística sistêmico-funcional e remeterá o leitor a esse trabalho para maior aprofundamento das discussões.

QUADRO 9
Quadro-Resumo dos tipos de análise realizadas por fase do processo tradutório

FASES	TIPO DE ANÁLISE
Fase de orientação	<p>1) análise intra e intersubjetiva do tempo (absoluto e relativo) despendido nos processos de orientação inicial dos expertos não-tradutores para a tarefa cujo conhecimento de domínio demandado era correlato à subárea de atuação dos sujeito (TCorr) e para a tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não era correlato à subárea de atuação dos sujeitos sob escrutínio (TNCorr);</p> <p>2) análise intra e intersubjetiva dos dados sobre as ocorrências, os tipos e a duração das pausas, juntamente com os tipos de apoio (<i>i.e.</i>, interno ou externo) empregados na TCorr e na TNCorr pelos sujeitos desta pesquisa.</p>
Fase de redação	<p>1) análise intra e intersubjetiva do tempo (absoluto e relativo) despendido nos processos de redação dos expertos não-tradutores para a realização da TCorr e da TNCorr;</p> <p>2) análise intra e intersubjetiva do número total de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real durante a fase de redação por sujeito na TCorr e na TNCorr;</p> <p>3) análise intra e intersubjetiva da duração de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real por sujeito na TCorr e na TNCorr;</p> <p>4) análise intra e intersubjetiva dos tipos de apoio interno/externo de orientação em tempo real e de revisão em tempo real observados durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr;</p> <p>5) análise intra e intersubjetiva das médias e desvios padrões da duração das pausas concernentes a cada tipo de apoio de orientação em tempo real e de revisão em tempo real durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr;</p> <p>6) análise qualitativa das primeiras pausas de AISO e AISR coincidentes com a média, com o valor máximo e com valor mínimo durante a realização da TCorr e da TNCorr por S3 e por S4;</p> <p>7) análise intra e intersubjetiva da recursividade observada durante a realização da TCorr e da TNCorr.</p>
Fase de revisão	<p>1) análise intra e intersubjetiva do tempo (absoluto e relativo) despendido nos processos de revisão final dos expertos não-tradutores durante a realização da TCorr e da TNCorr;</p> <p>2) análise intra e intersubjetiva do número total de pausas de revisão por sujeito para a realização da TCorr e da TNCorr;</p> <p>3) análise intra e intersubjetiva dos tipos de apoio interno/externo de revisão relacionados à TCorr e à TNCorr;</p> <p>4) análise intra e intersubjetiva das médias e desvios padrões da duração das pausas concernentes a cada tipo de apoio de revisão final da TCorr e da TNCorr;</p> <p>5) análise intra e intersubjetiva da recursividade observada durante a realização da TCorr e da TNCorr.</p>

Uma vez analisados e organizados os dados em conformidade com o Quadro 9, acima, procedeu-se também às seguintes análises. Para fins de comparação entre os diferentes perfis de sujeitos, as características do perfil cognitivo encontradas a partir das análises intra-subjetiva e intersubjetiva dos processos tradutórios de S1, S2 S3 e S4 em relação aos parâmetros de análise das pausas em função do conhecimento de domínio foram comparadas às características do perfil cognitivo dos tradutores profissionais em relação a esses mesmos

parâmetros, a fim de verificar se há uma proximidade ou afastamento em relação a este perfil. Cumpre lembrar que essa comparação somente foi realizada em termos de tendências, uma vez que os dados desta pesquisa não são diretamente comparáveis por apresentarem diferenças entre os tipos e tamanho dos textos de partida (manual de instrumentos x introdução de artigo científico; 300 x 500 palavras), direção da tradução (inglês-português x português-inglês) e perfil dos sujeitos no *continuum* novato-experto.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo, serão apresentados os resultados obtidos por meio dos protocolos lineares gerados pelo Translog© (arquivo .log), com o aporte do arquivo .avi do Camtasia©, das planilhas de observação direta e da análise dos dados fornecidos pelos relatos retrospectivos. Observe-se que, em congruência com a anotação de Silva e Pagano (2007), para referência à tarefa cujo conhecimento de domínio demandado era correlato à subárea de atuação dos sujeitos, será empregado o acrônimo TCorr e que, para designação da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não era correlato à subárea de atuação dos sujeitos sob escrutínio, será utilizado o acrônimo TNCorr.

A análise dos dados processuais, ou seja, a análise das pausas de orientação inicial, de orientação e revisão em tempo real e de revisão final foi conduzida de forma a mapear o processo tradutório de S1, S2, S3 e S4, considerando-se o impacto da variável conhecimento de domínio sobre a realização das duas tarefas tradutórias sob escrutínio. Os dados estão subdivididos de acordo com as três fases do processo tradutório (*i.e.*, orientação, redação e revisão), apresentando-se os tipos de pausas (*i.e.*, de orientação inicial, de orientação em tempo real, de revisão em tempo real e de revisão final), a duração das pausas (em segundos), a recursividade e os tipos de apoio (*i.e.*, interno ou externo, com suas respectivas classificações quanto a simples ou dominante) utilizados pelos sujeitos em cada uma dessas fases.

4.1 Fase de Orientação Inicial

A análise do tempo (absoluto e relativo) despendido nas pausas de orientação inicial dos expertos não-tradutores mostra uma variação de 0,39% a 16,27%, correspondente a um intervalo de 14s (para S4, quando da realização da TCorr) a 830s (para S3, quando da realização da TNCorr). Pode-se verificar, dentre os quatro sujeitos, que foi dedicada a essa fase uma porcentagem do tempo total consideravelmente inferior àquela observada para as demais fases (*i.e.*, redação e revisão). A única exceção é S3, que, quando da execução da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não correspondia à subárea de atuação (TNCorr), despendeu uma parcela do tempo total referente à fase de orientação inicial

(16,27%) substancialmente maior que àquela dedicada à fase de revisão final (3,92%). Além disso, conforme verificado em Silva e Pagano (2007), há diferença considerável no tempo dedicado à fase de orientação inicial para a realização da TCorr e no tempo despendido para a realização da TNCorr de S1, S2, S3 e S4. Em outras palavras, pode-se verificar um impacto do conhecimento de domínio sobre a fase de orientação inicial no sentido de que houve, para os quatro sujeitos sob escrutínio, uma percentagem menor de tempo dedicado a essa fase quando da realização da TCorr. Essas afirmações podem ser constatadas na TAB. 1, que apresenta o tempo relativo das três fases do processo tradutório.

TABELA 1

Distribuição relativa das fases de orientação, redação e revisão e tempo total despendido para a tradução dos textos cujo *conhecimento de domínio* demandado é correlato à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr) e dos textos cujo *conhecimento de domínio* demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos (TNCorr)

Sujeito	Tarefa	Fases			Total	
		Orientação Inicial (%)	Redação (%)	Revisão Final (%)	%	n (s)
S1	TCorr	0,54	87,12	12,34	100,00	8765
	TNCorr	1,74	72,42	25,84	100,00	7255
S2	TCorr	1,67	88,53	9,80	100,00	3070
	TNCorr	9,36	77,35	13,29	100,00	4220
S3	TCorr	7,05	73,28	19,67	100,00	4240
	TNCorr	16,27	79,81	3,92	100,00	5101
S4	TCorr	0,40	52,02	47,58	100,00	3560
	TNCorr	0,79	63,90	35,31	100,00	3662
Total*	TCorr	2,10	77,99	19,92	100,00	19635
	TNCorr	6,82	73,77	19,41	100,00	20238

* Total refere-se à amostra = S1+ S2 + S3 + S4.

Fonte. Silva e Pagano (2007)

A seguir, serão apresentados os dados sobre os tipos e a duração das pausas, juntamente com os tipos de apoio (*i.e.*, interno ou externo) empregados pelos sujeitos desta pesquisa, levando-se em consideração o impacto da variável conhecimento de domínio. Por ora, têm-se as seguintes conclusões parciais encontradas no Quadro-Resumo, a seguir.

QUADRO 10
Quadro-Resumo geral sobre a fase de orientação inicial

Observação	Tendência	Exceção
Tempo relativo e absoluto dedicado à fase de orientação inicial	Tempo menor para a realização da TCorr do que da TNCorr	—
Tempo relativo dedicado à fase de orientação inicial em relação à percentagem verificada para as fases de redação e revisão final	Tempo relativo menor da fase de orientação inicial em relação a qualquer uma das demais fases	S3 - TNCorr

4.1.1 Pausas e tipos de apoio

Com base na metodologia apontada por Machado e Alves (2007) e de acordo com as planilhas de observação direta, constata-se que S1, S2, S3 e S4 dedicaram a fase de orientação inicial basicamente para a leitura do texto de partida e para buscas em fontes impressas, conforme pode ser observado no Quadro 11, a seguir, e no Quadro 12, mais à frente. Além disso, os sujeitos utilizaram-se basicamente de apoio interno simples de orientação (AISO) durante essa fase, pois mesmo com a leitura rápida do texto de partida os sujeitos estão se orientando para dar início à tarefa de tradução.

QUADRO 11

Tipo de pausa, duração da pausa e tipos de apoio utilizados por sujeito quando da fase de orientação inicial na realização da TCorr (tarefa correlata à subárea de atuação do sujeito)

Sujeito	Comportamento	Tipo de Pausa	Duração (s.)	Tipos de apoio
S1	Lê título do texto	PO	47	LTO + AISO
S2	Lê rapidamente	PO	51	LTO + AISO
S3	Lê o texto, o abstract e as referências	PO	299	LTO + AISO AESO
S4	Lê rapidamente	PO	14	LTO + AISO

Nota: PO = pausa de orientação; AISO = apoio interno simples de orientação; LTO = leitura do texto original.

Os dados do Quadro 11, referente ao tipo de pausa, à duração da pausa e aos tipos de apoio empregados por sujeito quando da fase de orientação inicial na realização da TCorr, mostram que todos os sujeitos apresentaram pausas de orientação com durações distintas, variando de 14 a 299 segundos. Além disso, observa-se que o tipo de apoio é, em geral, o mesmo, isto é, apoio interno simples de orientação (AISO), com leitura do texto original (LTO). Constata-se também que há busca de apoios externos nessa fase por apenas um dos sujeitos: S3, que

utiliza, além de LTO + AISO, o apoio externo simples de orientação (AESO), ao ler outras partes do artigo completo (*i.e.*, *abstract* e referências bibliográficas), pois, como a tarefa correspondia à tradução de uma das seções de um artigo (*i.e.*, a introdução), a leitura de outras partes do mesmo foram consideradas, nesta análise, como apoio externo. Retomando-se os dados já apresentados na TAB. 1, nota-se que S4 foi o sujeito que despendeu menos tempo nessa fase, apenas 14 segundos, o que corresponde a 0,39% do tempo total investido em todo o processo tradutório. O sujeito lê rapidamente o texto de partida, faz alguns ajustes no *software* e, em seguida, inicia o processo de escrita. O segundo sujeito a despende menor tempo foi S1, que dedicou 47 segundos para a conclusão da fase de orientação inicial: o sujeito faz uma leitura apenas da introdução, por já ter um conhecimento prévio sobre o assunto do texto de partida (TP), conforme se pode constatar a partir de seu relato (Exemplo 3).

Exemplo 3

S1: Eu não li o texto. Só li a introdução, porque é um assunto que eu mais ou menos domino. Então, eu não senti a necessidade de ler o texto todo.

A duração, em termos absolutos, da fase de orientação de S2, por sua vez, foi muito semelhante à de S1, com diferença apenas de 4 segundos. Os 51 segundos empregados por esse sujeito foram dedicados, também, à leitura rápida de parte do texto original, iniciando, logo em seguida, a tarefa de tradução. Já o comportamento de S3 é bastante distinto dos outros três sujeitos. É o sujeito que despende mais tempo nesta fase, 299 segundos, ou seja, 7,05% (TAB. 1) do tempo total despendido para a realização da tarefa tradutória. Assim, percebe-se que S3 se preocupa com o texto a ser produzido, orientando-se a partir da leitura de mais partes do texto impresso, como a introdução, o *abstract* e as referências bibliográficas. Além disso, tal qual apontado por S1, S3 também declara seu conhecimento prévio sobre o assunto do texto de partida (Exemplo 4).

Exemplo 4

S3: Eu não li o texto inteiro. Como já sabia do assunto, eu já previa o que ele [autor] abordaria.

Por outro lado, com relação à TNCorr, têm-se os seguintes dados, evidenciados no Quadro 12, a seguir, referente ao tipo de pausa, à duração da pausa e aos tipos de apoio empregados por sujeito.

QUADRO 12

Tipo de pausa, duração da pausa e tipos de apoio utilizado por sujeito quando da fase de orientação para a realização da TNCorr (tarefa não-correlata com a subárea de atuação do sujeito)

Sujeito	Comportamento	Tipo de Pausa	Duração (em s.)	Tipo de apoio
S1	Lê o texto original	PO	126	LTO + AISO
S2	Lê o texto original, procura por palavras no dicionário antes da tradução	PO	395	LTO + AISO AESO
S3	Lê o <i>abstract</i> , o texto completo e as referências e traduz	PO	830	LTO + AISO AESO
S4	Lê rapidamente e traduz	PO	29	LTO + AISO

Nota: PO = pausa de orientação; AISO = apoio interno simples de orientação; LTO = leitura do texto original; AESO = apoio externo simples de orientação.

A partir do Quadro 12, nota-se que há um aumento significativo na duração das pausas de orientação dos quatro sujeitos, variando de 29 segundos, em um extremo, a 830 segundos, no outro. Igualmente, todos os sujeitos apresentaram o mesmo tipo de apoio, ou seja, apoio interno simples de orientação (AISO), seguido de leitura do texto original (LTO). As exceções a essa observação são S2 e S3.

Durante a fase de orientação inicial da TNCorr, S2 expressou necessidade de busca de fonte impressa (dicionário bilíngüe inglês-português *Webster's*), para a conferência de termos técnicos que apareceram no TP (texto de partida). Portanto, S2, além de LTO + AISO, utilizou um tipo de apoio externo, qual seja: o apoio externo simples de orientação (AESO). Verifica-se que S2 despendeu 395 segundos nessa fase, os quais foram dedicados à leitura do texto de partida e à busca por termos técnicos em fonte externa – mais especificamente, os dicionários monolíngües *American Heritage* e *Dorland's* (especializado para a área médica) e o dicionário bilíngüe inglês-português *Webster's*, conforme apontado em seu relato. É importante destacar que, imediatamente após a primeira consulta ao dicionário, conforme se pode notar em seu relato (Exemplo 5, a seguir), S2 já tinha digitado o primeiro caractere, mas estava nitidamente se orientando quando consultou diversas outras palavras ao longo desses 395 segundos. Portanto, a partir dos dados do Translog©, verifica-se que S2 reescreveu todas as palavras durante a fase de redação, o que contribuiu para considerar esse tempo dentro da fase de orientação, justificando a não consideração do tempo correspondente a essas buscas de apoio externo como pertencente à fase de redação desse sujeito.

Exemplo 5

S2: Eu li o texto primeiro, identifiquei as passagens em que havia uma diferença grande entre o português e o inglês. Como existem os termos técnicos e essa não é a minha área, eu tive que conferir alguns [deles].

Já S3 apresenta o mesmo comportamento verificado quando da realização da TCorr, ou seja, faz uma leitura de outras partes do artigo completo. Contudo, não houve sobreposição entre as fases de orientação e redação, pois S3 não chegou a digitar nenhum caractere quando da leitura do material impresso (ao contrário do que se observou com relação a S2).

Novamente, S4 é o sujeito que dedica menos tempo à fase de orientação inicial, ou seja, apenas 29 segundos, o que corresponde a 0,79% do tempo total despendido para a realização da TNCorr (TAB. 1). Durante esses 29 segundos, foi realizada uma breve leitura do texto de partida (LTO), com apoio interno simples de orientação (AISO).

Em extremo oposto ao de S4, nota-se que S3, mantendo o mesmo padrão de comportamento constatado para a TCorr, é o sujeito que despende, em relação aos demais sujeitos, a maior percentagem de tempo (16,27% do tempo total do processo tradutório) nessa fase. Ao longo dos 830 segundos empregados na fase de orientação inicial, observa-se que foi feita uma leitura mais elaborada do texto de partida (TP), por parte de S3, como se pode observar em seu relato (Exemplo 6).

Exemplo 6:

S3: Eu li também os métodos e os resultados; só não li a discussão. Eu pude entender melhor o que ele [o autor] ia fazer.

Já S1 despende mais tempo que S4, mas menos tempo em comparação a S2 e S3. Verifica-se que esse sujeito emprega 126 segundos, isto é, 1,74% do tempo total, para a leitura do texto de partida (LTO), juntamente com apoio interno simples de orientação (AISO).

As conclusões preliminares desta subseção estão resumidas no Quadro-Resumo, a seguir.

QUADRO 13
Quadro-Resumo para a subseção 3.1.1

Observação	Tendência	Exceção
Tipo de apoio realizado durante a fase de orientação da TCorr	AISO + LTO	S3 – AESO
Tipo de apoio realizado durante a fase de orientação da TNCorr	AISO + LTO	S2 e S3 – AESO
Característica da fase de orientação	Do primeiro contato com o texto de partida até a digitação do primeiro caractere	S2 (TNCorr)

4.2 Fase de Redação

A análise do tempo absoluto e relativo aponta que todos os sujeitos despenderam a maior parte de seu processo tradutório na fase de redação, tanto para a realização da TCorr quanto para a realização da TNCorr. Contudo, de acordo com Silva e Pagano (2007), não houve um padrão no comportamento de S1, S2, S3 e S4 que pudesse ser equacionado com um possível impacto do conhecimento de domínio na execução das duas tarefas tradutórias propostas. Verifica-se, a partir da TAB. 2, que todos os sujeitos despenderam mais de 50% do tempo total do processo tradutório na fase de redação (variando de 52,02% a 88,53%, para a realização da TCorr, e de 63,90% a 79,81%, para a realização da TNCorr). Observa-se que houve, portanto, um comportamento heterogêneo entre os sujeitos nas duas tarefas tradutórias em relação à duração da fase de redação.

TABELA 2

Distribuição relativa da fase de redação e tempo total despendido para a tradução dos textos cujo *conhecimento de domínio* demandado é correlato à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr) e dos textos cujo *conhecimento de domínio* demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos (TNCorr)

Sujeito	Tarefa	Fase de Redação %	Total
			n (s)
S1	TCorr	87,12	7636
	TNCorr	72,42	5254
S2	TCorr	88,53	2718
	TNCorr	77,35	3264
S3	TCorr	73,28	3107
	TNCorr	79,81	4071
S4	TCorr	52,02	1852
	TNCorr	63,90	2340
Total*	TCorr	77,99	15313
	TNCorr	73,77	14930

* Total refere-se à amostra = S1+ S2 + S3 + S4

Fonte: Silva e Pagano (2007, p. 59).

Para a realização da TCorr, S1 empregou 87,12% de seu tempo total de produção e S2 despendeu 88,3%. Esses dois sujeitos empregaram mais tempo nesta tarefa do que na TNCorr, para a qual despenderam 72,4% e 77,35%, respectivamente. Já S3 e S4 empregaram mais tempo na fase de redação ao executarem a TNCorr. Mais especificamente, S3 despendeu

79,81% e 73,28% para executar, respectivamente, a TNCorr e a TCorr; e S4 empregou, respectivamente, 63,90% e 52,02% para a realização dessas mesmas tarefas.

A seguir, será apresentado, primeiramente, o número total de pausas na fase de redação e, em seguida, serão discriminadas as pausas de orientação em tempo real e os respectivos apoios encontrados para cada uma, durante a fase de redação. Posteriormente, serão mostradas as pausas de revisão em tempo real, bem como o tipo de apoio que se manifestaram em cada uma dessas pausas. Por ora, apresenta-se a seguinte síntese dos dados referentes à fase de redação.

QUADRO 14
Quadro-Resumo geral sobre a fase de redação

Observação	Tendência	Exceção
Tempo relativo dedicado à fase de redação	Amostra heterogênea: dois sujeitos (S1 e S2) despendem maior porcentagem de tempo na fase de redação da TCorr; e outros dois sujeitos (S3 e S4) despendem maior porcentagem de tempo na fase de redação da TNCorr	–
Fase de redação em relação às demais fases do processo tradutório	É a fase para a qual os sujeitos despendem maior porcentagem do tempo total da tarefa tradutória (tanto para a TNCorr quanto para a TCorr)	–

4.2.1 Identificação e quantificação das pausas

Nesta subseção, serão apresentados somente os dados referentes ao número total de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr (subseção 4.2.1.1), bem como a duração média (em segundos) dessas pausas. Neste momento, não serão apresentados os tipos de apoio identificados e classificados para cada uma das pausas. Portanto, as pausas de orientação e de revisão encontradas durante a fase de redação serão apresentadas primeiramente em um único bloco e, posteriormente, serão analisadas separadamente, considerando-se as tarefas tradutórias realizadas pelos quatro sujeitos.

Dessa forma, na seqüência, as pausas de orientação em tempo real e seus respectivos apoios serão ilustrados quando da realização da TCorr e da TNCorr (subseção 4.2.1.2). O mesmo

ocorrerá para as pausas de revisão em tempo real e seus respectivos apoios internos/externo (subseção e 4.2.1.3).

4.2.1.1 Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação

O número total de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real verificado durante a fase de redação das tarefas tradutórias de cada sujeito, bem como o tempo total empregado com essas pausas em cada uma das duas tarefas tradutórias propostas estão demonstrados na TAB. 3.

TABELA 3
Pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real, consideradas em conjunto, durante a fase de redação, por sujeito

Sujeito	Número de pausas (TNCorr)	Número de pausas (TCorr)	Tendência (número de pausas)*	Duração das pausas (TNCorr)	Duração das pausas (TCorr)	Tendência (duração das pausas)*
S1	138	172	>	3730	4951	>
S2	106	89	<	1992	2297	>
S3	140	112	<	2268	1670	<
S4	79	41	<	665	340	<

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

Analisando-se a TAB. 3, verifica-se que não se pode aferir a existência de um padrão unívoco de comportamento entre os sujeitos S1, S2, S3 e S4, no que diz respeito ao impacto da variável conhecimento de domínio sobre o número das pausas e sobre a duração das mesmas. Em outras palavras, em relação ao número de pausas, S1, contrariando a tendência de diminuição verificada entre os demais sujeitos, apresenta um aumento no número total de pausas na fase de redação para a realização da TCorr, aumentando, também, o tempo total investido nessas pausas. Já S2 apresenta uma diminuição no número de pausas, tal qual constatado entre S3 e S4, mas, em contrapartida, despense mais tempo com elas. Percebe-se que S3 e S4 demonstraram um comportamento parecido, quando comparados entre si, pois ambos diminuíram o número de pausas, bem como o tempo gasto com as mesmas durante a fase de redação, ao traduzirem a TCorr.

Com a finalidade de se compararem os processos de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação foi desenvolvida a TAB. 4 na qual estão configurados os dados acerca do tamanho médio das pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real para cada um dos sujeitos e para os sujeitos considerados como um todo durante a realizada da TCorr e da TNCorr.

TABELA 4

Duração média (em segundos) das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real para cada um dos sujeitos e dos sujeitos considerados como um todo

ORIENTAÇÃO			TEND.	REVISÃO			TEND.
	TNCorr	TCorr			TNCorr	TCorr	
S1	21,5	14,3	<	S1	47,6	45,1	<
S2	18,9	23,6	>	S2	15,2	29,9	>
S3	16,5	15,3	<	S3	15,4	13,6	<
S4	9,2	7,6	<	S4	6,3	11,4	>
TOTAL	17,4	15,8	<	TOTAL	22,4	34,6	>

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TEND. = Tendência.

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

Os dados da TAB. 4 apontam que o tamanho médio das pausas de orientação durante a TCorr varia de 7,6s (S4) a 23,6s (S2), ao passo que, para a TNCorr, varia de 9,2s (S4) a 21,5s (S1). Nota-se que, observando-se a variação da TNCorr para a TCorr, há uma diminuição das médias para S1 (21,5 para 14,3s), S3 (16,5s para 15,3s) e S4 (9,2s para 7,6s). Apenas S2 apresenta um aumento no tamanho médio dessas pausas, (18,9s na TNCorr e 23,6s na TCorr), sendo este o sujeito que apresenta o maior tamanho médio das pausas de orientação nas duas tarefas. Entretanto, no geral, verifica-se que houve uma diminuição no tamanho médio das pausas de orientação em tempo real quando da realização da TCorr (de 17,4s para 15,8s). Essa tendência parece reproduzir o que foi verificado em termos de orientação inicial, para a qual se verificou uma diminuição na duração relativa e absoluta dessa fase quando da realização da TNCorr, em função do impacto do conhecimento de domínio sobre essa variável. Assim, observa-se uma semelhança no comportamento de S1, S3 e S4 no que toca à tendência de se diminuir o tamanho médio das pausas de orientação em tempo real durante a realização da TCorr, o que significa que esses sujeitos se orientaram menos, por pausa, durante esta tarefa em comparação à TNCorr.

Em relação às pausas de revisão, observa-se uma variação de 11,4s (S4) a 45,1s (S1) em relação à TCorr e de 6,3s (S4) a 47,6s (S1) no que toca a TNCorr. Nota-se que há uma diminuição das médias para S1 (de 47,6s para 45,1s) e para S3 (de 15,4s para 13,6s) e um aumento para S2 (de 15,2s para 29,9s) e S4 (de 6,3s para 11,4s). Por conseguinte, não se pode identificar um padrão homogêneo no comportamento dos sujeitos no caso do tamanho médio das pausas de revisão em tempo real. Contudo, no geral, verifica-se que houve um aumento no tamanho médio das pausas dos sujeitos considerados como um todo (de 22,4, na TNCorr, para 34,6, na TCorr). Portanto, em termos de semelhanças no comportamento, S1 e S3 apresentaram a mesma tendência, ou seja, diminuíram o tamanho médio das pausas de revisão quando da realização da TCorr, ao passo que S2 e S4 contrariam esse comportamento, pois tenderam a um aumento no tamanho médio de suas pausas quando da realização da TCorr. Comparando-se os sujeitos entre si, observa-se que S1 foi o sujeito que apresentou a maior duração média das pausas de revisão em tempo real e S4 o sujeito que apresentou a menor duração dessas pausas.

Na TAB. 5 abaixo, está apresentada a duração média (em segundos) das pausas de orientação e de revisão durante a fase de redação da TCorr, por sujeito, e essas mesmas pausas durante a fase de redação da TNCorr.

TABELA 5
Duração média (em segundos) das pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real para cada um dos sujeitos na TCorr e na TNCorr

TCorr			TNCorr		
	Orientação	Revisão		Orientação	Revisão
S1	14,3	45,1	S1	21,5	47,6
S2	23,6	29,9	S2	18,9	15,2
S3	15,3	13,6	S3	16,5	15,4
S4	7,6	11,4	S4	9,2	6,3
TOTAL	15,8	34,6	TOTAL	17,4	22,4

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

A partir dos dados da TAB. 5 nota-se que, na TCorr, a duração média das pausas de revisão é maior do que aquela observada para as pausas de orientação para todos os sujeitos, a exceção de S3. Já na TNCorr, o único sujeito que apresenta a duração média das pausas de revisão maior que a duração média das pausas de orientação é S1. Esse sujeito é o que despendeu

mais tempo para a realização da TCorr e da TNCorr em comparação aos demais, o que talvez possa ser explicado pela grande ocorrência e sobretudo pela elevada duração das pausas de revisão durante a fase de redação. Todos os demais sujeitos apresentam uma duração média das pausas de revisão menor durante a realização da TNCorr. O comportamento de S2, S3 e S4 indica que há impacto do conhecimento de domínio, uma vez que esses sujeitos tendem a se orientar mais, por pausa, quando da realização da TNCorr, provavelmente pela falta de conhecimento específico necessário para tomar decisões e resolver possíveis problemas de tradução. Já para a realização da TCorr, os expertos não-tradutores parecem revisar mais porque se comprometem com o resultado final de sua produção textual, por esta pertencer à subárea de atuação (*cf.* Exemplo 4, já apresentado).

A partir dos dados analisados, conclui-se que a duração média das pausas de orientação tendem a ser menores e, em consequência disso, o impacto de pausar na duração da fase é menor do que o impacto gerado pelas pausas de revisão. Assim, as pausas de orientação parecem implicar soluções mais rápidas e eficazes. Essa apreciação corrobora a afirmação de Silva e Pagano (2007) de que as pausas têm um caráter mais qualitativo do que quantitativo. Esses dados, no entanto, carecem de futuras pesquisas para comprovar se maior orientação está equacionada com menor duração do processo tradutório. A partir dessas análises talvez seja possível corroborar que a pausa de orientação consiste em uma concentração de esforço cognitivo em um tempo menor.

Em se tratando das pausas de revisão, por outro lado, essas demandam muito tempo do tradutor para cotejar a solução dada anteriormente com o texto de partida e com as indagações do sujeito sobre a plausibilidade da pausa. Em se tratando do tamanho médio das pausas de revisão em tempo real dos sujeitos considerados como um todo, observa-se um aumento dessas médias por parte dos sujeitos ao realizarem a TCorr (de 22,4s para 34,6s). Entretanto, deve-se lembrar que essas médias foram influenciadas pelos valores discrepantes e reiterados de S1.

Cabe ressaltar que S3 é o único sujeito que tende a equilibrar a duração média das pausas de orientação com as pausas de revisão, havendo, contudo, um investimento maior por parte desse sujeito nas pausas de orientação, como se pode notar na realização da TNCorr. Em outras palavras, a média de duração das pausas de revisão de S3, como se verá mais adiante, é

menor do que a média de duração das pausas de orientação, contrariando o comportamento dos demais sujeitos para esta tarefa.

Os dados desta subseção podem ser sintetizados de acordo com o Quadro-Resumo, a seguir.

QUADRO 15
Quadro-Resumo geral sobre o número e a duração das pausas

Observação	Tendência	Exceção
Número de pausas	Diminuição no número de pausas na TCorr, em relação à TNCorr	S1
Duração das pausas, em segundos	Amostra heterogênea (da TNCorr para a TCorr): - Diminuição (no caso de S3 e S4) - Aumento (no caso de S1 e S2)	-
Número de ocorrências das pausas de orientação na TCorr em relação à TNCorr	Menor	S1
Média da duração das pausas de orientação na TCorr em relação à TNCorr	Menor	S2
Número de ocorrências das pausas de revisão na TCorr em relação à TNCorr	Amostra heterogênea - Menor (no caso de S1 e S3) - Maior (no caso de S2 e S4)	-
Média da duração das pausas de revisão na TCorr em comparação com a TNCorr	Amostra heterogênea: - Menor (no caso de S1 e S3) - Maior (no caso de S2 e S4)	-
Relação da média de duração das pausas de revisão em comparação com a média de duração das pausas de orientação	- TCorr: revisão maior que orientação - TNCorr: revisão menor que orientação	- S3 - S1

A seguir será apresentada a análise das pausas de orientação em tempo real e os respectivos apoios de acordo com cada uma das tarefas tradutórias realizadas pelos quatro sujeitos expertos não-tradutores (subseção 4.2.1.2). Já na subseção 4.2.1.3, serão analisados os dados sobre as pausas de revisão em tempo real e os respectivos apoios (primeiramente, na TCorr e, posteriormente, na TNCorr).

4.2.1.2 Pausas de orientação em tempo real e os respectivos apoios

Apresenta-se, primeiramente, o número total de pausas de orientação em tempo real, por sujeito, levando-se em consideração as diferenças observadas para a TCorr e para a TNCorr. Em seguida, observam-se os respectivos tipos de apoio (*i.e.*, interno ou externo com as caracterizações de dominantes ou simples), relacionados a cada uma dessas pausas durante a fase de redação.

Cabe ressaltar aqui que, ao longo desta subseção, a título de ilustração, serão apresentados exemplos que foram selecionados a partir da planilha do Microsoft Excel©, na qual os dados foram organizados (*cf.* Quadro 7, subseção 3.2.2), tendo como base as médias e as durações máximas e mínimas das pausas concernentes a cada tipo de apoio durante as fases de redação e de revisão para cada uma das tarefas tradutórias realizadas pelos quatro sujeitos. Assim, foram ilustrados três exemplos para cada tipo de apoio por sujeito, a saber: i) aquele contendo a pausa de menor duração; ii) aquele cuja duração da pausa se iguala à média; e iii) aquele cuja duração da pausa é a mais longa para cada tipo de apoio.

Contudo, conforme explicado no capítulo 3, somente serão comentados, em termos de motivação para a pausa e para o tipo de apoio, os exemplos apresentados para S3 e S4, uma vez que esses dois sujeitos foram considerados os dois extremos da amostra da pesquisa realizada por Silva e Pagano (2007). Em relação aos apoios a serem comentados nesses exemplos, escolheram-se AISO e AISR, observando-se as tendências em relação aos tipos de apoio mais recorrentes nesta pesquisa e naquela realizada por Machado e Alves (2007) e por Batista e Alves (2007).

Portanto, para ilustrar a utilização dos diversos tipos de apoio pelos expertos não-tradutores será apresentada uma seqüência de três exemplos para cada tipo de apoio interno ou externo de orientação e de revisão (quando possível, pois há sujeitos que apresentam menos ocorrências de determinados tipos de apoio). Dessa forma, as seqüências pertencentes a S3 e a S4 serão comentadas com o objetivo de verificar quais pausas (curtas, médias ou longas) poderiam ser um indicativo de maior esforço cognitivo, além de verificar se as pausas mais longas correspondam à falta de habilidade do sujeito em realizar buscas externas.

4.2.1.2.1 Número total de pausas de orientação em tempo real

A TAB. 6 apresenta as ocorrências de pausas de orientação em tempo real observadas durante a fase de redação das tarefas tradutórias de cada sujeito e o tempo total despendido com essas pausas quando da realização das duas tarefas de tradução, analisadas separadamente.

TABELA 6
Número total e duração total das pausas de orientação em tempo real por sujeito e por tarefa

Sujeito	Número de pausas (TNCorr)	Número de pausas (TCorr)	Tendência (número de pausas)*	Duração das pausas (s.)	Duração das pausas (s.)	Tendência (duração das pausas)*
S1	109	91	<	2351	1300	<
S2	87	58	<	1649	1370	<
S3	102	86	<	1683	1317	<
S4	59	34	<	540	260	<

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

Com base nos dados, pode-se afirmar que as pausas de orientação em tempo real realizadas pelos sujeitos na fase de redação durante a tarefa tradutória não-correlata à subárea de atuação de S1, S2, S3 e S4 variaram entre 59 a 109 ocorrências (para S4 e S1, respectivamente). Em contrapartida, ao realizarem a TCorr, todos os sujeitos apresentaram uma diminuição do número de pausas de orientação em tempo real, num intervalo de 34 a 91, para S4 e S1, respectivamente. Esses dados são mais bem observados a partir da análise do GRAF. 1.

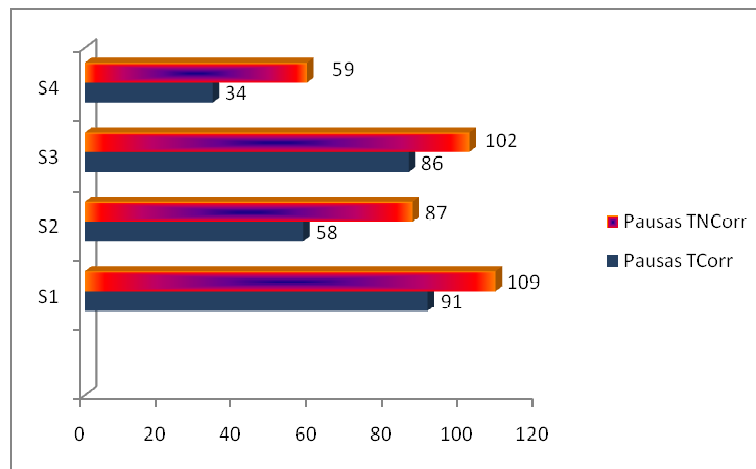


GRÁFICO 1 – Número total de pausas de orientação em tempo real por sujeito e por tarefa.

No que tange à duração das pausas, o mesmo comportamento dos sujeitos em relação ao número de pausas pode ser observado. Nesse sentido, a duração das pausas, que, quando da realização da TCorr, variou de 540 a 2351 segundos, para S4 e S1, respectivamente, diminuiu, ficando num intervalo entre 260 e 1370 segundos, para S4 e S2, respectivamente.

S4 é o sujeito que apresenta o menor número de ocorrências durante a TCorr (*i.e.*, 34), despendendo 260 segundos com as pausas de orientação em tempo real durante a fase de redação. Essa mesma característica se mantém quando da tradução da TNCorr, na qual apresenta 59 ocorrências, empregando 540 segundos. Já S1 é o sujeito que apresenta a maior quantidade de pausas tanto na TCorr quanto na TNCorr, sendo, respectivamente 91 e 109 ocorrências, com as quais emprega 1300 e 2351 segundos. S3 apresenta apenas 5 ocorrências a menos que S1 quando da tradução da TCorr, empregando 1317 segundos com essas pausas. O número de pausas aumenta em 16 ocorrências durante a TNCorr, e esse sujeito destina 1683 segundos a essas pausas. No caso de S2, o número de ocorrências apresentadas é menor em relação a S1 e S3 durante a TCorr; no entanto, esse sujeito é o que destina maior quantidade de tempo a essa fase, totalizando 1370 segundos, quando comparado aos demais sujeitos. Em relação à TNCorr, S2 despende 1683 segundos em suas 87 pausas.

Parece que todos os sujeitos apresentaram uma tendência de comportamento devido ao impacto da inserção da variável do conhecimento de domínio, no que se refere à quantificação (em número de ocorrências e em duração total) das pausas de orientação em tempo real durante fase de redação do processo tradutório. Em outras palavras, o conhecimento de domínio parece ter contribuído no sentido de reduzir o número absoluto de pausas de orientação em tempo real durante a fase de redação da TCorr. Observe que, ao separar os valores, essa tendência apareceu, ou seja, não era possível observar o impacto da variável conhecimento de domínio quando os valores estavam juntos (para revisão e orientação como na subseção 4.2.1.1.). A seguir, é apresentado o quadro-resumo sobre o número e a duração das pausas de orientação.

QUADRO 16
Quadro-Resumo geral sobre o número e a duração das pausas de orientação

Observação	Tendência	Exceção
Número de pausas	Diminuição no número de pausas na TCorr, em relação à TNCorr	—
Duração das pausas	Diminuição da duração das pausas na TCorr, em relação à TNCorr	—

4.2.1.2.2 Tipos de apoio relacionado a cada pausa de orientação em tempo real

Descrevem-se, a seguir, os tipos de apoios (*i.e.*, internos e externos com a sua respectiva caracterização em simples ou dominantes) que se manifestaram em cada uma das pausas de orientação. Em relação à utilização de apoios externos, cabe ressaltar que Silva e Pagano (2007) concluíram que S1 foi o sujeito da amostra que utilizou maior número de fontes de consulta, dentre dicionários eletrônicos e impressos, livros especializados em medicina e Internet, ao passo que, S4 foi o sujeito que recorreu ao menor número fontes. S4 basicamente utilizou o revisor ortográfico do Microsoft Word® para fazer alterações em suas tarefas de tradução, já na fase de revisão (seção 4.3), sendo esse dado, portanto, desconsiderado nesta subseção. Já S3 foi o único sujeito que utilizou os artigos completos impressos e fez raras buscas na Internet. S2, por sua vez, somente utilizou dicionários impresso e não realizou nenhuma busca em fontes eletrônicas.

Os dados relacionados aos tipos de apoios interno/externo foram divididos na TAB. 7 e na TAB. 8, considerando-se a TCorr e a TNCorr, respectivamente. Vale lembrar que a classificação dos tipos de apoio interno/externo de orientação foi realizada de acordo com aquela proposta por Machado e Alves (2007). Cumpre também apontar que, inicialmente, os dados se referem à tarefa cujo conhecimento de domínio demandado era correlato à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr). Uma vez apresentados esses dados, disponíveis quantitativamente na TAB. 7, proceder-se-á à análise referente à TNCorr, quando também será apresentada uma tabela contendo uma síntese dos dados quantitativos (TAB. 9).

TABELA 7

Tipos de apoio interno/externo de orientação em tempo real observados durante a fase de redação da TCorr

Sujeito	AISO	Tempo (s.)	AIDO	Tempo (s.)	AESO	Tempo (s.)	AEDO	Tempo (s.)
S1	90	1148	0	0	0	0	1	152
S2	50	913	0	0	8	457	0	0
S3	83	1033	0	0	1	5	2	279
S4	34	260	0	0	0	0	0	0
TOTAL	257	3354	0	0	9	462	3	431

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDO = Apoio interno dominante de orientação; AISO = apoio interno simples de orientação; AEDO = Apoio externo dominante de orientação; AESO = Apoio externo simples de orientação..

Com base na TAB. 7, em relação aos apoios internos, observa-se que o AISO é o tipo de apoio interno predominante para todos os sujeitos e não se nota ocorrência para AIDO. Dentre

os apoios externos, há maior número de ocorrências para AESO (9) e apenas uma ocorrência de AEDO.

Com o objetivo de sintetizar os dados da TAB 7, desenvolveu-se a TAB. 8, que apresenta as médias das pausas e os desvios padrões referentes a cada tipo de apoio de orientação em tempo real utilizado pelos sujeitos durante a fase de redação da TCorr, conforme explicado na subseção 3.2.1.

TABELA 8

Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de orientação em tempo real durante a fase de redação da tarefa tradutória cujo conhecimento de domínio demandado é correlato à subárea de atuação de S1, S2, S3 e S4

Sujeito	Tipo	Média	N	Desvio padrão
S1	AISO	12,76	90	15,682
	AEDO	152,00	1	
S2	AISO	13,16	50	14,587
	AESO	48,25	8	30,396
S3	AISO	12,45	83	10,594
	AESO	5,00	1	
	AEDO	139,50	2	168,999
S4	AISO	7,65	34	5,11

Nota: AISO = apoio interno simples de orientação; AEDO = Apoio externo dominante de orientação; AESO = Apoio externo simples de orientação.

Com base na TAB. 8, verifica-se que, em termos de AISO, os sujeitos despendem uma média (em segundos) de 7,65 (S4) a 13,16 (S1) com esse tipo de apoio. Note-se que, apesar de ser o tipo de apoio mais recorrente (intervalo de 34 a 90, para S4 e S1, respectivamente), trata-se das pausas com menor duração entre os sujeitos. Os demais tipos de apoio, embora menos freqüentes, tendem a demandar maior tempo da tarefa tradutória (com exceção do AESO de S3), como é o caso das ocorrências de AEDO (que serão ilustradas no Exemplo 8, para S1, e no Exemplo 13, para S3), observadas para S1 (média de 152 segundos) e S3 (média de 139,50 segundos). Não obstante essas constatações, é importante lembrar que os desvios padrões são, em geral, superiores ou próximos às médias, o que revela a existência de valores muito díspares na amostra. Isso implica que as pausas se distribuem, em termos de duração, de forma heterogênea ao longo do processo tradutório de cada indivíduo, de modo que se deve

associar a elas um caráter mais qualitativo do que quantitativo, como se pode verificar ao longo das análises a seguir para S3 e S4.

Cabe lembrar que a partir desses dados e daqueles tabulados na TAB 7, selecionaram-se exemplos para ilustrar os tipos de apoios internos/externos utilizados em cada pausa analisada durante a fase de redação, dentre as primeiras ocorrências referentes à média, ao valor mínimo e ao valor máximo das pausas concernentes a cada tipo de apoio. Conforme já citado anteriormente, a apresentação dessas três durações específicas de pausas se pauta na conclusão de Silva e Pagano (2007) em relação ao viés qualitativo das pausas. Assim, devido a essa característica qualitativa, foram selecionados, posteriormente, para análise mais detalhada, os exemplos de AISO de S3 e S4 tanto na TCorr quanto na TNCorr. De acordo com Silva e Pagano (2007) esses sujeitos foram apontados como os dois extremos da amostra, e a escolha por AISO se deve ao fato de esse apoio ser o mais recorrente para todos os sujeitos.

Em relação ao total das pausas de orientação em tempo real realizadas pelos quatro sujeitos (TAB. 7), observa-se que, do total das 91 pausas realizadas por S1, 90 tiveram o apoio classificado como apoio interno simples de orientação (AISO), sendo empregados 1148 segundos somente com esse tipo de apoio. Abaixo serão ilustrados momentos em que o sujeito utilizou-se deste tipo de apoio ao executar a TCorr, com base na TAB. 8.

Exemplo 7

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*as*a*result*of*	AISO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	***The*sickle*cell*diseases	AISO	15

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	***[:01.51.92]]	AISO	112

S1: De novo, por causa do *it*, Nessa parte, porém, eu resolvi deixar *it*.

Vale esclarecer que nem todos os exemplos serão seguidos de relatos, pois os sujeitos não comentam sobre todas as pausas identificadas e analisadas nesta dissertação. Há comentários

apenas para as pausas que demandaram maior esforço cognitivo dos expertos não-tradutores, quando os sujeitos fizeram comentários a essas pausas. Apenas uma ocorrência foi categorizada como apoio externo dominante de orientação (AEDO). O Exemplo 9 ilustra o tipo de apoio classificado como AEDO. Nesse momento, S1 se depara com um problema de tradução e se utiliza de apoio interno para tentar solucionar o problema; porém, foi necessário recorrer a mais de uma fonte externa de pesquisa, e, após essa busca complexa, que durou 152 segundos, S1 chegou a uma conclusão.

Exemplo 8

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:02.32.17][~ê][~ê]	AEDO	152

S1: Eu fiquei pensando: ‘deixo esse *in which* ou mudo?’
 [...] Aqui surgiu uma coisa muito difícil, que é o verbo *herda-se*: *nas quais herda-se o gene da hemoglobina*. Eu não sabia se colocava diretamente *herda-se*, igual ao português, *inherited*.

Durante o processo de tradução de S2, das 58 pausas de orientação em tempo real, os tipos de apoio interno/externo foram: 50 pausas de AISO, com duração total de 913 segundos; e 8 pausas de AESO, com duração total de 457 segundos. Em relação às pausas com AESO, verifica-se que S2 enfrentou problemas de tradução e não detinha conhecimento suficiente para tomar uma decisão, necessitando, portanto, realizar busca em fonte de pesquisa para solucionar o problema. Alguns exemplos dos tipos de apoio interno (Exemplo 9) e externo (Exemplo 10) utilizados por S2 podem ser verificados a seguir.

Exemplo 9

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*death	AISO	5
S2	***lessen	AISO	20
S2	*****a nd*correlating*this ♦	AISO	45

S2: É porque essa frase [*at a long term and correlated have not been found*] é muito grande.

Exemplo 10

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	****♦conductor♦	AESO	20

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*:53.99][[⌈]]♦have♦been♦largely♦studied	AESO	54

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*:01.33.82]♦anter♦left♦	AESO	93

S2: Então, eu tive que olhar o *branch*, o *block* e o *complete right bundle*. Eu não sabia se *bundle* era com dois ll ou com dois dd. Então, eu tive que consultar.

S3 é o sujeito que apresentou a maior variedade de apoios internos/externos de orientação. Foram relacionadas 83 pausas de AISO, totalizadas em 1033 segundos, 2 pausas de AEDO e apenas uma pausa de AESO. Para a ocorrência de apoio externo simples de orientação, S3 despendeu somente 5 segundos de seu tempo, ao passo que, para as ocorrências de AEDO, o sujeito empregou 279 segundos, uma vez que houve necessidade de buscas em diferentes fontes de pesquisa, consideradas buscas complexas (*i.e.*, páginas da Internet e dicionário impresso). Os Exemplos 11, 12 e 13 mostram, além do momento em que o sujeito necessitou utilizar AESO para solucionar um problema de tradução da sua TCorr, outros momentos em que S3 se utiliza dos outros apoios (*i.e.*, AISO e AEDO).

Exemplo 11

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	*[[⌈]]promptly♦reversible.	AESO	5

P1: Então, quer dizer que você olhou no dicionário essas duas palavras?

S3: É porque eu não sabia se existiam as duas, mas existem (todas as duas). *Reverse*, porque é *reversible*; não é *revertable*.

Nesse momento, o sujeito realiza uma pausa de apenas 5 segundos, utilizando o apoio externo simples de orientação (AESO), para se certificar da grafia correta do grupo adverbial *promptly* e do epíteto *reversible*, referentes ao grupo adverbial *facilmente* e

do grupo verbal *revertido* do texto de partida, conforme pode ser comprovado a partir de seu relato. Portanto, essa pausa se deu na ordem da palavra.

Exemplo 12

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	*eh hemoglobin	AISO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	***the	AISO	15

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	[:52.97] which	AISO	53

S3: Eu não gostei de *which keep cell in stage* Fui e voltei. Fui para frente, mas, depois, eu voltei e mudei tudo.

Em relação ao apoio interno simples de orientação para esta tarefa tradutória, verifica-se que esse sujeito faz uma pausa de 5 segundos por questões lexicais, ou seja, houve uma correção da palavra *hemoglobin*. Para a pausa de 15 segundos, o sujeito somente altera uma decisão provisória imediatamente descartada, ou seja, apaga a palavra que acabou de escrever. Observa-se, a partir do protocolo linear, o trecho no qual o sujeito realiza essa pausa de 15 segundos: *the•h gene•of for***the*. Nessa passagem, S3 traduz parte do grupo nominal “o gene da hemoglobina S” e, baseado nos próprios conhecimentos (apoio interno), inicia a tradução do texto, escreve o dêitico *the* e, logo em seguida, o descarta. Constatamos, portanto, que essa é uma pausa relacionada a questões aparentemente lexicais (ou um segmento na ordem da palavra), mas cumpre lembrar que o uso do dêitico determinado em língua inglesa é bastante distinto do seu uso em língua portuguesa, o que prova ser essa uma tomada de decisão que leva em considerações questões coesivas e contextuais. Já para a pausa que demanda mais tempo de S3 (53 segundos), nota-se que se trata de um problema com as orações hipotáticas e reduzidas do texto de partida, como, por exemplo: “[...] sua função principal através de inibição da ribonucleotídeo redutase, mantendo as células em fase S”.

Retomando-se a análise da TAB. 7 e conforme já citado, S4 é o sujeito que apresentou o menor número de pausas de orientação (*i.e.*, 34) e também despendeu o menor tempo (*i.e.*, 260 segundos). Todos os apoios utilizados por esse sujeito, nessa fase, foram classificados como AISO, uma vez que não foi necessário nenhum tipo de busca em fontes de pesquisa e S4 somente utilizou seus conhecimentos declarativos.

Como esse sujeito, a princípio¹³, não enfrentou problemas que demandassem pesquisas em outras fontes, selecionou-se como exemplo a pausa com AISO que fez com que S4 despendesse mais tempo. Assim, o Exemplo 14 mostra o momento em que S4 despendeu o maior tempo (*i.e.*, 25s) para tomar uma decisão com base somente em seus conhecimentos prévios.

Exemplo 14

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*or*without*	AISO	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* * a *left*division*anteo-superior*⌘.*	AISO	10
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* * * * *probably*	AISO	25

S4: Eu estava querendo a palavra *provavelmente*; mas não estava sabendo [um outro termo]. Eu estava tentando achar uma [outra palavra]: *probably*.

A partir dos exemplos de S4, verifica-se que esse sujeito praticamente utiliza-se de apoio interno simples de orientação (AISO) para resolver problemas lexicais, conforme se pode notar em seu relato. Além disso, observa-se que as questões de léxico motivaram pausas desde o valor mínimo (5s) ao valor máximo (25s). Além disso, algumas questões de léxico se referem desde escolhas de palavras mais adequadas (*probably*, como se verifica no relato e

¹³ Cumpre salientar que, conforme discutido em Silva e Pagano (2007), a maior agilidade de S4 para a entrega da sua tarefa tradutória, assim como o fato de que esse sujeito não precisou recorrer a fontes externas de consulta, não implica maior durabilidade da tarefa desse sujeito, sobretudo em termos de coesão (de acordo com a RST) verificada nos textos de chegada.

como se explica logo a seguir) a correções ortográficas (como se verifica no caso de *ântero-superior*, comentado a seguir).

A pausa de 5 segundos realizada por S4 refere-se à conjunção *ou* e à preposição *sem* do qualificador *sem distúrbios*, que se encontra dentro do qualificador *realizados em pacientes sintomáticos ou não, e com ou sem distúrbios da condução*. A partir do trecho retirado do protocolo linear do Translog© para a tradução desse qualificador, observa-se que essa pausa somente ocorreu devido à decisão desse sujeito por utilizar a preposição *without*:

```
*made•in•patients•<<<<<<<<<<<<<•symptomatic•<<<<<<<<<<<<<<<•m•>>>>>>>>>>>>>•<<<<<<<<<<
<<<<<>>>>or•not•>>>>>>>>>>>>>•and•with•*or•without• *conduction•disturbs (...)
```

Já para a pausa de 10 segundos, observa-se que ocorreu um erro de digitação, para o qual S4 pausou. Essa passagem refere-se ao grupo nominal *divisão ântero-superior esquerda*, demonstrando, assim, que, nesse momento, o sujeito somente pausou para realizar uma correção ortográfica.

Em relação à pausa que demandou maior quantidade de tempo para S4 referiu-se também a questões lexicais, pois, conforme se nota em seu relato, o sujeito estava refletindo qual termo seria mais adequado para a tradução do grupo adverbial *provavelmente*. Após pausar por 20 segundos o sujeito encontrou a solução definitiva, traduzindo esse grupo por *probably*.

Após a análise dos exemplos de todos os sujeitos e, principalmente, de S3 e de S4, observa-se que os apoios externos normalmente demandam mais tempo para resoluções de questões na ordem da palavra, porém aparecem com menos frequência. Já os apoios internos, apesar de mais frequentes, demandam menos tempo dos sujeitos. Observa-se que S4 apresenta apoio interno simples de orientação para resolver problemas de tradução na ordem palavra e para realizar correções gramaticais; já S3, destacando-se da amostra, apresenta esse mesmo tipo de apoio (*i.e.*, AISO), o qual está atrelado a questões relativas à autoria do texto de partida e ao projeto tradutório do sujeito.

Novamente, S3 é o sujeito da amostra que apresenta um padrão de comportamento diferenciado dentre os demais sujeitos ao apresentar a maior variedade de apoios interno/externo de orientação (*i.e.*, AISO, AESO e AEDO) durante a realização da TCorr, mostrando sua maior capacidade de gerenciamento da tarefa tradutória e emprego de menor tempo na fase de revisão final.

Conforme explicado no início desta subseção, foram criadas duas tabelas para apresentar os dados sobre as pausas de orientação em tempo real e os respectivos apoios, sendo uma para TCorr (TAB. 7) e outra para a TNCorr (TAB. 9). Portanto, na TAB. 9 a seguir, serão ilustrados os dados referentes aos tipos de apoio interno/externo relacionados às pausas de orientação em tempo real durante a fase de redação da TNCorr.

TABELA 9

Tipos de apoio interno/externo de orientação em tempo real observados durante a fase de redação da TNCorr

Sujeito	AISO	Tempo (s.)	AIDO	Tempo (s.)	AESO	Tempo (s.)	AEDO	Tempo (s.)
S1	89	1779	0	0	20	572	0	0
S2	65	1025	0	0	22	624	0	0
S3	97	1623	0	0	4	35	1	25
S4	59	540	0	0	0	0	0	0

Nota: TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDO = Apoio interno dominante de orientação; AISO = apoio interno simples de orientação; AEDO = Apoio externo dominante de orientação; AESO = Apoio externo simples de orientação.

Observando-se a TAB. 9, nota-se que AISO é o tipo de apoio interno predominante para todos os sujeitos na tarefa de tradução não-correlata à subárea de atuação. Durante a fase de redação de S1, S2, S3 e S4, nesta tarefa de tradução, não ocorre AIDO e há somente uma ocorrência para AEDO (S3).

Conforme procedimento realizado para a tarefa correlata à subárea de atuação dos sujeitos e visando resumir os dados da TAB. 9, criou-se a TAB. 10, na qual estão organizadas as médias das pausas e os desvios padrões referentes a cada tipo de apoio de orientação em tempo real utilizado pelos sujeitos durante a fase de redação da TNCorr.

TABELA 10

Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de orientação em tempo real durante a fase de redação da TNCorr

Sujeito	Tipo	Média	N	Desvio padrão
S1	AISO	19,99	89	37,968
	AESO	28,60	20	53,042
S2	AISO	15,77	65	20,463
	AESO	28,36	22	34,206
S3	AISO	16,73	97	30,513
	AESO	8,75	4	7,500
	AEDO	25	1	-
S4	AISO	9,15	59	6,443

Nota: TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AISO = apoio interno simples de orientação; AEDO = Apoio externo dominante de orientação; AESO = Apoio externo simples de orientação.

A partir da TAB. 10, nota-se que, em relação a AISO, os sujeitos empregam uma média de 9,15 (S4) a 19,99 (S1) com esse tipo de apoio. Observa-se que, embora esse seja o tipo de apoio mais recorrente (intervalo de 59 a 97, para S4 e S3, respectivamente), trata-se das pausas com menor duração. Nota-se que S3 e S4 são os sujeitos que apresentam o maior número de ocorrências com esse apoio e despendem uma média 16,73 e 8,75 segundos, respectivamente. Contudo, apesar de menos frequentes, as ocorrências com AESO tendem a demandar um tempo maior da tarefa tradutória de S1 e S2, que despendem uma média de 28,60 e 28,36 segundos, respectivamente. Verifica-se que S3 apresenta o menor número de ocorrências de AESO (4) e emprega uma média de 8,75 segundos com esse tipo de apoio. Em relação a S4, não se observam ocorrências nas quais é utilizado AESO.

Tal qual foi verificado quando da realização da TCorr, observa-se novamente que os desvios padrões são, em geral, superiores ou próximos às médias, mostrando uma ocorrência de valores muito diferentes na amostra. Isso mostra que as pausas são distribuídas, no que toca à duração, de forma heterogênea ao longo do processo tradutório de cada sujeito. Assim, deve-se associar a elas um caráter mais qualitativo do que quantitativo, como se pode verificar ao longo das análises a seguir para S3 e S4.

Cumpramos ressaltar que os exemplos ao longo desta subseção foram organizados a partir dos dados tabulados na TAB 10, dentre as primeiras ocorrências referentes à média, ao valor

mínimo e ao valor máximo das pausas concernentes a cada tipo de apoio, conforme já citado anteriormente, quando da análise das pausas de orientação em tempo real na TCorr.

Retomando-se, portanto, a análise da TAB. 9, nesta tarefa de tradução (TNCorr), observa-se que S1 despendeu 1779 segundos com suas 89 ocorrências de AISO. O Exemplo 15 demonstra alguns dos momentos em que S1 despende tempo para utilizar seus conhecimentos e tomar uma decisão.

Exemplo 15:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*Elect	AISO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*****[☺]⊗y	AISO	30

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:04.28.99]•	AISO	269

S1: Nessa parte, eu escrevi o nome dos autores. Eu tive dúvida se colocava *Hospital*, como se escreve em português, ou se deveria escrever em inglês. Como é uma terminologia meio complicada para eles [público-alvo] entenderem, *Hospital do Servidor Público Estadual*, [...] eu optei por tentar explicar o que é isso.

S1 apresenta também um número elevado de ocorrências de AESO, totalizando 20, nas quais o sujeito despende 572 segundos. O Exemplo 16 mostra, além de outros instantes com AESO, o momento em que o sujeito necessitou despende bastante tempo para resolver um problema de tradução, a partir de busca em dicionário eletrônico.

Exemplo 16:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*[[⌈]]↵,•associe↵ated•or•not•with•	AESO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*****[[⌈]]	AESO	30

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:03.36.90]of•conduction•system[[⌈]]	AESO	217

S1: Então, eu gastei muito tempo no título, principalmente por causa desse sistema *êxito-condutor do coração*. Eu nunca tinha ouvido essa terminologia na minha vida.

Já S2 apresenta o maior número do tipo de apoio externo AESO, totalizando 22 ocorrências, nas quais foram empregados 624 segundos. Esse sujeito utilizou apenas dicionário impresso para realização das buscas e conseqüentes tomadas de decisão. S2 apresentou também 65 pausas nas quais utilizou AISO, despendendo 1065 segundos com tais ocorrências. O Exemplo 17 demonstra o momento em que S2 despendeu maior tempo, 163 segundos, com o apoio externo AESO, além de outros momentos em que esse tradutor utilizou-se desse apoio e também de AISO.

Exemplo 17:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*rrence	AESO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*:50.99]infancy•childhood↵↵↵	AESO	51

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*:02.42.80]•vaso•↵occlusive	AESO	163

S2: Eu não sabia: *vaso-occlusivos*. Eu não sabia se poderia falar isso em inglês. Eu tive que ver.

Exemplo 18:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*•recu	AISO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*•*•*•falciform•syndrome•	AISO	15

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*•:01.38.58]⌘⌘	AISO	99

No que toca aos apoios internos, S3 apresenta 97 ocorrências de AISO, com as quais despendeu 1623 segundos.

Exemplo 19:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	*rdio⌘⌘⌘⌘cardip⌘	AISO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	*•*•*•studies•	AISO	15

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	[*•:01.10.10]late•cardiac•death•(LCD)•ahv⌘⌘⌘⌘•have•been•extensively•studied•	AISO	70

S3: [Com relação a] *morte cardíaca tardia*: eu não sabia [...] se a palavra que se usaria era *late*. Mas, eu vi no texto, que é [assim] (numa das referências).

No que toca ao apoio interno simples de orientação para a TNCorr, verifica-se que S3 faz uma pausa de 5 segundos por problemas de digitação, ou seja, como não digitou as letras C e A durante a escrita da palavra *cardiopathy*, o sujeito interrompe a produção textual para corrigir um erro de digitação. Para realizar a pausa ilustrada na seqüência, o sujeito traduz o grupo

nominal do texto de partida *Estudos eletrofisiológicos seriados* inicialmente como o epíteto e o classificador *Serial•es*⊗*lectrophysiological*, em seguida, S3 realiza a pausa de 15 segundos, aparentemente pensando na posição do núcleo do grupo nominal *Estudos*, que foi traduzido por ****•studies•*. A partir dos dados do Translog©, mesmo com o aporte do Camtasia©, não foi possível identificar ao certo, nesse momento, onde o sujeito estava focando sua atenção; além disso, não há registro em seu relato retrospectivo sobre essa passagem da tarefa tradutória. Portanto, constatou-se, a partir das ferramentas disponíveis, que o sujeito utilizou-se apenas de apoio interno simples de orientação para resolver sua dúvida em relação ao trecho que originou a pausa, uma vez que não houve consultas a fontes externas. Para a pausa que demanda mais tempo de S3 (70 segundos), nota-se que se trata de um problema em relação a um grupo nominal que corresponde a um termo técnico específico, conforme se pode notar em seu relato. Como esse sujeito já havia se orientado anteriormente, lendo partes do artigo completo, já havia observado a existência de tal termo. Logo, S3 utilizou-se de seu conhecimento anterior para resolver o problema.

Em relação aos tipos de apoios externos, S3 apresenta 4 ocorrências de AESO e uma ocorrência de AEDO, empregando, ao todo, 35 e 25 segundos nesses apoios, respectivamente. O exemplo 20 mostra os momentos em que S3 utiliza esses apoios.

Exemplo 20:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	<i>*The•electo•</i> ⊗⊗ <i>ro•</i> ⊗	AESO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	<i>*signs•of•bad•r</i> ⊗ <i>porgnosis</i>	AESO	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	<i>***•</i> [⁶]	AESO	20

S3: [Eu parei] por causa do *conduction*.

Exemplo 21:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	*****conduction+system+in+patients+whig⊗⊗⊗lith+crh⊗⊗ro⊗⊗hronic+	AEDO	25

As três passagens que mostram a utilização de AESO, retiradas do protocolo linear do Translog©, identificam o momento em que o sujeito despende tempo para realizar uma busca simples (*i.e.*, em apenas uma fonte de consulta) e chegar a uma decisão. Para o primeiro trecho ilustrado, S3 faz uma pausa de 5 segundos, confere no dicionário (*i.e.*, Stedman's) a grafia da palavra *eletrocardiograma (ECG)* e faz as devidas correções. No segundo trecho, referente à oração *indica pior prognose*, S3 faz uma pausa também de 5 segundos, na qual entra no site da Pubmed, para resolver questões de vocabulário de um trecho que havia digitado anteriormente, ou seja, *taquiarritmias ventriculares*. Em relação à pausa de 20 segundos, S3 pára a produção textual para pensar na tradução do classificador *excito-condutor (conduction)*, conforme pode ser observado em seu relato. Assim, o sujeito faz uma busca em uma fonte de consultas impressa (*i.e.*, dicionário Stedman's) e toma uma decisão. Percebe-se que as pausas referentes ao AESO de S3, independentemente da duração, se referem a questões lexicais. Em suma, observa-se que, tal qual S4, S3 apresenta pausas na ordem da palavra, mas este sujeito apresenta também questões de ordem maior do texto, despendendo um tempo menor que os outros sujeitos para a resolução do problema.

A única passagem que mostra a utilização de AEDO refere-se a uma busca em uma fonte externa impressa (*i.e.*, artigo científico completo no qual se encontra a tarefa tradutória) cuja solução não é implementada por S3, ou seja, após essa busca, o sujeito não altera nenhum elemento do grupo nominal traduzido anteriormente, chegando a uma solução definitiva. Nesse caso, há uma pausa assim que o sujeito digita a palavra *cardiac*, correspondente ao classificador *cardíaco* no texto de partida, e, logo em seguida, traduz o grupo nominal *sistema excito-condutor em pacientes com cardiopatia chagásica crônica*.

O único sujeito a apresentar somente um tipo de apoio de orientação foi S4. Esse sujeito despendeu 540 segundos com suas 59 ocorrências de pausas de orientação em tempo real para o uso de AISO. Portanto, esse sujeito apresentou apenas apoio interno simples de orientação durante a fase de redação tanto na TCorr quanto na TNCorr. Abaixo, estão representados momentos do texto de chegada nos quais S4 apresentou apoio interno simples de orientação,

ou seja, instância em que o sujeito basicamente empregou os seus conhecimentos de mundo para organizar a sua tradução.

Exemplo 22

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*Bezerra* ,*Araujo*AS,*Mello*A MR B,*Machado*C. ¶Instituions ❌❌❌❌❌ti ons:❌❌:*	AISO	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	**are*a*goup*←←←←r→→→*of*the *diseases*←←←←←←←←←←qualiatit ❌❌❌❌❌tatively*→→→→→→→→→*of* hemoglobin	AISO	10
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* * * * *whose*effect*←←←←←←←p rincipal*→→→→→→→→→*is*	AISO	30

Conforme se observa, S4 pausa basicamente devido a problemas com erros de digitação no primeiro e no segundo trecho acima, com os quais despense 5 e 10 segundos, respectivamente. Portanto, apesar de apresentar teclas de recursão nos trechos acima, não há mudança na tradução, apenas alteração da forma como a palavra havia sido escrita. No caso do primeiro excerto do texto, nota-se a correção da palavra *institution*; já no segundo excerto, verifica-se a correção do núcleo do grupo nominal *group* e do advérbio *qualitatively*, presentes na seguinte oração do texto de partida [...] *constituem um conjunto de moléstias qualitativas da hemoglobina*.

Já para a pausa que demanda maior parte do tempo de S4, observa-se que esse sujeito digita a palavra *effect* e, logo em seguida, a palavra *principal*, posicionando-a como epíteto do núcleo do grupo nominal *effect*, o que mostra a preocupação do sujeito em retomar a palavra que havia se esquecido de digitar. Essas palavras são referentes à oração encaixada do texto de partida *cujo efeito principal é [...]*. O problema, então está, relacionado ao grupo conjuntivo *cujo*, que inicia, nesse caso, uma oração encaixada considerada um problema de tradução, consoante Braga e Pagano (2007).

Finalizadas as análises referentes às pausas de orientação em tempo real e seus respectivos apoios durante a fase de redação das duas tarefas tradutórias e com a finalidade de se comparar as médias e os desvios padrões dessas pausas, além das tendências apresentadas

pelos sujeitos tanto na TCorr quanto na TNCorr, a TAB. 8 e a TAB. 10 foram compiladas, dando origem à TAB. 11.

TABELA 11

Médias e número das pausas de orientação em tempo real concernentes a cada tipo apoio durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr

Sujeito	Tipo	Média (TNCorr)	Média (TCorr)	Tend. Média (em seg.)	N (TNCorr)	N (TCorr)	Tend. N
S1	AISO	19,99	12,76	<	89	90	>
	AESO	28,6	-	-	20	-	-
	AEDO	-	152	-	-	1	-
S2	AISO	15,77	13,16	<	65	50	<
	AESO	28,36	48,25	>	22	8	<
S3	AISO	16,73	12,45	<	97	83	<
	AESO	8,75	5	<	4	1	<
	AEDO	25	139,5	-	1	2	
S4	AISO	9,15	7,65	<	59	34	<

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; Tend. = Tendências; AISO = apoio interno simples de orientação; AEDO = apoio externo dominante de orientação; AESO = apoio externo simples de orientação.

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

A partir dos dados da TAB. 11, verifica-se que há uma tendência para a diminuição da média empregada com AISO por todos os sujeitos quando da realização da TCorr em comparação à TNCorr, sendo esse o apoio que aparece com maior frequência em ambas as tarefas, o que mostra o impacto do conhecimento de domínio, ou seja, os sujeitos precisam se orientar mais, por pausa, em uma subárea diferente da sua subárea de atuação. Outro tipo de apoio frequente, tanto na TCorr quanto na TNCorr, é o AESO.

Observa-se que não há um padrão no comportamento dos sujeitos (S2 e S3) em relação a esse apoio, pois S2 tende a aumentar o valor da média empregada com esse apoio ao realizar a TNCorr, contrariando o comportamento de S3, cuja média empregada diminui com esse apoio. Em relação às tendências da TNCorr para a TCorr, observa-se que S3 é o único sujeito que tende a mostrar uma diminuição da média das pausas para AISO e para AESO. S2, conforme já foi dito, apresenta um aumento da média de AESO, e S1 tem uma diminuição na média de AISO, o que implica um comportamento semelhante ao de S3. Já na TNCorr, S1 emprega uma média de 28,6 segundos com AESO, a qual inexistente na TCorr.

Os apoios do tipo AEDO são utilizados por S1 e S3 ao realizarem a TCorr, sendo encontrada apenas uma ocorrência para S3 quando da realização da TNCorr, o que pode ser explicado pela necessidade de esses sujeitos apresentarem um texto que julgam mais durável dentro de sua subárea de atuação. A partir da TAB. 11, observa-se que o valor médio de duração das pausas de apoio externo é maior em relação àquelas de apoio interno, com exceção de S3 na TNCorr, na qual AISO é maior que AESO.

A seguir, apresenta-se o Quadro-resumo 17 sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de orientação em tempo real na fase de redação da TCorr.

QUADRO 17

Quadro-Resumo geral sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de orientação em tempo real na fase de redação da TCorr e da TNCorr

Observação	Tendência	Exceção
Tipos de apoio interno/externo de orientação em tempo real observados durante a fase de redação da TCorr	Predomínio de AISO para todos os sujeitos Presença de AEDO (S1 e S3) Presença de AESO (S2 e S3)	- S2 e S4 - S1 e S4
Motivações das pausas conforme observado para S3 e S4 na TCorr.	Pausas com maior duração ou próximas à média não necessariamente implicam problemas de tradução, mas tendem a corresponder à resolução de problemas ortográficos, sobretudo no caso de S4. Entretanto, haja vista algumas questões de S3, cumpre lembrar que algumas pausas maiores, embora se refiram a questões na ordem da palavra, têm implicações sobre questões mais amplas (caso do dêitico <i>the</i> , em que se necessita considerar toda a oração, ou o caso termo <i>syndromes</i> , que revela questões relativas ao projeto tradutório e a preocupações com autoria, além de demandar o conhecimento de domínio do sujeito não-tradutor).	
Tipos de apoio interno/externo de orientação em tempo real observados durante a fase de redação da TNCorr	Predomínio de AISO para todos os sujeitos Presença de AESO Presença de AEDO (S3)	- S4
Motivações das pausas conforme observado para S3 e S4 na TNCorr	Semelhante ao que ocorreu na TCorr, ou seja, as pausas próximas ou acima da média tendem a corresponder a problemas ortográficos, principalmente no caso de S4.	

4.2.1.3 Pausas de revisão em tempo real e os respectivos apoios

Neste momento, será apresentado, primeiramente, o número total de pausas de revisão em tempo real, por sujeito, levando-se em consideração as diferenças observadas para a TCorr e para a TNCorr (subseção 4.2.1.3.1). Em seguida, observam-se os respectivos tipos de apoio

(i.e., interno ou externo com as caracterizações de dominantes ou simples), relacionados a cada uma dessas pausas durante a fase de redação (subseção 4.2.1.3.2).

Cumprido lembrar que, ao longo desta subseção, a título de ilustração, serão apresentados exemplos selecionados a partir da planilha do Microsoft Excel, na qual os dados foram organizados (cf. Quadro 7, subseção 3.2.2), tendo como base as médias e as durações máximas e mínimas das pausas concernentes a cada tipo de apoio durante as fases de redação e de revisão para cada uma das tarefas tradutórias realizadas pelos quatro sujeitos (cf. TAB. 12 a 15). Conforme realizado na subseção 4.2.1.2.2, foram selecionados três exemplos para cada tipo de apoio por sujeito, a saber: i) aquele contendo a pausa de menor duração; ii) aquele cuja duração da pausa se iguala à média; e iii) aquele cuja duração da pausa é a mais longa para cada tipo de apoio. Novamente, em conformidade com o capítulo 3, somente serão explicados, considerando-se a motivação para a pausa e o respectivo tipo de apoio, os exemplos apresentados para S3 e S4. No que toca ao apoio a ser comentado nesses exemplos, escolheu-se AISR, por este ser o tipo de apoio mais recorrente nesta pesquisa e naquela realizada por Batista e Alves (2007). As pausas específicas da fase de revisão e seus respectivos apoios serão analisados na seção 4.3, deste capítulo.

4.2.1.3.1 Número total de pausas de revisão em tempo real

A seguir, a TAB. 12 mostra o número total de pausas de revisão em tempo real realizadas por S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação, bem como o tempo total despendido com essas pausas durante a realização das duas tarefas tradutórias, analisadas separadamente.

TABELA 12
Número total de pausas de revisão em tempo real por sujeito e por tarefa

Sujeito	Número de Pausas (TNCorr)	Número de pausas (TCorr)	Tendência (número de pausas)*	Duração pausas (s.) (TNCorr)	Duração pausas (s.) (TCorr)	Tendência (duração pausas)*
S1	29	81	>	3651	1379	>
S2	19	31	>	927	289	>
S3	38	26	<	353	585	<
S4	20	07	<	80	125	<

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos;
TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

Os dados da TAB. 12 mostram que as pausas de revisão em tempo real realizadas pelos sujeitos na fase de redação durante a tarefa tradutória relacionada à subárea de atuação de S1, S2, S3 e S4 variaram entre 07 (S4) a 81 (S1) ocorrências. Ao realizarem a TNCorr, dois dos sujeitos apresentaram uma diminuição do número de pausas de revisão em tempo real (S3 e S4), e dois dos sujeitos apresentaram um aumento no número dessas pausas (S1 e S2), apresentadas num intervalo de 19 (S2) a 38 (S3) ocorrências. Esses dados são mais bem observados a partir da análise do GRAF. 2.

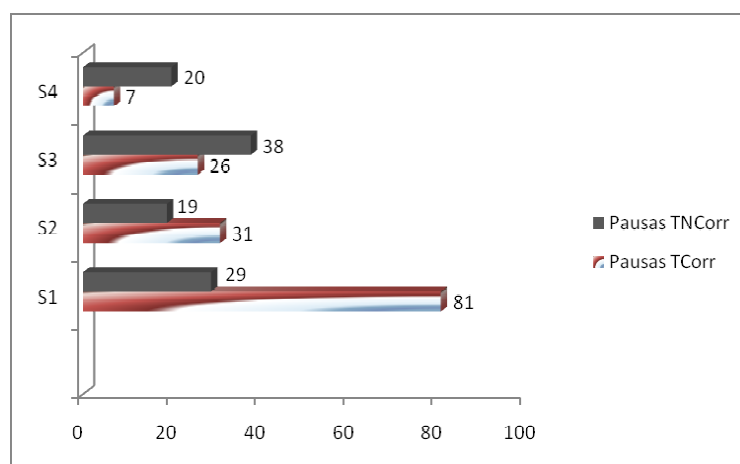


GRÁFICO 2 – Número total de pausas de revisão em tempo real por sujeito e por tarefa.

Retomando-se a TAB. 12, observa-se que S1, S2, S3 e S4 apresentaram, respectivamente, 81, 31, 26 e 7 pausas de revisão em tempo real na tarefa correlata e 29, 19, 38 e 29 na TNCorr. Contudo, não se pode dizer que os sujeitos apresentaram uma tendência de comportamento devido ao impacto da inserção da variável do conhecimento de domínio, no que se refere à quantificação das pausas de revisão em tempo real na fase de redação do processo tradutório. Nota-se, portanto, que S1 e S2 mostraram um aumento do número de pausas e também apresentaram um aumento no tempo total despendido com estas pausas. Já S3 e S4 apresentam uma diminuição no número das pausas, bem como uma diminuição na duração das mesmas ao executarem a tarefa tradutória cujo conhecimento demandado não era correlato à subárea de atuação.

Observa-se que S1 é o sujeito que mais despende tempo com as pausas de revisão, sendo 3651 segundos despendidos durante a tarefa correlata à subárea de atuação e 1379 durante a outra tarefa de tradução. Em seguida, encontra-se S2, que despende 927 segundos na tarefa correlata e 289 na tarefa não-correlata. S3 despende menos tempo que S1 e S2, ou seja, 353 segundos, durante a tarefa correlata à subárea do conhecimento, mas despende mais tempo

que S2, ou seja, 585 segundos, durante tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não é correlato à subárea de atuação. Já S4 é o sujeito que investe menos tempo com essas pausas em ambas as tarefas, sendo apenas 80 segundos quando da tarefa correlata à subárea de atuação e 125 segundos na outra tarefa.

O quadro-resumo, a seguir, sintetiza os resultados apresentados nesta subseção.

QUADRO 18
Quadro-Resumo geral sobre o número e a duração das pausas de revisão em tempo real

Observação	Tendência	Exceção
Número de pausas	Aumento no número de pausas na TCorr, em relação à TNCorr (S1 e S2)	-
	Diminuição no número de pausas na TCorr, em relação à TNCorr (S3 e S4)	
Duração das pausas, em segundos	Diminuição (no caso de S3 e S4) Aumento (no caso de S1 e S2)	-

4.2.1.3.2 Apoio relacionado a cada pausa de revisão em tempo real

Serão descritos, a seguir, os tipos de apoios (*i.e.*, internos e/ou externos com a sua respectiva caracterização em simples ou dominantes) que se manifestaram em cada uma das pausas de revisão em tempo real. Em relação à utilização de apoios externos, cumpre lembrar que Silva e Pagano (2007) apontaram S3 como o único sujeito que utilizou o artigo completo impresso e fez raras buscas na Internet. Já S1 foi apontado como o sujeito da amostra a utilizar maior número de fontes de consulta, dentre dicionários eletrônicos e impressos, livros especializados em medicina e Internet. Em contrapartida, S4 utilizou basicamente o revisor ortográfico do Microsoft Word© para alterar as tarefas tradutórias. O único sujeito a utilizar apenas dicionários impressos e a não realizar nenhuma busca em fontes eletrônicas foi S2.

Os dados relacionados aos tipos de apoios interno/externo foram divididos na TAB. 13 e na TAB. 15, considerando-se a TCorr e a TNCorr, respectivamente. Cumpre ressaltar que a classificação dos tipos de apoio interno/externo de revisão foi realizada de acordo com aquela proposta por Batista e Alves (2007). Vale também apontar que, primeiramente, os dados se referem à tarefa cujo conhecimento de domínio demandado era correlato à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr). Uma vez analisados esses dados, disponíveis quantitativamente na TAB.

13, proceder-se-á à análise referente à TNCorr, quando também será apresentada uma tabela contendo uma síntese dos dados quantitativos (TAB. 17).

TABELA 13
Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real relacionados à TCorr

Sujeito	AISR	Tempo (s.)	AIDR	Tempo (s.)	AESR	Tempo (s.)	AEDR	Tempo (s.)
S1	44	1222	12	473	15	832	10	1124
S2	30	797	0	0	1	65	0	0
S3	26	535	0	0	0	0	0	0
S4	7	80	0	0	0	0	0	0

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDR = Apoio interno dominante de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AEDR = Apoio externo dominante de revisão; AESR = Apoio externo simples de revisão.

Analisando-se a TAB. 13, observa-se que AISR é o tipo de apoio interno de revisão predominante para todos os sujeitos durante a fase de redação na tarefa de tradução correlata à subárea de atuação, variando de 7 a 44 ocorrências. Durante a fase de redação, AIDR e AEDR são apoios não utilizados por S2, S3 e S4, à exceção de S1, que apresenta 12 ocorrências de AIDR e 10 ocorrências de AEDR. Somente S1 e S2 apresentam ocorrências de AESR durante essa fase, sendo 10 ocorrências registradas para S1 e apenas uma para S2. Portanto, S3 e S4 somente apresentam AISR durante a fase de redação.

Com o objetivo de sintetizar os dados da TAB. 13, desenvolveu-se a TAB. 14, a seguir, que apresenta as médias das pausas e os desvios padrões referentes a cada tipo de apoio de revisão em tempo real utilizado pelos sujeitos durante a fase de redação da TCorr, que será usada como base de referência na seleção dos exemplos utilizados ao longo dessa subseção.

Com base na TAB. 14, verifica-se que, em termos de AISR, os sujeitos dispõem uma média de 11,43 (S4) a 27,77 (S1) com esse tipo de apoio. Note-se que, apesar de ser o tipo de apoio mais recorrente para S1 (AISR), trata-se das pausas com menor duração intra-subjetiva, (média de 27,77), pois os outros apoios apresentados por S1 tendem a demandar maior tempo da tarefa tradutória na qual o sujeito dispense uma média de 39,42, 55,47 e 112,40 segundos com AIDR, AESR e AEDR, respectivamente. S2 dispense uma média de 15,83 segundos com AISR e 65 segundos com AESR, o que demonstra um comportamento semelhante ao de S1, pois, apesar de apresentar maior número de ocorrência de AISR (média de 15,83 segundos), S2 investe mais tempo, em média, com a única ocorrência de AESR. Em relação a S3 e S4, ambos somente apresentam AISR. Nota-se que S4 apresenta uma média próxima a de S3 (13,58), ou seja, 11,43 segundos de AISR; contudo, S4 apresenta 19 ocorrências a

menos que S3. Novamente, é importante lembrar que os desvios padrões são, em geral, superiores ou próximos às médias, o que revela a existência de valores muito díspares na amostra.

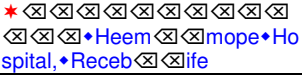
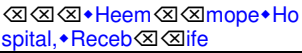


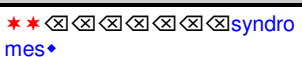
TABELA 14
Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de revisão em tempo real durante a fase de redação da TCorr

Sujeito	Tipo	Média	N	Desvio padrão
S1	AISR	27,77	44	40,037
	AIDR	39,42	12	29,162
	AESR	55,47	15	36,045
	AEDR	112,40	10	99,856
S2	AISR	15,83	30	18,366
	AESR	65,00	1	
S3	AISR	13,58	26	15,195
S4	AISR	11,43	7	14,920

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDR = Apoio interno dominante de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AEDR = Apoio externo dominante de revisão; AESR = Apoio externo simples de revisão.

Retomando a TAB. 13, verifica-se que S1 foi o sujeito que mais despendeu tempo com pausas de revisão em tempo real. Foram 44 pausas utilizando-se de AISR, despendendo 1222 segundos. Nesse momento, o sujeito encontra uma solução provisória, mas decide pausar para refletir sobre sua escolha. Em seguida, ele altera a unidade de tradução que havia traduzido para chegar a uma solução definitiva.

Exemplo 23:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*   +Heem  mope+Ho spital, +Receb  life	AISR	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	* *  syndro mes+	AISR	10

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:03.28.84][~@]☒	AISR	209

P1: Você falou que ficou muito tempo no título. Por quê?

S1: [...] Eu não sabia como colocava *Brasil, Recife, Pernambuco*. Por ser uma linguagem internacional em inglês, eu achei melhor tirar o *Pernambuco* e colocar *Brasil* [...].

Observa-se que o sujeito realiza mais uma pausa longa de revisão, ainda devido a problemas no título. S1 parou novamente e utilizou AEDR, despendendo 294 segundos. Nesse caso, o sujeito chega a uma tradução provisória e pausa para fazer uma busca complexa, ou seja, realiza uma consulta em mais de uma fonte de pesquisa, para chegar à solução definitiva, conforme demonstrado no exemplo 24. Ao todo, S1 apresentou 10 ocorrências de AEDR, com as quais foram investidos 1124 segundos.

Exemplo 24:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*****[~@]	AEDR	25

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*****[~@]f	AEDR	45

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:04.53.70][~@]the♦	AEDR	294

S1: Eu acho que o título é tudo em um artigo. É o que dá a síntese. [...] Por isso, eu demorei um pouco. [...] **Eu** eu fiz a opção por manter o formato original do texto. Ela [a autora] não colocou *o uso de hidroxauréia*. Ela colocou *só hidroxauréia*, e eu acho que não fica legal.

Outro tipo de apoio externo apresentado por este sujeito foi o AESR, totalizando 15 ocorrências, com as quais foram despendidos 832 segundos. Esse foi o segundo apoio mais recorrente utilizado por S1; contudo, o tempo despendido durante as pausas foi inferior àquele destinado às ocorrências de AEDR e superior ao tempo de 473 segundos destinados às 12

ocorrências de AIDR. O exemplo 25 ilustra alguns dos momentos em que o sujeito se utiliza de AESR para resolver problemas relacionados à tarefa tradutória. Neste momento, o sujeito chega a uma decisão provisória, faz uma pausa para realizar uma busca simples, ou seja, em apenas uma fonte de pesquisa, e, em seguida, altera a unidade de tradução e chega a uma solução definitiva.

Exemplo 25:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	***[[Ⓢ]]s⊗	AESR	15

S1: Eu tive que fazer uma pesquisa para saber se *patient* pode ser usado no plural ou não.

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	***[[Ⓢ]]⊗y	AESR	20

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:02.02.89]*[[Ⓢ]]with♦	AESR	123

S1: Eu utilizei a sugestão do Babylon. Eu escrevi *desde o início dos anos oitenta* [como parâmetro de busca]. Ele [Babylon©] usou [=forneceu] essa construção, e eu mantive.

O Exemplo 26 demonstra alguns momentos em que S1 faz uso de AIDR. Neste momento, o sujeito pausa após a tradução de uma unidade de tradução, faz uma consulta simples, mas não leva em consideração os achados dessa consulta; somente após uma pausa de apoio interno, o sujeito chega a uma conclusão definitiva.

Exemplo 26:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	**[~][~][~][~][~][~][~][~]	AIDR	10
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*****[~]	AIDR	45

S1. Outra dúvida que eu tive foi no *follow*. A gente usa um termo que é *follow up* – um termo técnico que significa seguimento, acompanhamento. Então, eu estava pensando se não seria melhor usar *follow up of patients with*.

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:01.42.46][~]⊗⊗eutic	AIDR	102

S1: Foi mais tranqüilo, mas é correção de termo técnico.

Durante sua fase de redação, S2 apresenta 30 ocorrências de AISR, despendendo 797 segundos com essas ocorrências, sendo o segundo sujeito a investir maior parte do tempo nesse apoio quando comparado a S1, S3 e S4. O Exemplo 27 ilustra os momentos em que S2 apresentou esse tipo de apoio.

Exemplo 27:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗le⊗⊗etrophysiologic•studies•[~]⊗y[~]	AISR	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	***⊗•⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗⊗ ⊗followed•up•at•a•long•term•	AISR	15
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*:01.27.06][~]•carried•out	AISR	87

S2: *Realizados:* eu fiquei com *performed* na cabeça, mas não queria *performed*. Então, eu acho que eu encontrei o *carry out*.

Exemplo 30:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*t wicht hc ch which present ←←←←←←←← is →→→→→→→→ in these situations. The eletrophiological study (EE) and the angiography of the left ventricl e underwnt	AISR	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* * ←←←←← In relation of Chagas' disease ,	AISR	10
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* * * * * s	AISR	45

S4: *There are not trials employ:* por causa de empregando. Eu coloquei esta palavra *empregar (employ)*, mas ela não é muito usada. Por mais que você não saiba, você fica lendo. Talvez não fosse a palavra melhor para *empregar* em um estudo.

Conforme comentado no início desta subseção, foram desenvolvidas duas tabelas para apresentar os dados sobre as pausas de revisão em tempo real e os respectivos apoios, sendo uma para a TCorr e outra para a TNCorr. Portanto, na TAB. 15, na seqüência, serão ilustrados os dados referentes aos tipos de apoio interno/externo relacionados às pausas de revisão em tempo real durante a fase de redação da TNCorr.

TABELA 15
Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real relacionados à TNCorr

Sujeito	AISR	Tempo (s.)	AIDR	Tempo (s.)	AESR	Tempo (s.)	AEDR	Tempo (s.)
S1	17	491	0	0	11	300	1	588
S2	17	275	0	0	2	68	0	0
S3	36	405	0	0	2	180	0	0
S4	20	125	0	0	0	0	0	0

TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDR = Apoio interno dominante de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AEDO = Apoio externo dominante de revisão; AESR = Apoio externo simples de revisão..

Com base nos dados da TAB. 15, observa-se que o AISR é novamente o tipo de apoio interno de revisão predominante para todos os sujeitos durante a fase de redação na tarefa de tradução não-correlata à subárea de atuação de cada sujeito, variando de 17 a 36 ocorrências. Durante a fase de redação, AISR e AESR foram os apoios utilizados por S1, S2 e S3, à exceção de S4. Não há ocorrências de AIDR para nenhum dos sujeitos durante a fase de redação. Constata-se somente uma ocorrência de AEDR, utilizado por S1. Com o objetivo de sintetizar os dados da

TAB. 15 desenvolveu-se a TAB. 16, que apresenta as médias das pausas e os desvios padrões referentes a cada tipo de apoio de revisão em tempo real utilizado pelos sujeitos durante a fase de redação da TNCorr.

TABELA 16
Médias e desvios padrões das pausas concernentes a cada tipo de apoio de revisão em tempo real durante a fase de redação da TNCorr

Sujeito	Tipo	Média	N	Desvio padrão
S1	AISR	30,69	17	39,430
	AESR	25,00	11	28,604
	AEDR	588,00	1	
S2	AISR	16,18	17	14,310
	AESR	34,00	2	41,012
S3	AISR	11,25	36	7,872
	AESR	90,00	2	120,208
S4	AISR	6,58	19	3,355

Nota: TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDR = Apoio interno dominante de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AEDO = Apoio externo dominante de revisão; AESR = Apoio externo simples de revisão..

Analisando-se TAB. 16, observa-se que, em termos de AISR, os sujeitos dispõem uma média de 6,58 (S4) a 30,69 (S1) com esse tipo de apoio. Note-se que, apesar de ser o tipo de apoio mais recorrente (AISR), trata-se das pausas com menor duração intra-subjetiva. Diferentemente dos demais, S1 é o único sujeito a apresentar uma única ocorrência de AEDR, a qual demanda bastante de seu tempo, 588 segundos em apenas uma pausa. Em relação ao AESR, que aparece para todos os sujeitos, à exceção de S4 (que tem somente uma média de 6,58 segundos apenas com AISR), mesmo sendo o tipo de apoio menos recorrente entre eles, é o apoio no qual os sujeitos apresentam uma média superior de duração de pausas, variando de 25,00 (S1) a 90,00 (S3) segundos. S2 dispõe uma média de 34,00 segundos com AESR. Conclui-se, portanto, que os sujeitos tendem a empregar mais tempo, em média, em apoios externos em comparação aos apoios internos.

Para a tarefa de tradução não-correlata à subárea de expertise dos quatro sujeitos, observa-se que houve uma diminuição da utilização de AISR, bem como uma diminuição no tempo despendido nas pausas com esse tipo de apoio, por parte de S1, 17 ocorrências, com as quais

foram empregados 491 segundos. Esse mesmo número de ocorrência é verificado para S2, apesar de esse sujeito despender menos tempo nessas pausas, 275 segundos. O Exemplo 31 mostra partes do texto de chegada em que S1 realizou pausas utilizando-se de AISR para resoluções de possíveis problemas encontrados nas unidades de tradução ou para simples correções.

Exemplo 31:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*th⊗⊗⊗alth♦Administration♦	AISR	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*****Se♦v⊗⊗veral♦♦	AISR	30

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[* :01.59.92][⊗][⊗]	AISR	120

S1: Em presença de áreas inativas mais bloqueio completo de ramo esquerdo, o autor sintetizou demais. [...] Olha o tamanho dessa parte!

A partir dos dados de S1, nota-se que esse sujeito despender mais tempo em uma única pausa de revisão em tempo real na qual utiliza AEDR, empregando 588 segundos, ou seja, 97 segundos a mais do que aqueles empregados com as 17 ocorrências de AISR. Nesse momento, o sujeito traduz o termo, pausa e faz uma série de buscas em diferentes tipos de fontes de pesquisa, devido a um problema de tradução referente a uma terminologia desconhecida, chegando, assim, a uma solução definitiva, conforme afirma S1 em seu relato, mostrado no Exemplo 32.

Exemplo 32:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:09.47.70][^ê]and♦excitament♦	AEDR	588

S1: *Sequential electrical studies:* aí entra aquele problema de como exprimir seriados. Eu escrevi *sequential*, mas eu fiquei sem saber se era o melhor termo. Eu gastei muito tempo no título, principalmente por causa desse *sistema excito-condutor do coração*. Eu nunca tinha ouvido essa terminologia na minha vida. Você tem *sistema de condução*; ou *sistema de excitação* [...]. Então, eu tive que fazer algumas consultas [...].

Já S2 realiza a maioria de suas pausas de revisão em tempo real durante a fase de redação utilizando-se da estratégia AISR para fazer apenas correções em seu texto. O Exemplo 32 ilustra partes do texto de chegada nas quais aparecem pausas com AISR.

Exemplo 33:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*←←←←←←←←←←←←←←←←⊠⇒red⊠⊠⊠♦reduzize	AISR	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*♦♦♦⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠As♦ye	AISR	15

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*:01.26.91]♦underg⊠⊠⊠⊠⊠⊠⊠to♦undergo♦t⊠revertion♦	AISR	87

Em relação aos apoios externos, S2 realiza apenas duas pausas utilizando-se de AESR, despendendo 68 segundos. O exemplo 34 ilustra estes dois momentos nos quais este sujeito pausa para realizar buscas simples em dicionário impresso e chegar a uma solução definitiva.

Exemplo 34:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	[*:01.02.99]chemiotherapic	AESR	63

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*♦.♦lts♦main	AESR	5

Complex•ventricular•arrhythmias•are•***[?]•becuase•c[?]]in•turn•asc•so•
 asoo•***[?]•su•usually•ensue•with•n•myocar
 dial•dysfunction•***[?]•in•patients•with•[?].•[6]•[?]•[?].•[?]•[?]•[?]•[?]•[?]
 ogical•***[?]•[?]•[?]•[?]•[?]•[?]•[?]

Nota-se, portanto, que S3 pausa bastante para traduzir esse complexo oracional do texto de partida, provavelmente devido ao seu tamanho, tentando chegar a uma solução definitiva baseado em seus conhecimentos internos, conforme se pode constatar em seu relato retrospectivo abaixo:

Exemplo 36:

S3: Eu não gosto muito do português da pessoa (frases muito longas com orações interpostas). Eu tenderia a escrever um português com frases mais curtas.

Os dois momentos nos quais S3 realiza buscas em fontes de pesquisa estão ilustrados no Exemplo 37. Neste momento, o sujeito apresenta pausas com AESR e despense 180 segundos com as duas ocorrências desse tipo de apoio externo.

Exemplo 37:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	*•in•associt•ation•wi•or•not•with	AESR	5

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	[*:02.54.79][?]	AESR	175

S3: [Eu parei em *conduction system*], porque eles fazem uma frase única em português, e eu separei.

Em relação ao primeiro trecho do texto de chegada, que corresponde a um grupo preposicionado, S3 faz uma pausa, faz uma consulta rápida em fonte impressa (artigo científico completo) e, logo em seguida, corrige o núcleo do grupo preposicionado *association*, já traduzido, referente, no texto de partida, ao grupo verbal *associado [...] a*. Assim, S3 demonstra sua capacidade de automonitoramento durante seu processo tradutório.

Já em relação à pausa na qual o sujeito utilizou AESR por 175 segundos, observa-se, que foi devido a uma busca de apoio externo para resolver questões de terminologia, além de se

preocupar em separar um complexo oracional considerado longo por ele. Nesse momento, S3 traduz a parte do texto de partida referente ao mesmo complexo oracional da primeira pausa. Assim, ele retoma a tradução do complexo oracional, fazendo alterações em sua estrutura.

Novamente, S4 é o sujeito que menos despende tempo durante a fase de redação com pausas de revisão em tempo real, 125 segundos. É o sujeito que apresenta o menor número de ocorrências de AISR em comparação aos outros sujeitos, totalizando 20. O Exemplo 38 mostra trechos do texto de chegada nos quais S4 pára e toma decisões em relação à unidade de tradução com base em seus conhecimentos.

Exemplo 38:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*ot•HU•←←←←←[⊗]→→→→→•	AISR	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*[^o]•(FS)[^o]←←•FS.	AISR	10
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* * * to ⊗ ⊗	AISR	15

O instante em que S4 faz uma pausa de 5 segundos refere-se à preposição *of*, que corresponde ao grupo nominal do texto de partida *a eficácia e tolerabilidade ao uso de HU*. Nesse momento, o sujeito digita *ot*, continua a traduzir o restante do complexo oracional e, em seguida, volta para revisar essa preposição, que havia digitado de forma incorreta. Já para a pausa de 10 segundos, o S4 traduz o grupo nominal *portadores de SF*: o sujeito digita *FS* entre parênteses e logo volta para retirar os parênteses, os quais não estavam no texto de partida. A pausa de maior duração para esse sujeito com esse tipo de apoio foi de 15 segundos para a realização da TNCorr. Nesse momento, S4 traduz a preposição *por* (que insere o qualificador do grupo nominal *por pacientes portadores de SF*) como *to*, altera essa solução e, no próximo momento, se orienta (AISO) e digita a preposição *to* novamente, como se observa no seguinte trecho: * * * to ⊗ ⊗ * to • patients • with • FS •. Portanto, verifica-se que esse sujeito apenas faz correções na ordem da palavra em suas pausas de revisão, não havendo, portanto,

modificações em ordens maiores (como o grupo, a oração ou o complexo oracional) ou correções na estrutura retórica do texto de chegada.

Finalizadas as análises referentes às pausas de revisão em tempo real e seus respectivos apoios durante a fase de redação das duas tarefas tradutórias e com o intuito de se compararem as médias e os desvios padrões das pausas de revisão em tempo real referentes a cada tipo de apoio (interno/externo) de revisão, tanto na TCorr quanto na TNCorr, além de facilitar a visualização dos dados, a TAB. 14 e a TAB. 16 foram compiladas, dando origem à TAB. 17.

TABELA 17

Médias e desvios padrões das pausas apoio de revisão em tempo real concernentes a cada tipo apoio durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr

Sujeito	Tipo	Média (TNCorr)	Média (TCorr)	Tend. Média	N (TNCorr)	N (TCorr)	Tend. N
S1	AISR	30,69	27,77	<	17	44	>
	AIDR	-	39,42	-	-	12	-
	AESR	25	55,47	>	11	15	>
	AEDR	588	112,4	<	1	10	>
S2	AISR	16,18	15,83	<	17	30	>
	AESR	34	65	>	2	1	<
S3	AISR	11,25	13,58	>	36	26	<
	AESR	90	-	-	2	-	-
S4	AISR	6,58	11,43	>	19	7	<

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

A partir dos dados da TAB. 13, verifica-se que há uma diminuição da média empregada com AISR por S1 e S2 e um aumento dessa média por S3 e S4, quando da realização da TCorr em comparação à TNCorr. Esse é o apoio que aparece com maior frequência em ambas as tarefas para todos os sujeitos. Em termos de tendências, considerando-se a TCorr em relação à TNCorr, em relação ao número de ocorrências (N), há um aumento do número de pausas com AISR por parte de S1 e S2. Em contrapartida, S3 e S4 apresentam uma diminuição no número de ocorrências de pausas com AISR ao realizarem a TCorr. Outro tipo de apoio frequente, tanto na TCorr quanto na TNCorr, é o AESR, presente nas pausas de S1, S2 e S3. Esses sujeitos apresentam uma tendência ao aumento da média de duração das

pausas com este apoio ao realizarem a TCorr. Os dois sujeitos que não dispõem dos mesmos padrões de comportamento são S1 e S4. S1 apresenta outros tipos de apoios durante as duas tarefas, como, por exemplo, AIDR e AEDR, na TCorr, e AEDR, na TNCorr, enquanto S4 apresenta apenas AISR.

O Quadro 19 aborda o resumo geral sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de revisão em tempo real durante a realização das duas tarefas propostas para esta pesquisa.

QUADRO 19

Quadro-Resumo geral sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de revisão em tempo real na fase de redação da TCorr e da TNCorr

Observação	Tendência	Exceção
Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real observados durante a fase de redação da TCorr	Predomínio de AISR para todos os sujeitos Presença de AESR (S1, S2 e S3)	- S4 Presença de AIDR e AEDR (S1)
Motivações das pausas conforme observado para S3 e S4 na TCorr.	Novamente, pausas com duração maiores ou próximas à média não necessariamente implicam problemas de tradução, mas tendem a corresponder a resolução de problemas ortográficos, sobretudo no caso de S4. Entretanto, S3 apresenta algumas pausas maiores, que se referem a questões mais amplas.	-
Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real observados durante a fase de redação da TNCorr	Predomínio de AISR Presença de AEDR (S1)	- S2, S3 e S4 S4 Presença de AESR (S1, S2 e S3)
Motivações das pausas conforme observado para S3 e S4 na TNCorr.	Semelhante ao que ocorreu na TCorr, ou seja, as pausas próximas ou acima da média tendem a relacionarem-se a problemas ortográficos, principalmente no caso de S4.	-

A seguir, na subseção 4.2.2, serão analisados os dados acerca da recursividade nas pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real durante a fase de redação dos expertos não-tradutores ao executarem a TCorr e a TNCorr. Já nas subseções 4.2.2.1 e 4.2.2.2, serão apresentados os dados referentes aos tipos de recursão e sua relação com os tipos de apoios presentes em cada uma das pausas analisadas em relação à TCorr e à TNCorr, respectivamente.

4.2.2 Recursividade durante a fase de redação

Os dados relacionados à recursividade durante a fase de redação dos expertos não-tradutores serão apresentados nesta subseção, considerando-se as duas tarefas tradutórias propostas. Nesta pesquisa, a recursividade será analisada a partir de cada pausa, considerando-se o tipo de apoio correlacionado com cada uma delas. Vale lembrar que uma análise detalhada sobre as pausas e a recursividade para os expertos não-tradutores foi realizada por Silva e Pagano (2007) em relação ao tempo médio das pausas encontradas ao longo dos segmentos.

A seguir são apresentados os dados sobre os tipos de recursão analisados para esta amostra de sujeito, ou seja, a recursividade relacionada a (A) tomada de decisão provisória imediatamente descartada; a (B) correção de erro de digitação; e a (C) alteração de solução provisória durável.

TABELA 18
Tipos de recursão utilizados por S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr

Sujeito	Recursão - TNCorr		Recursão - TCorr	
	Quantidade	Tipo	Quantidade	Tipo
S1	2	A	0	A
	42	B	56	B
	35	C	64	C
Total	79	> B	120	> C
S2	1	A	2	A
	38	B	22	B
	11	C	28	C
Total	50	> B	52	> C
S3	4	A	1	A
	55	B	47	B
	27	C	32	C
Total	86	> B	80	> B
S4	4	A	1	A
	29	B	26	B
	9	C	1	C
Total	42	> B	28	> B

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

A partir da TAB. 14, observa-se que todos os sujeitos apresentaram um padrão de comportamento heterogêneo em relação aos tipos de recursão considerados para análise nesta pesquisa quando da realização da TCorr. Em contrapartida, todos os sujeitos apresentaram maior ocorrência do tipo B ao realizarem a TNCorr.

Em relação ao número total de pausas com recursividade, observa-se que houve um aumento no número total de pausas com recursão no processo tradutório de S1 (120) e S2 (52) durante a TNCorr. Durante a realização da TNCorr, esses sujeitos apresentaram, respectivamente, 79 e 50 ocorrências de pausas nas quais verificavam-se recursividade. Entretanto, o oposto ocorre para S3 e S4, que durante a TNCorr apresentaram número maiores dessas pausas e, ao realizarem a TCorr, diminuíram esse número de 42 para 28, no caso de S4, e de 86 para 80, no caso de S3. Portanto, S1 e S2 reduziram o índice de recursividade e S3 e S4 diminuíram esse índice durante a TCorr.

A TAB. 15, a seguir, apresenta os dados sobre os valores absolutos totais de todos os tipos de recursão utilizados pelos expertos não-tradutores considerados como um todo durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr.

TABELA 19

Total de tipos de recursão utilizados por S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TCorr e da TNCorr

Tipo	TNCorr				Total	TCorr				Total	Tend.
	S1	S2	S3	S4		S1	S2	S3	S4		
A	2	1	4	4	11	0	2	1	1	4	<
B	42	38	55	29	164	56	22	47	26	151	<
C	35	11	27	9	82	64	28	32	1	125	>
Total	79	50	86	42	257	120	52	80	28	280	>

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

No que tange ao total dos tipos de recursão classificados enquanto A, B ou C, observa-se, na TAB. 15, que há uma diminuição no número de ocorrências para o tipo que demanda alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada e para o tipo que requer

correção de erro de digitação, ou seja, A e B, respectivamente, quando da realização da TCorr. Já em relação ao tipo C, ou seja, que ilustra o movimento de I e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável, verifica-se que há um aumento no número de ocorrências de na TCorr em comparação com a TNCorr. Em relação ao número total de tipos de recursão utilizados pelos expertos não-tradutores, observa-se que há um aumento (de 257 para 280) quando da realização da TCorr. Concluindo, nota-se que o tipo B é o mais recorrente para todos os sujeitos nas duas tarefas tradutórias, sendo 151 ocorrências na TCorr e 164 ocorrências na TNCorr, considerando-se todos os sujeitos como um todo. Constata-se, novamente, um impacto do conhecimento de domínio, pois os sujeitos realizam mais correções na tarefa não congruente com a sua subárea de atuação.

Nas subseções 4.2.2.1 e 4.2.2.2 serão apresentados os dados referentes aos tipos de recursão e sua relação com os tipos de apoios presentes em cada uma das pausas analisadas em relação à TCorr e a TNCorr, respectivamente.

QUADRO 20
Quadro-Resumo geral sobre a recursividade na TCorr e na TNCorr

Observação	Tendência	Exceção
Maior recursividade na TCorr	S1 e S2	–
Maior recursividade na TNCorr	S3 e S4	
Tipos de recursão predominantes na TCorr e na TNCorr	B (S3 e S4) e C (S1 e S2) na TCorr B na TNCorr (todos os sujeitos)	–

4.2.2.1 A recursividade na TCorr

No que diz respeito à recursividade encontrada nas pausas dos sujeitos sob escrutínio nesta pesquisa quando da realização da TCorr, configuram-se os seguintes achados, dispostos na TAB. 20.

TABELA 20
Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TCorr

SUJEITO	RECURSÃO		APOIO INTERNO/EXTERNO DE ORIENTAÇÃO E REVISÃO							
	QUANTIDADE	TIPO	AISO	AIDO	AESO	AEDO	AISR	AIDR	AESR	AEDR
S1	0	A	0	0	0	0	0	0	0	0
	56	B	32	0	0	0	18	1	2	3
	64	C	11	0	1	0	23	10	13	6
Total	120	>C	43	0	1	0	41	11	15	9
S2	2	A	2	0	0	0	0	0	0	0
	22	B	12	0	2	0	7	0	1	0
	28	C	7	0	1	0	20	0	0	0
Total	52	>C	21	0	3	0	27	0	1	0
S3	1	A	1	0	0	0	0	0	0	0
	47	B	35	0	0	2	10	0	0	0
	32	C	18	0	1	0	13	0	0	0
Total	80	>B	54	0	1	2	23	0	0	0
S4	1	A	1	0	0	0	0	0	0	0
	26	B	20	0	0	0	6	0	0	0
	1	C	0	0	0	0	1	0	0	0
Total	28	>B	21	0	0	0	7	0	0	0

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável

A partir da TAB. 20, observa-se que todos os sujeitos apresentam os três tipos de recursão categorizados para esta pesquisa, à exceção de S1, que não apresenta o tipo A. Considerando-se os tipos de recursão (A, B e C) e comparando-os entre os sujeitos, nota-se que S1 e S2 apresentam maior quantidade daqueles relacionadas aos movimentos de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável, 64 e 28, respectivamente. Já S3 e S4 apresentam maiores quantidades de recursão evidenciadas por correção de erro de digitação, 47 e 26 respectivamente. O tipo de recursão que aparece com menos frequência para todos os sujeitos é o que está relacionado à alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada, ou seja, o tipo A, o qual aparece nas pausas de S2, S3 e S4, correspondendo a 2, 1 e 1 ocorrências, respectivamente. Conclui-se, portanto, que os sujeitos

sob escrutínio nesta pesquisa apresentam uma grande variação em relação aos tipos de recursão B e C encontrados em cada pausa analisada. Em outras palavras, o tipo B varia de 22 (S2) a 56 (S1) ocorrências; já o tipo C varia de 1(S4) a 64 (S1) ocorrências.

Em relação ao tipo de recursão referente à correção de erro de digitação (B), S1 é o sujeito que apresenta o maior número e tipos de apoios e de ocorrências, sendo 56 no total, divididos em: 31 pausas com AISO, 19 com AISR, 1 com AIDR e 2 com AESR. Em contrapartida, S2 é o sujeito que apresenta o menor número de ocorrências assim distribuídas: AISO = 12, AESO = 2, AISR = 7 e AESR = 1, totalizando 22. Já S3 é o sujeito que apresenta o segundo maior número de ocorrências do tipo B, totalizando 47, das quais 35 estão relacionadas a AISO, 2 a AEDO e 10 a AISR. No que toca a S4, esse sujeito apresenta somente dois tipos de apoio para qualquer tipo de recursão, ou seja, AISO e AISR. No caso do tipo B, foram registradas 26 ocorrências, sendo 20 com AISO e 6 com AISR.

Considerando-se o tipo C, ou seja, aquele relacionado a movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável, observa-se que novamente S1 é o sujeito que apresenta o maior número de tipos de apoio e de ocorrências, totalizando 64. Dentre as 64 ocorrências de pausas com recursão, 11 apresentam AISO; 23, AISR; 10, AIDR; 13, AESR; e 6, o AEDR. Esses números podem indicar a falta de orientação desse sujeito durante o processo tradutório e, portanto, maior necessidade de realizar revisões durante a fase de redação, pois as pausas que são atreladas a instâncias de recursão apresentam um número maior de apoio de revisão. Em relação a S3, observam-se 32 ocorrências, dentre as quais 18 apresentam AISO, 1 apresenta AESO e 13 apresentam AISR. Na seqüência, está S2, com 7 ocorrências de AISO, 1 de AESO e 20 de AISR. Esse sujeito também apresenta grande número de pausas com recursão em que há predomínio de apoio interno de revisão. No que toca a S4, a única pausa com recursão do tipo C apresenta AISR.

Há predomínio de AISO para os poucos tipos de recursão categorizados como A. Todos os sujeitos apresentaram somente esse tipo de apoio quando se observou uma alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada.

Além disso, o que se destaca nesta análise é o fato de que a recursividade parece estar, no caso da TCorr de S3 e de S4, mais atrelada a instâncias de orientação do que a pausas de revisão em mais da metade das ocorrências. Isso poderia significar, num primeiro momento,

que os sujeitos deste experimento costumam corrigir ou alterar seu texto mais à medida que se orientam do que à medida que realizam revisões (associadas a pausas) ao longo do seu processo tradutório. No entanto, deve-se atentar ao fato de não seria plausível cogitar que um sujeito prevê um erro ou uma solução provisória para depois corrigi-lo/alterá-la, mas sim que ele revisou algo que já foi realizado. Nesse sentido, essas instâncias de recursividade associadas a apoios de orientação devem ser entendidos como instâncias de revisão em que os sujeitos não apresentaram apoios de revisão iguais ou superiores a cinco segundos que pudessem ser registrados pelo Translog© (*i.e.* a revisão ocorreria em menos de cinco segundos). Nesse sentido, evidencia-se, para S3 e S4, que a recursividade implica, em geral, baixo esforço cognitivo (ausência de pausas iguais ou superiores a cinco segundos que associadas a ela) e, conseqüentemente, alto nível de monitoramento (devendo-se, contudo, ressaltar que, para S4, esse monitoramento é quase que exclusivamente para correções ortográficas).

Em suma, no que toca aos tipos de apoio (interno ou externo) de orientação e de revisão encontrados em cada pausa com recursão (considerando-se os três tipos de recursão), nota-se que, em geral, à exceção de S2, cujo maior apoio utilizado é o AISR (27), o apoio predominante é o AISO, totalizando 43 ocorrências para S1, 54 para S3 e 21 para S4. Há também um número grande de ocorrências de AISR, ligadas principalmente ao tipo de recursão relacionado ao movimento de *mouse*. Assim, verifica-se que há mais recursividade associada com orientação do que revisão e o tipo de recursão predominante é o B.

QUADRO 21
Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio

Observação	Tendência	Exceção
Quantidade de ocorrência em relação aos tipos de recursão (A, B ou C) - TCorr	Predomínio de B – S3 e S4 Predomínio de C – S1 e S2	Tipo A (-S1)
Tipo de Apoio mais utilizado	AISO	S2 (AISR)
Apoio predominante	- Predomínio de apoios de orientação sobre os apoios de revisão para S3 e S4 - Relação inversa para S1 e S2	–

4.2.2.2 A recursividade na TNCorr

Os dados relacionados à recursividade alocada nas pausas dos expertos não-tradutores ao realizarem a TNCorr estão representados na TAB. 21.

TABELA 21
Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de redação da TNCorr

SUJEITO	PAUSAS DE RECURSÃO		APOIO INTERNO/EXTERNO DE ORIENTAÇÃO E REVISÃO							
	QUANTIDADE	TIPO	AISO	AIDO	AESO	AEDO	AISR	AIDR	AESR	AEDR
S1	2	A	1	0	0	0	0	0	1	0
	42	B	29	0	1	0	7	0	5	0
	35	C	18	0	9	0	5	0	2	1
Total	79	>B	48	0	10	0	12	0	8	1
S2	1	A	1	0	0	0	0	0	0	0
	38	B	25	0	6	0	7	0	0	0
	11	C	6	0	2	0	3	0	0	0
Total	50	>B	32	0	8	0	10	0	0	0
S3	4	A	4	0	0	0	0	0	0	0
	55	B	35	0	2	1	15	0	2	0
	27	C	18	0	1	0	7	0	1	0
Total	86	>B	57	0	3	1	22	0	3	0
S4	4	A	3	0	0	0	1	0	0	0
	29	B	29	0	0	0	11	0	0	0
	15	C	9	0	0	0	6	0	0	0
Total	59	>B	41	0	0	0	28	0	0	0

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável

Os dados da TAB. 21 mostram que todos os sujeitos apresentam os três tipos de recursão categorizados nesta dissertação durante a realização da TNCorr. Ao se contrastarem os tipos de recursão (A, B e C) e comparando-os entre os sujeitos sob escrutínio, nota-se que S1, S2, S3 e S4 apresentam maior quantidade daqueles evidenciados por correção de erros de digitação (tipo B), 42, 38, 55 e 29, respectivamente. O tipo C é o que aparece em o segundo lugar nas pausas com recursividade, indicando que, para a TNCorr, os sujeitos utilizaram menos movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável. O sujeito que apresenta a maior quantidade de pausas com o tipo C é, novamente, S1, totalizando 35 ocorrências, ao passo que S4 apresenta a menor, apenas 15. Já S2 e S3 apresentam, respectivamente, 11 e 27 ocorrências. Apesar de sua ocorrência ter aumentado quando da realização da TNCorr, o tipo A, mais uma vez, é o tipo de recursão que

aparece com menos frequência para todos os sujeitos: S3 e S4 apresentam 4 ocorrências cada um, S1 evidencia duas ocorrências e S2 tem apenas uma. Portanto, os sujeitos apresentam, tal qual na TCorr, uma grande variação em relação aos tipos de recursão B e C encontrados em cada pausa analisada, ou seja, o tipo B varia de 29 (S4) a 55 (S3) ocorrências; já o tipo C varia de 15 (S4) a 35 (S1) ocorrências. Contudo, para esta tarefa, observa-se uma homogeneidade no comportamento de todos os sujeitos ao apresentarem o tipo B, ou seja, aquele que indica a correção de erros de digitação, como o tipo predominante. Tal quadro é diferente do que ocorre ao realizarem a TCorr, em que se nota um comportamento heterogêneo entre os sujeitos.

Considerando-se, neste momento, os tipos de apoio por tipo de recursão (B), predominante para todos os sujeitos para esta tarefa, observa-se que, em um extremo da amostra, S3 é o sujeito que apresenta o maior número de ocorrências, sendo 55 no total, divididos em: 35 pausas com AISO, 2 com AESO, 1 com AIDO, 15 com AISR e 2 com AESR. No outro extremo, encontra-se S4, apresentando 29 ocorrências do tipo B, nas quais estão presentes 29 pausas com tipo AISO e 11 com tipo AISR. No que toca a S1, as suas 42 ocorrências estão assim distribuídas: 29 com AISO, 1 com AESO, 7 com AISR e 5 com AESR. Para esta tarefa, S2 é o sujeito que apresenta o menor número de ocorrências de AISO, sendo 25 do total de 38 pausas com recursão para o tipo B. O restante das ocorrências está assim configurado: 6 para AESO e 7 para AISR. Em resumo, para o tipo B, durante as duas tarefas tradutórias, todos os sujeitos apresentaram maior ocorrência do tipo AISO, os demais tipos de apoio interno e externo sofreram muitas variações, demonstrando um padrão de comportamento heterogêneo entre os sujeitos.

Já em relação ao tipo C, observa-se que, tal qual na TCorr, S1 é o sujeito que apresenta o maior número de tipos de apoio e de ocorrências em comparação aos demais, totalizando 35. Nota-se que houve uma diminuição considerável desse tipo de apoio para esta tarefa, de 64 para 35 (cerca de -50%). Dentre essas 35 ocorrências de pausas com recursão, 18 apresentam AISO; 9, AESO; 5, AISR; e 2, AESR. Também em relação a S3, observa-se uma diminuição das 32 ocorrências, na TCorr, para 27 ocorrências, na TCorr, das quais 18 apresentam AISO; 1, AESO; 1, AISR; e 1, AESR. Na seqüência, está S2, com 6 ocorrências de AISO, 1 de AESO e 3 de AISR. Esse sujeito também apresenta uma diminuição no número de ocorrências para o tipo C, de 28 para 11, durante a realização da TNCorr. No que toca a S4, esse é o único sujeito que apresenta um aumento no número total de pausa com recursão do

tipo C quando da realização da TNCorr, de apenas uma ocorrência com o tipo AISR, passou a apresentar 9 ocorrências com AISO e 6 com AISR, totalizando 15.

Conseqüentemente, em relação aos tipos de apoio (interno ou externo) de orientação e de revisão encontrados em cada pausa com recursão (considerando-se os três tipos de recursão), foi possível observar que, em geral, todos os sujeitos apresentaram uma diminuição na quantidade de exemplos de apoios internos e externos quando da realização da TNCorr, bem como um aumento na ocorrência de pausas com AISO para todos os sujeitos, exceto S1 (de 64 na TCorr para 39 na TNCorr). Assim, observou-se que, também para esta tarefa há predomínio, de AISO para todos os três tipos de recursão observados, totalizando 39 ocorrências para S1, 32 para S2, 57 para S3 e 41 para S4. Semelhante ao que foi apontado na TCorr, nota-se que, para esta tarefa, há mais recursividade associada com apoio de orientação do que com apoio de revisão e que o tipo mais freqüente de pausas associadas a recursão é o tipo B. No caso do predomínio de ocorrências de recursividade que podem ser associadas mais aos apoios de orientação do que aos apoios de revisão, a tendência, porém, é verificada para todos os sujeitos, sem exceção. Pode-se, aqui, apresentar os mesmos argumentos expostos com relação à TCorr, devendo-se aventar, contudo, um possível impacto do conhecimento de domínio sobre esse comportamento com relação à recursividade.

O Quadro 22 apresenta um resumo geral dos dados analisados para a recursividade e os tipos de apoio utilizados nas pausas que mostravam recursão durante a realização da TNCorr.

QUADRO 22
Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio na TNCorr

Observação	Tendência	Exceção
Quantidade de ocorrência em relação aos tipos de recursão (A, B ou C) - TNCorr	Predomínio de B	–
Tipo de apoio predominante	AISO	–
Apoio predominante associados às instâncias de recursividade	Apoios de orientação associados às instâncias de recursividade predominam sobre os apoios de revisão	–

Na seção 4.3, serão analisados os dados relativos à última fase do processo tradutório, a fase de revisão.

4.3 Fase de Revisão Final

A análise intersubjetiva e intra-subjetiva do tempo (absoluto e relativo) despendido com as pausas de revisão final dos expertos não-tradutores aponta que há variações consideráveis entre os valores dos tempos relativos apresentados NESSA fase por todos os sujeitos, tanto na tarefa relativa à subárea do conhecimento quanto naquela cujo conhecimento de domínio não é correlato à subárea de atuação do sujeito, conforme poderá ser observado no GRAF. 3 e no Gráfico 4. Assim, conforme apontado por Silva e Pagano (2007), pode-se observar que não há um comportamento homogêneo de S1, S2, S3 e S4 em função do conhecimento de domínio ao realizar as duas tarefas propostas.

A seguir, o GRAF. 3 apresenta os dados relativos à distribuição das fases ao longo do processo tradutório quando da realização da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não é correlato à subárea de atuação dos sujeitos.

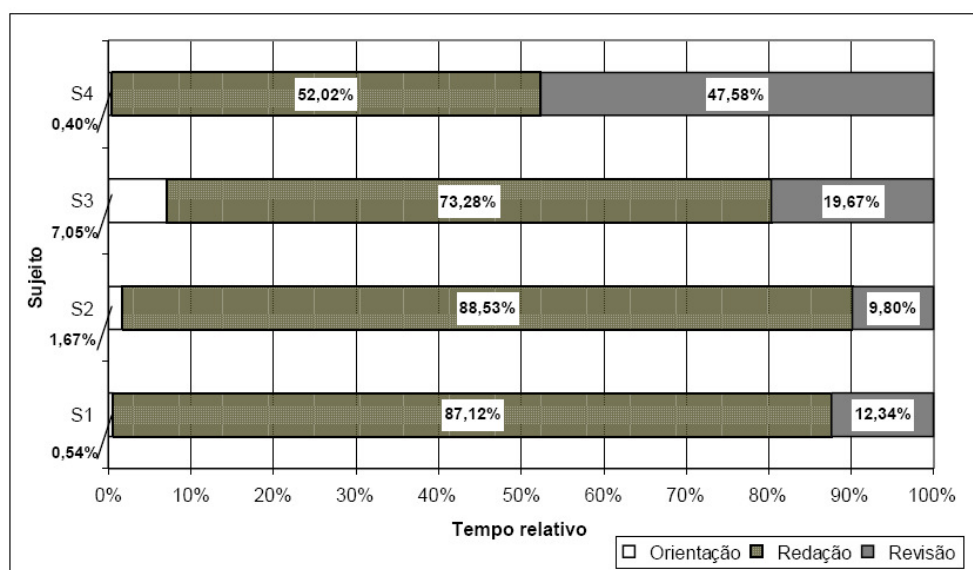


GRÁFICO 3 – Tempo relativo das fases de orientação, redação e revisão quando da realização da tarefa cujo *conhecimento de domínio* demandado é correlato à subárea de atuação dos sujeitos (TCorr).

Fonte: Silva e Pagano (2007, p. 60).

Observa-se, a partir do GRAF. 3, que todos os sujeitos apresentam comportamentos bem distintos durante a fase de revisão final, cujos percentuais dos tempos relativos despendidos variaram de 9,80% a 47,58%, quando da tradução do texto cujo conhecimento de domínio demandado era correlato a subárea de atuação do sujeito.

Para traduzir o texto dentro de sua área do conhecimento, S2 apresentou o menor tempo relativo, apenas 9,80% do total de sua produção, ao passo que S4 despendeu 47,58%. Já S1 e S3 empregaram 12,34% e 19,67%, respectivamente. Portanto, observa-se que S4 foi o sujeito que mais despendeu tempo nesta fase. Contudo, ao se verificar os arquivos .avi do Camtasia©, nota-se que, à exceção de S2, todos os outros sujeitos utilizaram o corretor ortográfico do Microsoft Word© para realizarem a revisão final nos textos de chegada, sendo S4 o sujeito que mais despendeu tempo utilizando esse recurso, somente para corrigir palavras, segundo se pode observar em seu relato retrospectivo.

Exemplo 39:

S4: Foi só para corrigir palavras. Por exemplo: *electrophysiologic study* estava escrito errado; *arrhythmias* estava escrito errado.

P1: Você não modificou estrutura ou tempo verbal na revisão?

S4: Não. Palavra.

P1: Aqui não vai aparecer porque foi no Word, não é?

S4: É, mas é só para checar as palavras.

Conseqüentemente, na fase de revisão final, as pausas longas se devem a uma falta de recursos de edição do Translog©. Assim, os sujeitos copiam o texto para o Word©, um editor com o qual podem fazer correções em suas traduções. A utilização desse *software* impossibilita a divisão dessas pausas longas em porções de textos menores, pois o programa não apresenta os recursos estatísticos existentes no Translog©.

A seguir, no GRAF. 4, são demonstrados os dados sobre os tempos relativos das fases de orientação, redação e revisão quando da realização da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não é congruente à subárea de atuação dos sujeitos

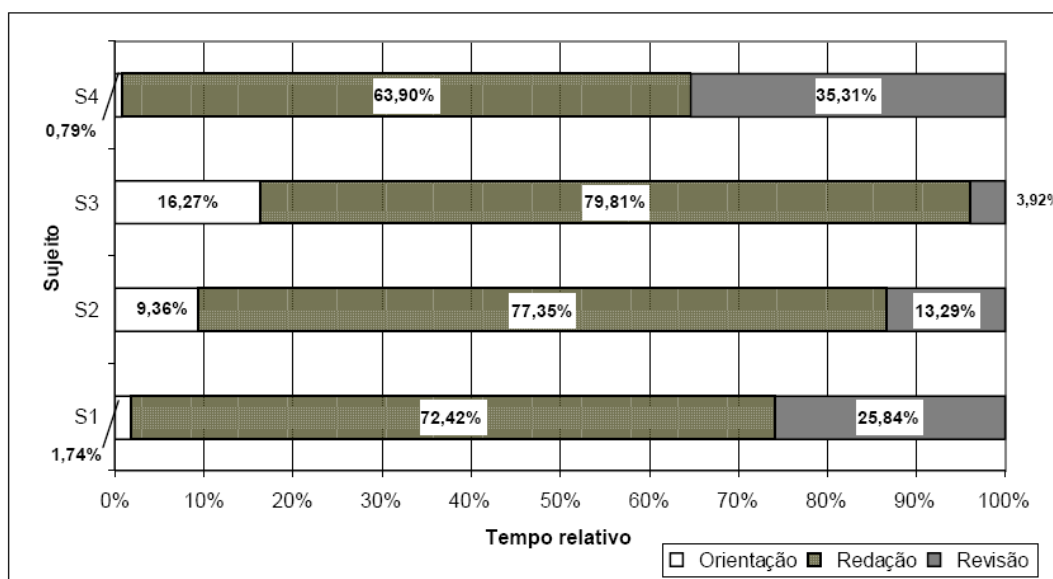


GRÁFICO 4 – Tempo relativo das fases de orientação, redação e revisão quando da realização da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos (TNCorr).

Fonte: Silva e Pagan o (2007, p. 61).

No que diz respeito à fase revisão exibida no GRAF. 4, verifica-se novamente uma distinção no comportamento dos sujeitos sob escrutínio nesta pesquisa, em que os valores dos tempos relativos durante a fase de revisão variam de 3,92% a 35,31%. Durante esta tarefa tradutória, S1 e S2 aumentaram a proporção do tempo despendido com a fase de revisão em comparação à tarefa cujo conhecimento de domínio demandado era congruente à subárea de expertise. Já S3 e S4 dedicaram menos tempo a essa mesma fase quando da realização desta tarefa.

S3, nesta tarefa tradutória, é o sujeito que dedica menor proporção de seu tempo a essa fase, 3,92%, seguido de S2, que dedica 13,29%. Já S1 aumenta em mais de 100% a proporção de seu tempo a essa fase, passando de 12,34%, quando da tarefa tradutória correlata à sua subárea de atuação, a 25,84% ao traduzir o texto cujo conhecimento de domínio demandado não é correlato à sua subárea de atuação. Novamente, S4 é o sujeito que destina maior proporção do tempo a essa fase, 35,31%.

Nota-se que os todos os sujeitos, a exceção de S2, mantiveram seu padrão de comportamento conforme mencionado anteriormente, ao utilizarem os recursos do *software* Word© para fazer correções em seus textos de chegada, como se pode comprovar a partir do relato de S1 e de S4 (S3 não faz comentário sobre sua revisão final).

Exemplo 40:

P2: Você ficou parado, não é?

[...]

S1: Eu não sei se essa hora eu já fui para o Word©. Eu acho que eu levei para o Word©.

Exemplo 41:

P1: Mas você só corrigiu ortografia no Word©?

S4: É. Só palavra.

[...]

S4: Por exemplo, *tratment*. [...] Eficácia, que coloquei com um f. Só isso.

A seguir, serão apresentados os dados referentes às pausas de revisão e aos seus apoios internos/externos respectivos.

QUADRO 23
Quadro-Resumo geral sobre a fase de revisão final

Observação	Tendência	Exceção
Tempo relativo e absoluto dedicado à fase de revisão final	Tempo menor na TNCorr do que da TCorr (S3 e S4)	–
	Tempo maior na TNCorr do que da TCorr (S1 e S2)	–

4.3.1 Identificação e quantificação das pausas de revisão final

Os dados referentes à identificação e quantificação das pausas de revisão final serão apresentados nesta subseção, levando-se em consideração o impacto da variável conhecimento de domínio. Na seqüência, serão identificados, classificados e quantificados os tipos de apoios interno/externo relacionados a cada uma dessas pausas.

4.3.1.1 Pausas de revisão final e os respectivos apoios

Nesta subseção, serão analisadas as pausas de revisão final e os seus respectivos apoios. Primeiramente será apresentado o número total de pausas de revisão, por sujeito, considerando-se a tarefa cujo conhecimento de domínio é correlato à subárea de atuação do sujeito, assim como a tarefa tradutória cujo conhecimento de domínio não é correlato (subseção 4.3.1.1.1). A subseção 4.3.1.1.2 ilustrará os respectivos tipos de apoio interno ou externo relacionados a cada uma das pausas de revisão final na TCorr e na TNCorr.

Neste momento da análise, não serão apresentados os tipos de apoio identificados e classificados para cada uma das pausas. Portanto, as pausas de revisão encontradas durante a fase de revisão final serão apresentadas primeiramente em um único bloco e, posteriormente, serão analisadas separadamente, considerando-se as tarefas tradutórias realizadas pelos quatro sujeitos.

4.3.1.1.1 Número total de pausas de revisão final

A seguir, a TAB. 22 mostra o número total de pausas de revisão final realizadas pelos sujeitos sob escrutínio nesta pesquisa, como também o tempo total investido nessas pausas durante a realização das duas tarefas tradutórias (TCorr e TNCorr), analisadas separadamente.

TABELA 22
Total de número de pausas de revisão por sujeito na TCorr e TNCorr

Sujeito	Número de Pausas (TNCorr)	Número de pausas (TCorr)	Tendência (número de pausas)	Duração das pausas (s.) - TNCorr	Duração das pausas (s.) - TCorr	Tendência (duração das pausas)
S1	33	17	<	1636	778	<
S2	19	11	<	411	185	<
S3	7	26	>	50	548	>
S4	43	30	<	920	1469	>

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

* As tendências se referem às mudanças da TCorr em relação à TNCorr.

A TAB. 22 apresenta ocorrências de pausas de revisão final, primeiramente, na tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos, e, em segundo lugar, na tarefa cujo conhecimento de domínio demandado é congruente à subárea de atuação dos sujeitos. Analisando-se os dados, percebe-se que o número de pausas relativo à segunda coluna varia de 7 a 43 ocorrências, ao passo que na quarta coluna varia de 11 a 30 ocorrências. À exceção de S3, todos os demais sujeitos apresentam uma diminuição no número das pausas de revisão ao traduzirem o texto correlato à sua subárea de atuação. Apesar de diminuir o número de ocorrências, S4 apresenta um aumento no tempo total despendido, contrariando o comportamento de S1 e S2. S3 aumenta seu tempo na TCorr em mais de 1000%, se comparado com o tempo total despendido na tarefa não-correlata à subárea de atuação.

Portanto, S3, em um extremo da amostra, é o sujeito que apresenta o menor número de ocorrências, apenas 07, e despense menos tempo com pausas na fase de revisão durante a tarefa tradutória não-congruente à sua área de expertise, apenas 50 segundos. No outro extremo da amostra encontra-se S1, totalizando 33 ocorrências com as quais despense 1671 segundos, quando da tradução do texto cujo conhecimento de domínio demandado não é congruente à sua área de atuação. Entretanto, S4, apesar de apresentar 10 ocorrências a mais que S1, despense 716 segundos a menos destinados às suas 43 pausas. Já S2, apresenta 19 pausas com as quais despense 411.

Em relação à tarefa cujo conhecimento de domínio demandado é correlato à subárea de atuação, S1 despense 778 segundos destinados às 20 pausas de revisão. S3, apesar de

apresentar 6 pausas a mais que S1, despense 230 segundos a menos com as 26 pausas de revisão. S2 é o sujeito que menos depende tempo com as 11 ocorrências, 185 segundos. Por outro lado, S4 é o sujeito que despense mais tempo, 1469 segundos destinados às 30 pausas de revisão.

Cabe lembrar que S1 e S4 foram os sujeitos que dedicaram mais tempo com a utilização do corretor ortográfico do Microsoft Word®, o que explica o valor elevado da duração de suas pausas, durante a fase de revisão em ambas as tarefas de tradução. Vale esclarecer que essas pausas não foram divididas em pausas menores em virtude da não utilização do *software* Camtasia durante a coleta dos dados da pesquisa de Machado e Alves (2007) e Batista e Alves (2007). Assim, manteve-se a análise somente a partir dos dados passíveis de serem identificados no Translog® e nas planilhas de observação direta.

Mais uma vez, S3 se destaca diante dos demais sujeitos ao apresentar um aumento no número de pausas de revisão quando da realização da TCorr em relação à TNCorr, o que pode estar relacionado ao conhecimento de domínio, pois esse sujeito despense mais tempo se orientando durante a realização da TNCorr (16,27% do tempo com a fase de orientação inicial, *cf.* TAB. 1) do que com a fase de revisão final (3,92%, *cf.* TAB. 1). Isso demonstra o fato de esse sujeito apresentar um menor número de pausas de revisão final, pois ao se orientar, produz um texto mais durável, não havendo necessidade de muitas correções ou alterações em seu texto.

O Quadro 24 ilustra um resumo geral sobre o número total de pausas de revisão final na TCorr e na TNCorr.

QUADRO 24
Quadro-Resumo geral sobre o número total de pausas de revisão

Observação	Tendência	Exceção
Número de pausas	Aumento no número de pausas na TNCorr, em relação à TCorr	S3
Duração das pausas, em segundos	Aumento (no caso de S1 e S2) Diminuição (no caso de S3 e S4)	–

4.3.1.1.2 Apoio relacionado a cada pausa de revisão final

Serão descritos neste momento os tipos de apoios internos/externos de revisão que se manifestaram em cada uma das pausas na fase de revisão.

Os dados sobre os tipos de apoios interno/externo, referentes à tarefa tradutória correlata à subárea de expertise, foram organizados na TAB. 23. Da mesma forma, os dados relacionados à tarefa de tradução não relacionada à subárea do conhecimento de domínio foram compilados na TAB. 24. Vale lembrar que a classificação dos tipos de apoio interno/externo de revisão seguiu aquela proposta por Batista e Alves (2007).

TABELA 23
Tipos de apoio interno/externo de revisão relacionados à TCorr

Sujeito	AISR	Tempo (s.)	AIDR	Tempo (s.)	AESR	Tempo (s.)	AEDR	Tempo (s.)
*S1	13	140	2	86	2	386	0	0
S2	11	185	0	0	0	0	0	0
S3	26	548	0	0	0	0	0	0
S4	6	60	0	0	24	1409	0	0

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDR = Apoio interno dominante de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AEDR = Apoio externo dominante de revisão; AESR = Apoio externo simples de revisão.

* Este sujeito (S1) apresenta uma ocorrência do tipo de apoio denominado CASO ESPECIAL (dois tipos de apoio para uma única pausa).

A partir dos dados apresentados, observa-se o predomínio de apoio interno simples de revisão (AISR) para todos os sujeitos, exceto para S4, que apresenta o menor número de ocorrências para esse tipo de apoio. Já S3 é o sujeito que apresenta o maior número de ocorrências de AISR, seguido de S1 e S2. Nesta fase (revisão), S1 e S4 são os únicos sujeitos a apresentarem ocorrências de apoio externo simples de revisão (AESR). Além disso, S1 é o único sujeito a apresentar ocorrência de apoio interno dominante de revisão (AIDR). Igualmente a S3, S2 somente apresenta pausas com AISR. Nesta tarefa tradutória, não se observou utilização de apoio externo dominante de revisão (AEDR) na fase de revisão final de S1, S2, S3 e S4.

Em relação ao total das pausas de revisão realizadas pelos quatro sujeitos (TAB. 22), observa-se que, do total das 17 pausas realizadas por S1, 15 apresentaram apoio interno de revisão,

sendo 13 ocorrências classificadas como AISR, nas quais o sujeito empregou 140 segundos, e duas ocorrências identificadas com AIDR, nas quais foram investidos 86 segundos.

Cabe ressaltar que S1 foi o único sujeito a apresentar o tipo de apoio que consideramos CASO ESPECIAL para esta pesquisa, pois não foi observado esse tipo de ocorrência para nenhum dos outros sujeitos. Observou-se, a partir do *replay* do Translog©, que, ao realizar uma pausa de 106 segundos ([*:01.45.53][^f]), S1 confirma dois termos já traduzidos, utilizando-se, assim, de apoio interno dominante de revisão (AIDR). O sujeito, em seguida, confere ortografia de mais dois termos e os corrige, utilizando-se, para tal, de apoio externo simples de revisão (AESR). Dessa forma, esse exemplo recebeu um destaque, por ser um momento único na análise dos tipos de apoios utilizados pelos sujeitos expertos não-tradutores. Serão ilustradas no Exemplo 42 e no Exemplo 43 as ocorrências de AISR e de AIDR para esse sujeito.

Exemplo 42

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*[^]⊠,♦[^].	AISR	15
S1	***[^]patients♦	AISR	15
S1	****[^]⊠⊠⊠⊠to♦	AISR	25

Exemplo 43

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	***[^][^][^][^][^][^][^][^][^][^]♦[^]⊠e	AIDR	15
S1	[*:01.11.32][^]	AIDR	71

Em relação aos apoios externos de revisão, S1 apresenta duas ocorrências para AESR, empregando 386 segundos nessas pausas. A partir do Exemplo 44 pode-se observar o momento em que S1 pausou utilizando-se da estratégia AESR.

Exemplo 45:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[* :01.03.41][[∨] ⊖]pediatric•and•[[∨] ⊖]]•age•groups	AESR	63

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[* :05.23.20][[∨] ⊖]	AESR	323

Obs.: Neste momento, S1 copia o texto para o editor de texto Word®, o que impossibilitou a divisão desta pausa em porções do protocolo linear. Optou-se, então, por mantê-la como uma pausa de uso de AESR, uma vez que o sujeito faz correções em seu texto, utilizando um tipo de apoio externo.

Neste momento da análise, julga-se necessário uma explicação sobre a presença de pausas de orientação apresentadas por S1 durante a fase de revisão, além daquelas pausas de revisão final já comentadas. Jakobsen (2002) avalia que mecanismos e processos de orientação acontecem no decorrer da tradução (com mais frequência durante a fase de redação, sendo que mais raramente essa orientação é transferida para a fase de revisão). Assim, observam-se mecanismos cognitivos de apoio interno e mecanismos de apoio externo que contribuem para que o sujeito possa orientar-se, tomar decisões e resolver os problemas que por ventura foram postergados durante a fase de redação ou que são identificados na fase de revisão. Dessa forma, contrariando o comportamento de todos os outros informantes sob escrutínio nesta pesquisa, S1 foi o único sujeito a apresentar pausas de orientação durante a fase de revisão de seu processo tradutório, conforme demonstrado na TAB. 24.

TABELA 24

Tipos de apoio interno/externo de orientação relacionados à TCorr

Sujeito	AISO	Tempo (s.)	AIDO	Tempo (s.)	AESO	Tempo (s.)	AEDO	Tempo (s.)
S1	2	121	0	0	1	45	0	0
S2	0	0	0	0	0	0	0	0
S3	0	0	0	0	0	0	0	0
S4	0	0	0	0	0	0	0	0

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDO = Apoio interno dominante de orientação; AISO = apoio interno simples de orientação; AEDO = Apoio externo dominante de orientação; AESO = Apoio externo simples de orientação.

Assim, a presença de pausas de orientação durante essa fase está relacionada com a estratégia de tradução do sujeito, que postergou a tomada de decisão para a fase de revisão final, conforme pode ser observado nessa Porção do protocolo linear de chegada, durante a fase de redação.: **.....this*study**. Assim, S1 deixou de traduzir a conjunção do texto de partida *Assim, o presente estudo*, que antecede o grupo nominal "presente estudo", buscando uma solução para o problema durante a fase de revisão final.

Portanto, S1 demonstrou um processo de revisão final bem diferenciado em comparação aos demais sujeitos, pois iniciou esse processo, com alguns termos que deixou de traduzir durante a fase de redação, para os quais necessitou se orientar novamente. Nesse momento, esse sujeito utilizou-se tanto de apoio interno simples quanto apoio externo simples de orientação, na tentativa de encontrar soluções definitivas para os problemas encontrados.

Exemplo 46:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	<i>* * * * * *</i> [^] <i>Therefore</i> [•]	AESO	45
S1	<i>* * * * *</i> [^] <i>series</i> [•] <i>had the objective</i> [•]	AISO	20
S1	<i>[*:01.41.01]</i> [^] <i>actual</i> [•]	AISO	101

Obs.: Analisando-se o arquivo .log de S1, verifica-se que esse sujeito inicia sua fase de revisão final utilizando-se de AESO, despendendo, nesse momento, 45 segundos, conforme demonstrado no exemplo 46. Nessa pausa, o sujeito realiza uma busca no dicionário eletrônico. Logo em seguida, volta a se orientar, utilizando-se de AISO, na tentativa de traduzir os termos que havia deixado sem tradução.

Retornando à análise da TAB. 23 nota-se que S3 é o sujeito a apresentar um maior número de pausas com AISR: 26 ocorrências, nas quais despendeu 548 segundos. Observa-se também que esse sujeito foi o que destinou maior quantidade de tempo com AISR em comparação aos demais sujeitos, na fase de revisão, durante seu processo tradutório.

Exemplo 47:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	[*:01.07.84][^]	AISR	68
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	***[^]←↓→→→→By•keep ing•cells•in•s•☒☒☒S•phase,•	AISR	20
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S3	*varit☒ations•	AISR	5

Durante sua fase de revisão, S3 realiza as revisões baseando-se apenas em seus conhecimentos, pois não faz consultas a fontes externas. No momento em que despende maior parte do tempo nessa fase, percebe-se que há um movimento do cursor do *mouse*, portanto, parece que o sujeito está lendo o texto de chegada, contudo, a partir do *replay* do Translog©, não é possível identificar essa ação. Durante essa passagem de sua fase de revisão, S3 pausa por 68 segundos, pressiona o *mouse*, pausa por mais 35 segundos, clica o *mouse* e pausa por mais 5 segundos, inserindo, em seguida, a circunstância de localização *in these patients*, conforme pode ser demonstrado na seguinte seqüência:

[*:01.07.84][^]***[^]*→→→→in•these•pat•ients.

No momento em que pausa por 20 segundos, S3 faz uma mudança no complexo oracional, alterando o que havia traduzido anteriormente: *DNA syntheses block through inhibition of ribonucleotide reductase is the main function of HU which keep cells in S phase*, para: *The*

main function of HU is to keep cells in S phase through inhibition of ribonucleotide reductase and hence blocking DNA synthesis. Já para a pausa de menor duração, observada logo no início da fase de revisão, verifica-se que S3 apenas fez correções ortográficas na palavra *variations*. Portanto, conclui-se que, durante a fase de revisão da TCorr, S3 apresenta momentos de mudanças na estrutura do texto, além de alterações lexicais.

Em relação a S2, os dados mostram que esse sujeito apresentou um comportamento semelhante a S3 pela utilização apenas de AISR, despendendo 185 segundos em suas 11 ocorrências.

Exemplo 48:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*****[[^]]→i	AISR	45
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	****[[^]]fsm[[^]]compro mise♦	AISR	20
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*[[^]]→,[[^]]k	AISR	5

Já S4 é o sujeito da amostra a apresentar o menor número de ocorrências de AISR: apenas 6 do total de suas 30 pausas de revisão, despendendo a menor quantidade de tempo em comparação aos demais sujeitos (apenas 60 segundos). Já em relação à utilização de apoios externos de revisão, esse foi o sujeito que apresentou a maior ocorrência de AESR, totalizando 24, às quais dedicou 1409 segundos. Nota-se uma variação muito grande, de 265 a 5 segundos, nos tempos desse sujeito dedicados a essas pausas com uso de AESR. Como mencionado anteriormente, cumpre ressaltar que esse sujeito despendeu grande parte de seu tempo revisando palavras com o apoio do Microsoft Word®, utilizando-se, portanto, de apoio externo.

Exemplo 49:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*** ^[-ô] •of•the ^[-ô]	AISR	15

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* ^[-ô] •the	AISR	5

O momento em que S4 despense 15 segundos com AISR é aquele no qual ele inclui a preposição e o dêitico *of the* no título do texto de chegada: a circunstância de localização *in patients* é substituída pelo qualificador *of the patients*. Já na segunda pausa, que durou apenas 5 segundos, ele inclui o dêitico *the* na frase preposicionada: *in a large period of the time*. Esses foram os dois momentos durante a TCorr em que S4 utilizou somente seus conhecimentos internos para revisar sua produção textual.

Exemplo 50:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	[*•04.24.96] ^[-ô] ^[-ô]	AESR	265

Obs.: Neste momento, S4 abre o editor de texto Word© e faz alguns ajustes no *software*. Esse movimento impossibilitou a divisão dessa pausa em porções menores do texto. Como já havia sido explicado para SI, neste caso também optou-se por categorizar a pausa como pausa com utilização de AESR.

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	[*•56.77] ^[-ô] a ^[-ô]	AESR	57

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	* ^[-ô] c	AESR	5

A partir dos trechos analisados e a partir do *replay* do Translog©, observa-se que S4 basicamente corrige as palavras a partir do auxílio do software Microsoft Word©, não havendo, portanto, mudanças estruturais em seu texto de chegada.

Conforme explicado no início desta subseção, os tipos de apoio interno/externo referentes às pausas de revisão final foram subdivididos de acordo com as duas tarefas tradutórias. Dessa

forma, para finalizar a análise da fase de revisão dos sujeitos sob escrutínio nesta dissertação, os dados sobre os tipos de apoio interno/externo relacionados à tarefa tradutória não-correlata à subárea de atuação serão representados na TAB. 25.

TABELA 25
Tipos de apoio interno/externo de revisão relacionados à TNCorr

Sujeito	AISR	Tempo (s.)	AIDR	Tempo (s.)	AESR	Tempo (s.)	AEDR	Tempo (s.)
S1	25	616	2	91	5	848	1	81
S2	18	305	0	0	1	106	0	0
S3	7	251	0	0	0	0	0	0
S4	1	35	0	0	42	906	0	0

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDR = Apoio interno dominante de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AEDR = Apoio externo dominante de revisão; AESR = Apoio externo simples de revisão.

Analisando-se os dados acima, verifica-se que, das 33 pausas presentes no processo de revisão final de S1, 25 foram associadas ao uso de AISR, 2 ao uso de AIDR, 5 ao uso de AESR e apenas uma ao uso de AEDR, de modo que o sujeito despendeu, nessas pausas, 616, 91, 848 e 81 segundos, respectivamente. Nota-se, portanto, que S1 depende maior parte de seu tempo nas pausas com AESR, visto que utiliza o *software* Word© para realizar as correções em seu texto de chegada. Novamente, S1 é o sujeito que emprega a maior quantidade de tempo na fase de revisão em relação aos demais sujeitos.

Exemplo 51:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*worst*	AISR	5
S1	*****[^ê]h	AISR	35
S1	[*.01.16.08][^ê]crh⊗⊗hronic*	AISR	76

Exemplo 52:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	*****[*]	AIDR	40
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:50.80][*]followup	AIDR	51

Exemplo 53:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:02.39.25][*]re4vveals	AESR	159
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:08.37.09][*]	AESR	517
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:53.61][*]	AESR	517

Exemplo 54:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S1	[*:01.20.84][*]managemednntand[*]	AEDR	80

O processo de revisão final de S2 para esta tarefa tradutória assemelha-se ao processo de S4, pois ambos os sujeitos apresentam ocorrências de uso de AISR e AESR. Porém, S2 despense 305 segundos em suas 18 pausas com uso de AISR e 106 segundos com a única ocorrência de AESR.

Exemplo 55:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S2	*←s	AISR	5
S2	****[~]⊗	AISR	20
S2	*****[~]⊗s	AISR	45

Exemplo 56:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em seg.)
S2	[*:01.46.04][~]⊗⊗yn→→→→→ →→→→⊗⊗⊗⊗	AESR	106

Já S4 apresenta uma única ocorrência do uso de AISR, despendendo apenas 35 segundos. Assim, esse sujeito foi aquele que apresentou a menor quantidade de ocorrências para esse tipo de apoio. Em contrapartida, apresenta 42 ocorrências de AESR, despendendo 906 segundos. Mais uma vez, esse número de ocorrências de AESR para esse sujeito pode ser explicado pela utilização do *software* Microsoft Word®, pois esse sujeito é aquele que despende maior parte de seu tempo com a utilização dos recursos desse programa.

Assim, conforme demonstrado no exemplo abaixo, S4 pausa durante 35 segundos para resolver a parte do trecho de texto de partida relacionado a correção do processo “was”, o qual havia digitado errado.

Exemplo 57:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*****[~]was♦	AISR	35

S4, portanto, modifica o texto que havia produzido anteriormente, pautando-se em seus conhecimentos prévios.

Exemplo 58:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*[~]f	AESR	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	*****[~]s[~]	AESR	25
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em s.)
S4	[*:01.05.12][~][~][~][~]	AESR	65

Novamente, observa-se que, durante a fase de revisão da TNCorr, S4 somente faz revisões ortográficas no texto de chegada, utilizando, para tanto, o *software* Microsoft Word©. Na primeira pausa, verifica-se a correção da palavra *afects*, à qual foi adicionada uma letra *f*. Já na pausa de 25 segundos, observa-se a correção ortográfica da palavra *syntheses*. Para a pausa que demandou maior parte do tempo, verifica-se que esta se deu devido à abertura do programa Microsoft Word©. Nesse momento, S4 aciona o *mouse* por diversas vezes para copiar e colar palavras para o editor de texto, conforme anotado nas planilhas de observação direta. Portanto, nesse momento, o sujeito apenas faz correções ortográficas, como em todas as outras pausas durante essa fase.

Em relação a S3, os dados desse sujeito para esta tarefa tradutória cujo conhecimento de domínio demandado não é congruente à subárea de atuação mostram apenas 7 ocorrências do uso de AISR, nas quais o sujeito emprega 251 segundos.

Exemplo 59:

Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em seg.)
S3	*ong	AISR	5
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em seg.)
S3	*****[~]	AISR	20
Sujeito	Porção do protocolo linear	Tipo	Duração (em seg.)
S3	[*:01.49.95][~]<>>au	AISR	110

Para esta tarefa, S3 foi o sujeito que despendeu menos tempo, sendo que basicamente realizou correções ortográficas e estruturais. A pausa de 20 segundos foi a primeira a acontecer durante a fase de revisão (nesse momento, parece que o sujeito lê sua tradução, mas não realiza nenhuma alteração). Logo em seguida, S3 acrescenta o epíteto *long-term*: primeiramente digita as letras O N G, volta, corrige e então digita todo o epíteto *long-term*, modificando o grupo nominal, de *patients who were followed-up* (um grupo cujo núcleo é pós-modificado por uma oração encaixada) para *long-term observed patients* (um grupo cujo núcleo é apenas pré-modificado). A última pausa realizada por S3 foi a que mais durou, 110 segundos, na qual houve apenas uma correção ortográfica da palavra *because*.

Contudo, diante do grande espaço de tempo, aparentemente, dedicado a uma correção ortográfica simples, sugere-se que o sujeito estava revisando outras unidades as quais não são passíveis de serem identificadas no Translog©, pois não houve acesso a *softwares* mais avançados como o *eye-tracking* (cf. as seção de considerações finais), que permitissem o rastreamento dos movimentos oculares dos sujeitos durante o processo tradutório.

É importante ressaltar que o Translog© modifica a validade ecológica na medida em que se faz necessário para todos os sujeitos, à exceção de S2, transferir o texto para o editor de texto Microsoft Word©. Isso ocorre devido ao fato de o Translog© não oferecer a possibilidade de correção ortográfica em tempo real.

Em pesquisas futuras, seria interessante verificar o impacto da utilização desse editor de texto para o processo tradutório, considerando-se que o sujeito realiza pouca revisão e que sua revisão correspondeu basicamente à correção ortográfica. Cabe verificar se seria necessária essa correção ortográfica se a tarefa tradutória fosse realizada no próprio Microsoft Word© ou se o sujeito apenas releria sua produção textual ou até mesmo consideraria a tarefa por terminada logo após a fase de redação.

No Quadro-Resumo 25, a seguir, será apresentado um resumo geral sobre os tipos de apoios interno/externos associados com cada pausa de revisão final durante a realização da TCorr e da TNCorr.

QUADRO 25

Quadro-Resumo geral sobre os tipos de apoio relacionado a cada pausa de revisão final na TCorr e na TNCorr

Observação	Tendência	Exceção
Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real observados durante a fase de redação da TCorr	Predomínio de AISR para todos os sujeitos	–
Presença de apoio interno/externo de orientação durante a fase de revisão final da TCorr		AISO E AESO (S1)
Tipos de apoio interno/externo de revisão em tempo real observados durante a fase de redação da TNCorr	Predomínio de AISR para todos os sujeitos	–

4.3.2 Recursividade durante a fase de revisão

Nesta subseção, serão apresentados os dados referentes à recursividade dos expertos não-tradutores durante a fase de revisão da TCorr e da TNCorr. Conforme foi verificado na seção 3.3, esses sujeitos não despenderam maior parte de seu tempo com essa fase – o que já fora reportado por Jakobsen (2002) com relação aos sujeitos profissionais, que têm como maior fase do processo de tradução a fase de redação. Assim, verificou-se que, para esses sujeitos, no geral, que a maior ocorrência de pausas com recursividade está atribuída à fase de redação tanto da TCorr quanto da TNCorr.

Os dados sobre o número total de pausas com recursividade para todos os sujeitos ao realizarem a TCorr e TNCorr durante a fase de revisão estão configurados na TAB. 26.

TABELA 26
Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TCorr e da TNCorr

Sujeito	Recursão - Tcorr		Recursão - TNCorr		Tendência (quant.)*
	Quantidade	Tipo	Quantidade	Tipo	
S1	0	A	0	A	-
	10	B	16	B	>
	11	C	16	C	>
Total	21	>C	32	B=C	>
S2	0	A	0	A	-
	7	B	17	B	>
	4	C	3	C	<
Total	11	>B	20	>B	>
S3	0	A	0	A	-
	14	B	4	B	<
	11	C	1	C	<
Total	25	>B	5	>B	<
S4	0	A	0	A	-
	17	B	18	B	>
	13	C	25	C	>
Total	30	>B	43	>C	>

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

Os dados da TAB. 26 mostram que não há ocorrência de pausas com recursão do tipo A (alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada) para nenhum dos sujeitos com já era de se esperar. As pausas com recursão do tipo B (correção de erro de digitação) predominam sobre as demais, destacando-se S2 e S3, em ambas as tarefas, e S4, durante a TCorr. Já para S1, as pausas do tipo B se igualam ao tipo C (movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável). Observa-se ainda que há um padrão de comportamento mais homogêneo, principalmente para S1 e S4, que tenderam a apresentar um aumento no número de pausas com recursão do tipo B e C quando da tradução da TNCorr, além de apresentar um maior número de ocorrências nesta tarefa.

Já S2 apresenta um comportamento semelhante no que toca ao aumento do número total de ocorrências e do número de pausas com recursão do tipo B; porém, esse sujeito apresenta uma diminuição no número de ocorrências de pausas com recursão do tipo C. Já S3, contraria o comportamento dos outros sujeitos, pois tende a diminuir todos os números relacionados à sua recursividade durante a TNCorr, o que parece ter sido influência do conhecimento de domínio.

No que toca à recursividade, S4 é o sujeito que apresenta o maior número de pausas com recursão em comparação aos demais quando da realização da TCorr, totalizando 30 ocorrências. Na fase de revisão da TNCorr, observa-se que esse mesmo sujeito apresenta a maior quantidade de acionamentos correspondentes à recursividade (34 ocorrências). Já S2 é o sujeito que apresenta o menor número de ocorrências na TCorr (20), e S3 é o sujeito que apresenta a menor quantidade de pausas com recursão na TNCorr (5).

Portanto, verifica-se que o comportamento dos sujeitos em relação ao número de pausas com recursão é bastante diversificado, variando de 11 (S2) a 30 (S4) para a realização da TCorr e de 5 (S3) a 43 (S4) quando da realização da TNCorr.

A TAB. 27, a seguir, apresenta os dados sobre os valores absolutos totais de todos os tipos de recursão utilizados pelos expertos não-tradutores considerados como um todo durante a fase de revisão da TCorr e da TNCorr.

TABELA 27
Total de tipos de pausas associadas com recursão de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TCorr e da TNCorr

Tipo	TCorr				Total	TNCorr				Total	Tend.
	S1	S2	S3	S4		S1	S2	S3	S4		
A	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-
B	10	7	14	17	48	16	17	4	18	55	>
C	11	4	11	13	39	16	3	1	25	45	>
Total	21	11	25	30	87	32	20	5	43	100	>

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável

* As tendências se referem a aumento ou diminuição das ocorrências da TCorr em relação à TNCorr.

A partir dos dados da TAB. 27 sobre o total dos tipos de recursão classificados enquanto A, B ou C, observa-se na que há um aumento no número de ocorrências para o tipo que requer correção de erro de digitação e para o tipo que depende do movimento de *mouse* e de outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável, ou seja, B e C, respectivamente, quando da realização da TNCorr. Já em relação ao tipo A, ou seja, que ilustra a alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada, não se verifica nenhuma ocorrência nem na TCorr tampouco na TNCorr. Em relação ao número total de tipos de recursão utilizados pelos expertos não-tradutores, observa-se que há um aumento nas ocorrências (de 87 para 100) quando da realização da TNCorr. Concluindo, nota-se que o tipo B é o mais recorrente para todos os sujeitos nas duas tarefas tradutórias, sendo 48 ocorrências na TCorr e 55 ocorrências na TNCorr, considerando-se todos os sujeitos como um todo. Constata-se, um impacto do conhecimento de domínio, pois os sujeitos realizam mais alterações na tarefa não-congruente à sua subárea de atuação.

Nas próximas seções serão analisados os dados sobre as pausas que apresentaram recurso, além dos tipos de apoio internos ou externos que se manifestaram nessas pausas durante a fase de revisão da TCorr (subseção 3.3.2.1) e da TNCorr (subseção 3.3.2.2).

QUADRO 26
Quadro-Resumo geral sobre a recursividade na fase de revisão da TCorr e da TNCorr

Observação	Tendência	Exceção
Maior recursividade na TCorr	S3 e S4	–
Maior recursividade na TNCorr	S1 e S4	–
Tipos de recurso predominantes na TCorr e na TNCorr	B (S2, S3 e S4) e C (S1) na TCorr B (S2 e S3) e C (S4) na TNCorr	S1 (B = C)

4.3.2.1 Recursividade durante a fase de revisão da TCorr

Os dados que dizem respeito à recursividade encontrada nas pausas dos sujeitos sob escrutínio nesta pesquisa quando da realização da TCorr durante a fase de revisão estão organizados na TAB. 28.

TABELA 28
Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TCorr

SUJEITO	RECURSÃO		APOIO INTERNO/EXTERNO DE ORIENTAÇÃO E REVISÃO							
	QUANTIDADE	TIPO	AISO	AIDO	AESO	AEDO	AISR	AIDR	AESR	AEDR
*S1	0	A	0	0	0	0	0	0	0	0
	10	B	1	0	1	0	6	1	1	0
	11	C	1	0	0	0	7	1	1	0
Total	21	>C	2	0	1	0	13	2	2	0
S2	0	A	0	0	0	0	0	0	0	0
	7	B	0	0	0	0	7	0	0	0
	4	C	0	0	0	0	4	0	0	0
Total	11	>B	0	0	0	0	11	0	0	0
S3	0	A	0	0	0	0	0	0	0	0
	14	B	0	0	0	0	14	0	0	0
	11	C	0	0	0	0	11	0	0	0
Total	25	>B	0	0	0	0	25			
S4	0	A	0	0	0	0	0	0	0	0
	17	B	0	0	0	0	2	0	15	0
	13	C	0	0	0	0	4	0	9	0
Total	30	>B	0	0	0	0	6	0	24	0

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recurso que sinalizam substituição de uma solução durável

* Este sujeito apresenta 1 caso do tipo de apoio considerado CASO ESPECIAL, conforme discutido na subseção 3.3.1.1.2.

Os dados dispostos na TAB. 28 mostram que, dentre as 30 ocorrências apresentadas por S4, a maioria está relacionada ao tipo de recursão referente à correção de erro de digitação no trecho do texto de partida, totalizando 17 ocorrências para este tipo (B) e 13 ocorrências para o tipo C. Na seqüência, encontra-se S3, que apresenta 25 pausas associadas com recursão, sendo 14 do tipo B e 11 do tipo C. Já S2, sujeito que demonstra a menor quantidade de pausas associadas com recursão (11), apresenta 7 ocorrências para o tipo B e quatro para o tipo C. Apresentando um comportamento distinto daquele observado para todos os sujeitos, S1 apresenta 21 pausas com recursão, dentre as quais há maior ocorrência para aquelas do tipo C, 11 ocorrências, e do tipo B, 10 ocorrências. Portanto, à exceção de S1, o tipo de recursão predominante nas pausas analisadas é o tipo B durante a fase de revisão da TCorr, conforme mencionado anteriormente.

Em relação aos tipos de apoio interno ou externo de orientação ou de revisão utilizados pelos sujeitos durante esta fase, destaca-se o apoio interno simples de revisão (AISR) para todos os sujeitos, exceto S4. Dentre as 25 ocorrências de pausas com recursão apresentadas por S3, todas consistem em AISR; o mesmo ocorre para S2, ou seja, do total de 11 ocorrências, todas apresentam AISR. Já S4 apresenta apenas 6 ocorrências de AISR, uma vez que utiliza o Microsoft Word© para auxílio na correção ortográfica, sendo o restante das pausas correspondentes a AESR (24). Em relação a S1, a maior ocorrência de pausas é verificada com o AISR, totalizando 13, do total das 21 ocorrências de pausas com recursão. S1 é o sujeito que utiliza o maior número de tipos de apoios durante a fase de revisão, sendo o único a apresentar apoio de orientação para esta fase, conforme já discutido na subseção 4.3.1.1.2. Assim, além das pausas com AISR, esse sujeito apresenta duas pausas com AISO, 1 com AESO, 2 com AIDR e 2 com AESR, o que mostra uma grande diversidade de apoios comparados aos demais sujeitos. Além disso, S1 apresenta um caso especial de apoio, ou seja, uma ocorrência do tipo C que apresenta dois tipos de apoio para uma mesma pausa, AIDR + AESR, conforme discutido na subseção 4.3.1.1.2. Não foi observado nenhum tipo de ocorrência para AEDR durante esta tarefa.

QUADRO 27

Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio na TCorr

Observação	Tendência	Exceção
Quantidade de ocorrência em relação aos tipos de recursão (A, B ou C) - TCorr	Predomínio de B	S1 (C)
Tipo de apoio predominante	AISR	S4 – AESR
Presença de pausa de orientação	S1 (AISO, AESO)	–
Presença de caso especial	S1	–

4.3.2.2 Recursividade durante a fase de revisão da TNCorr

Os dados em relação às pausas com recursão apresentadas pelos sujeitos expertos não-tradutores durante a fase de revisão da TNCorr estão configurados na TAB. 29.

TABELA 29
Recursividade de S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão da TNCorr

SUJEITO	RECURSÃO		APOIO INTERNO/EXTERNO DE REVISÃO			
	QUANTIDADE	TIPO	AISR	AIDR	AESR	AEDR
S1	0	A	0	0	0	0
	16	B	11	2	2	0
	16	C	13	1	2	1
Total	32	B=C	24	3	4	1
S2	0	A	0	0	0	0
	17	B	16	0	1	0
	3	C	3	0	0	0
Total	20	>B	19	0	1	0
S3	0	A	0	0	0	0
	4	B	4	0	0	0
	1	C	1	0	0	0
Total	5	>B	5	0	0	0
S4	0	A	0	0	0	0
	18	B	0	0	18	0
	25	C	1	0	24	0
Total	43	>C	1	0	42	0

Nota:

A = alteração de uma decisão provisória imediatamente descartada;

B = correção de erro de digitação

C = movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável

Os dados dispostos na TAB. 29 mostram que o comportamento dos sujeitos nesta tarefa encontra-se mais heterogêneo do que aquele observado na realização da TCorr, no que diz respeito ao tipo de pausa de recursão predominante, considerando-se os tipos B e C, uma vez que o tipo A também não se encontra presente quando da realização da TNCorr. Observa-se que, dentre as 32 ocorrências apresentadas por S1, 16 são do tipo B e 16 correspondem ao tipo C, não havendo, portanto, uma predominância. Em relação a S2 e a S3, nota-se que há o predomínio do tipo B, havendo 17 e 4 ocorrências, respectivamente. Já S4 é o sujeito que apresenta o maior número de ocorrências de pausas de recursão do tipo C (25), apesar de também apresentar o número mais elevado de pausas de recursão do tipo B, em comparação aos outros sujeitos, totalizando 18. S3 é o sujeito que apresenta o menor número de

ocorrências para o tipo C, apenas 1, seguido de S2, que apresenta 3. Assim, configura-se uma amostra heterogênea em relação os tipos de pausas de recursão.

No que toca aos tipos de apoio interno ou externo de revisão empregados por S1, S2, S3 e S4 durante a fase de revisão (considerando-se os dois tipo de pausa de recursão presentes, ou seja, B e C), destaca-se novamente o apoio interno simples de revisão (AISR) para todos os sujeitos, exceto S4. Esse sujeito apresentou 43 pausas com recursão, das quais 42 apresentam AESR e apenas 1 consiste em AISR. Em comparação aos demais, S3 é o único sujeito a apresentar somente AISR, totalizando as 5 ocorrências registradas. Mais uma vez, S1 é o sujeito que apresenta o maior número de tipos de apoio utilizados durante a fase de revisão para esta tarefa, sendo 24 ocorrências com AISR, 3 com AIDR, 4 com AESR e 1 com AEDR. Para esta tarefa, S1 não apresentou nenhum tipo de apoio interno ou externo de orientação, conforme foi verificado na TCorr. Em relação a S2, observa-se a presença de 19 ocorrências de pausas de recursão com AISR e apenas uma do tipo AESR.

QUADRO 28

Quadro-Resumo geral sobre a recursividade e os tipos de apoio na TNCorr

Observação	Tendência	Exceção
Quantidade de ocorrência em relação aos tipos de recursão (A, B ou C) - TNCorr	Amostra heterogênea	-
Tipo de apoio predominante	AISR	S4 – AESR

5 DISCUSSÃO DOS DADOS

Neste capítulo, serão discutidos os achados sobre as pausas de orientação inicial e de orientação em tempo real, bem como as pausas de revisão em tempo real e de revisão final nas tarefas tradutórias dos expertos não-tradutores. Primeiramente, esses resultados serão contrastados, em termos de tendências, com os dados obtidos por Machado e Alves (2007) e Batista e Alves, (2007) em relação aos tipos de pausas e aos tipos de apoio interno e/ou externo mais recorrentes durante as três fases do processo tradutório (Jakobsen, 2002). Na seqüência, os resultados desta pesquisa serão discutidos em relação àqueles apresentados por Silva e Pagano (2007), enfocando-se o impacto da variável de conhecimento de domínio nos processos de orientação inicial e de orientação em tempo real, bem como nos processos de revisão final e de revisão em tempo real dos sujeitos expertos não-tradutores ao realizarem a tarefa cujo conhecimento de domínio demandado era correlato à sua subárea de atuação (TCorr) e a tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não era correlato à sua subárea de atuação (TNCorr).

5.1 Fase de orientação inicial

Os resultados da análise dos dados desta dissertação para a fase de orientação inicial, tanto na TCorr quanto na TNCorr, no que diz respeito ao tempo total despendido nessa fase do processo tradutório, apresentam uma similaridade com os achados de Machado e Alves (2007) e da literatura sobre processo tradutório (JAKOBSEN, 2002; 2003; 2005; ALVES, 2003; 2005; CAMPOS; ALVES, 2005). Tanto a pesquisa em tela quanto aquela realizada por Silva e Pagano (2007) mostraram que os sujeitos dedicam menor quantidade de tempo a essa fase em relação às outras duas, sendo S3 a única exceção quando da realização da TNCorr, pois apresenta orientação inicial mais longa que a fase de revisão.

Cumpramos ressaltar que uma análise detalhada sobre os dados relativos à fase de orientação dos processos tradutórios dos quatro sujeitos foi discutida por Silva e Pagano (2007), levando-se em consideração o conhecimento de domínio. Em sua pesquisa, Silva e Pagano (2007) constataram que a variável conhecimento de domínio teve influência no processo tradutório

de S1, S2, S3 e S4 ao traduzirem um texto não correspondente à sua subárea de atuação, ou seja, houve um aumento significativo do tempo despendido na fase de orientação dessa tarefa em comparação àquela cujo conhecimento demandado referia-se à subárea de atuação de cada sujeito. Verifica-se, portanto, com base nos dados relativos, que S1, S2, S3 e S4, despenderam com a fase de orientação, respectivamente, 0,54%, 1,67%, 7,05% e 0,40% do tempo total despendido na tarefa tradutória correlata à sua subárea de atuação e 1,74%, 9,36%, 16,27% e 0,79% com a tarefa não-correlata à sua subárea de atuação. Observa-se, portanto, que há muitas variações na quantidade de tempo alocada nessa fase durante o processo tradutório, o que denota idiosincrasias e tendências gerais no comportamento dos expertos não-tradutores, independentemente da inserção da variável *conhecimento de domínio*, conforme apontado por Silva e Pagano (2007). Conseqüentemente, houve uma variação percentual positiva para todos os sujeitos (da TCorr para a TNCorr), havendo um aumento de 73,29%, 86,38%, 317,00% e 31,01% para S1, S2, S3 e S4, respectivamente. Destaca-se, ainda, S3, que apresentou a maior variação percentual no tempo empregado nessa fase (de 7,05% para 16,27%). Em contrapartida, S4 é o sujeito que empregou menos tempo na fase de orientação. Os dados desta dissertação corroboram os achados daquela de Machado e Alves (2007) no que diz respeito ao tempo total investido na fase de orientação inicial. Todos os sujeitos da pesquisa de Machado e Alves (2007) também despenderam poucos segundos nessa fase, com uma variação percentual de 0,20% a 0,90%, na coleta realizada no Translog©, e de 1,20% a 2,00%, no Trados©.

Em suma, a análise intersubjetiva do tempo (absoluto e relativo) despendido aos processos de orientação inicial dos expertos não-tradutores mostra que poucos segundos foram dedicados à fase de orientação inicial, levando-se em consideração o tempo total dedicado à tarefa tradutória, com exceção, portanto, de apenas de S3. Há diferença significativa no tempo investido pelos expertos não-tradutores nessa fase na tarefa tradutória cujo texto demandava conhecimento de domínio e naquela em que o texto não era correlato à subárea de expertise.

No que tange ao tipo de apoio utilizado durante a fase de orientação inicial, observa-se que há também uma similaridade nos resultados, pois Machado e Alves (2007) concluíram que, nessa fase, todos os sujeitos analisados no Translog© apresentaram uma pausa de orientação que resultou na leitura do texto original (LTO) e, conseqüentemente, na utilização de apoio interno simples de orientação (AISO), não havendo nenhuma busca externa por parte daqueles sujeitos. Os dados da pesquisa desta dissertação apontaram para um comportamento

semelhante a esse (utilização de LTO + AISO) entre os expertos não-tradutores no que diz respeito à utilização de apoio interno, tanto na TCorr quanto na TNCorr. No entanto, diferentemente do que ocorreu durante a fase de orientação observada por Machado e Alves (2007), há utilização de apoio externo por parte de dois dos expertos não-tradutores: S2, quando da tradução da TNCorr, e S3, quando da realização das duas tarefas tradutórias. Assim, durante a fase de orientação, S2 utiliza, além de LTO + AISO, o apoio externo simples de orientação (AESO) durante a fase de orientação, pois realiza consultas em dicionário impresso para resolver problemas relacionados a termos técnicos antes de iniciar a fase de redação. Já S3 faz buscas em sítios da Internet para direcionar sua tarefa e tentar solucionar problemas com os termos técnicos, além da leitura de partes do artigo.

Conclui-se, pois, que S1 e S4 foram os únicos sujeitos que utilizaram somente AISO, por necessitarem apenas das informações que já dispunham, ou seja, seus conhecimentos enciclopédicos e seus conhecimentos de mundo, para planejarem a forma como executariam a tarefa tradutória, não apresentando, portanto, buscas por apoios externos. Observa-se, entretanto, que o tipo de apoio mais freqüente, durante a fase de orientação propriamente dita, é o AISO tanto para esta pesquisa quanto para aquela realizada por Machado e Alves (2007), uma vez que todos os sujeitos, sem exceção, apresentaram esse tipo de apoio. Pode-se dizer que o pouco uso de apoios externos por S2 e S3 durante a fase de orientação inicial está correlacionado à subcompetência instrumental¹⁴, o que parece ter ocorrido com esses dois sujeitos, pois recorrer a apoios externos lhes foi essencial para resolução dos problemas e para tomadas de decisão. No caso de S2, por exemplo, houve uma ativação dessa subcompetência instrumental para resolver um problema no plano da falta de conhecimento de domínio, a partir de um apoio externo.

Já em se tratando de S3, conforme apontado por Silva e Pagano (2007), houve um impacto positivo da utilização de apoio externo durante a fase de orientação quando da realização da TNCorr, visto que esse sujeito despendeu bastante de seu tempo durante a fase de orientação para essa tarefa. Assim, é possível que, por utilizar o apoio externo para provavelmente suprir a falta de conhecimento na área de doença de Chagas, S3, já na fase de orientação, reduziu o

¹⁴ Conforme citado na seção 2.3, a subcompetência instrumental está incluída no modelo de competência tradutória do grupo PACTE. De acordo com esse grupo, subcompetência instrumental refere-se ao conhecimento em relação ao uso de fontes de documentação, além de outras formas de busca por informação aplicada à tradução. Remete-se o leitor a Batista e Alves (2007) e a Machado e Alves (2007), para uma leitura mais detalhada sobre subcompetência instrumental.

tempo dedicado à fase de revisão: Esse aspecto pode ser associado à constatação de Jakobsen (2002; 2005) de que é na fase de redação que o tradutor experto chega ao texto durável, sendo também nessa fase que se verifica o desempenho de excelência (*i.e.*, *peak performance*).

Apesar de não existir um padrão no comportamento dos sujeitos sob escrutínio nesta pesquisa em função da variável conhecimento de domínio (SILVA; PAGANO, 2007), nota-se que todos os sujeitos despendem menos tempo na fase de orientação para a realização da TCorr do que da TNCorr, demonstrando, assim, maior necessidade de planejamento quando da tradução de um texto que não é correlato à sua subárea de atuação, principalmente devido a problemas que se dão na ordem da palavra (e, eventualmente, na ordem do grupo), sendo atrelados, grosso modo, à substituição de uma palavra por outra, à correção de erros ortográficos, à inserção de alguma palavra ou alteração de sua posição dentro de um grupo.

Conseqüentemente, como já havia sido apontado por Silva e Pagano (2007), S3 destaca-se entre os demais sujeitos em relação ao padrão de comportamento nas duas tarefas. Para esta pesquisa, verifica-se que este sujeito se destaca em relação aos demais devido ao tempo total despendido na fase de orientação nas duas tarefas, principalmente na TNCorr e por apresentar apoio externo simples de orientação (AESO), ou seja, busca por apoio externo nas duas tarefas tradutórias.

5.2 Fase de redação

Conforme constatado por Silva e Pagano (2007), o comportamento dos sujeitos durante a fase de redação apontou para uma amostra heterogênea, não havendo evidências de um padrão. Concluindo-se, a princípio, que não há impacto do conhecimento de domínio sobre essa fase.

A análise do número total de pausas, nesta fase, corrobora os dados de Silva e Pagano (2007) em relação à duração das pausas, pois não se observa um padrão homogêneo no comportamento dos sujeitos, havendo um aumento na duração dessas pausas no caso de S3 e S4 e uma diminuição no caso de S1 e S2 comparando-se a TNCorr em relação à TCorr. Contudo, em relação ao número total de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real, todos os sujeitos, exceto S1, apresentam um comportamento homogêneo, pois se verifica uma diminuição no número dessas pausas quando da tradução da TCorr, em relação à

TNCCorr, retratando um impacto negativo do conhecimento de domínio para a maioria dos sujeitos, conforme pode ser verificado na TAB. 30, a seguir.

TABELA 30
Número total de pausas na TCCorr e TNCCorr

Sujeito	Pausas (TNCCorr)	Pausas (TCCorr)	Tendência
S1	138	172	>
S2	106	89	<
S3	140	112	<
S4	79	41	<

Nota: TCCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

Vale lembrar que Silva e Pagano (2007) localizaram nos protocolos lineares do Translog© segmentos [i.e., palavra (P), grupo (G), oração (O), sentença (S), transsentencial (TS) e não-sintático (SNS)] de acordo com uma adaptação dos autores da classificação proposta por Dragsted (2004). Já para esta pesquisa, esses protocolos foram divididos de acordo com as pausas (*cf.* subseção 2.2.1), que podem estar em unidades inferiores à palavra, podendo não ser necessariamente um indicativo de esforço cognitivo, mas sim uma incapacidade de gerenciar o processo tradutório numa ordem igual ou maior que a palavra, demandando, via de regra, apoios internos. Independentemente da razão para tais pausas, cabe também ressaltar que são duas formas de visualizar o fenômeno tradutório em que uma não exclui a outra, mas que, sim, se complementam. A pesquisa de Silva e Pagano (2007) se refere ao segmento, que por definição corresponde a uma unidade do texto de partida maior ou igual a uma palavra; e, no caso desta pesquisa, todas as pausas são relevantes, pois implicam a necessidade de algum apoio interno ou externo.

Nota-se, no Exemplo 60, uma passagem na qual não se encontra porção de texto, referente a cada conjunto de pausas, igual a pelo menos uma palavra. Nesse caso, o único segmento presente corresponde à ordem da palavra *the*, antecedida por uma pausa de 294 segundos. Já em termos de pausas, este único segmento representa 10 ocorrências, para as quais foram identificadas 10 tipos de apoio, sendo 8 internos e 2 externos.

Exemplo 60

Segmento do TC	Tipo de pausa/apoio
<p>*****[~]☒☒☒☒☒[*:01.01.69][~][~]*****[~]★[~][~][*:03.28.8 4[~]☒[*:01.03.80][~]***[~]s☒***** **[Copy]***[~][*:04.53.70][~]the♦</p>	AISR/AISR/AIDR/AISR/AISR/AIDR/AESR/AISR/AISR /AEDR

Portanto, há muitos segmentos nos dados de Silva e Pagano (2007) que correspondem a várias pausas e, conseqüentemente, a diferentes tipos de apoios em um único segmento. Esse fato explica por que há um número maior de pausas do que de segmentos propriamente ditos.

A partir dos dados da TAB 31, observa-se que a proporção das pausas em relação aos segmentos é sempre maior que 1. Seria interessante verificar essa proporção para os profissionais estudados por Machado e Alves (2007) e Batista e Alves (2007), pois se aventa a hipótese de que essa proporção seria menor por se esperar um menor número de segmentos e também um número menor ainda de pausas, considerando-se o perfil profissional dentro do *continuum* novato-experto. A partir dos dados já disponíveis sobre o perfil de sujeitos profissionais (CAMPOS; ALVES, 2005; ALVES, 2006), sabe-se que estes apresentam um ritmo cognitivo mais padronizado, de modo que as alternâncias entre as pausas, possivelmente, deve tender a limitar segmentos, e não constituir interrupções em unidades menores que a ordem da palavra. Em outros termos, tais sujeitos possuem um ritmo que não é errático, diferentemente do que é verificado entre os sujeitos novatos e nos expertos não-tradutores da presente amostra, com exceção de S3.

TABELA 31
Número total de segmentos e de pausas na TCorr e TNCorr

Sujeito	Segmentos TCorr	Pausas TCorr	Proporção	Segmentos TNCorr	Pausas TNCorr	Proporção
S1	89	172	1:1,9	94	138	1:1,4
S2	67	89	1:1,3	88	106	1:1,2
S3	81	112	1:1,4	90	140	1:1,5
S4	32	41	1:1,3	60	79	1:1,3

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

Durante as fases de redação da TCorr e da TNCorr, os expertos não-tradutores apresentaram uma tendência similar ao comportamento da maioria dos sujeitos profissionais observados por Machado e Alves (2007) e por Batista e Alves (2007) no Translog©, uma vez que

demonstram maior ocorrência de pausas de orientação em tempo real, conforme demonstrado na TAB. 32.

TABELA 32

Número de ocorrências de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real na TCorr e na TNCorr

ORIENTAÇÃO					REVISÃO				
Sujeito	Pausas TCorr	Duração (s.)	Pausas TNCorr	Duração (s.)	Sujeito	Pausas TCorr	Duração (s.)	Pausas TNCorr	Duração (s.)
S1	91	1300	109	2351	S1	81	3651	29	1379
S2	58	1370	87	1649	S2	31	927	19	289
S3	86	1317	102	1683	S3	26	353	38	585
S4	34	260	59	540	S4	7	80	20	125

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

Os dados referentes ao número total de ocorrências de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real na TCorr e na TNCorr podem ser melhor visualizados a partir do GRAF. 5 e do GRAF. 6.

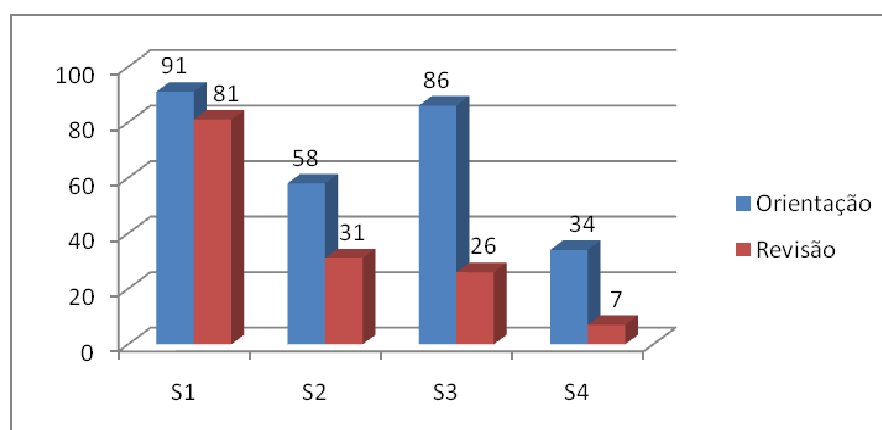


GRÁFICO 5 – Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação da TCorr.

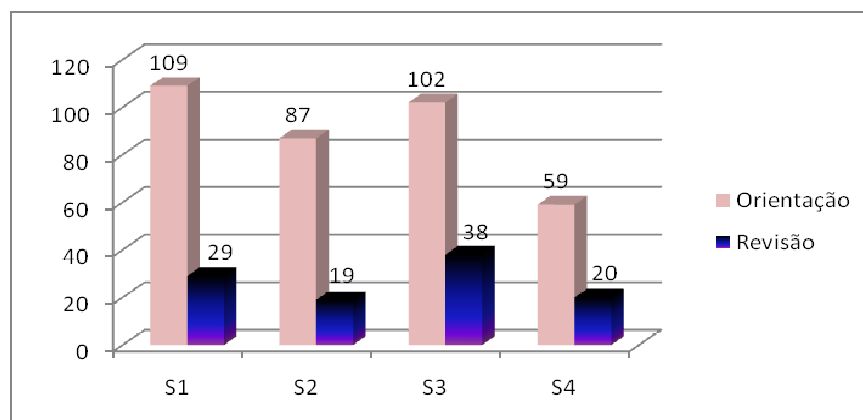


GRÁFICO 6 – Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação da TNCorr.

De acordo com o GRAF. 5 e o GRAF. 6, que podem ser suplementares da TAB. 32 o número e a duração das pausas de orientação em tempo real são maiores que os valores encontrados para as pausas de revisão em tempo real quando se comparam tanto os números da TCorr quanto os da TNCorr (com exceção da duração das pausas de S1 para a TCorr). Em princípio, esse dado parece não corroborar a consideração que em níveis de desempenho maiores, a metarreflexão está atrelada à alta capacidade de um tradutor de monitorar ou gerenciar seu processo de tradução (ALVES, 2003): O automonitoramento é mais perceptível por meio de revisão, evidenciada, no Translog®, por movimentos de recursão. No entanto, aventa-se a hipótese de que, na verdade, os dados desta pesquisa apontam um aspecto adicional da recursividade, pois o sujeito apresenta menos pausa de revisão porque gerencia a tarefa tradutória a partir da orientação (*i.e.*, não precisa parar, rever o que já fez, pois já havia tomado uma decisão mais consciente e durável anteriormente).

Em relação ao trabalho desenvolvido por Machado e Alves (2007) e Batista e Alves (2007), verifica-se, no GRAF. 7, a partir da compilação do número total de pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real durante a fase de redação no Translog®, que os sujeitos profissionais apresentaram um número maior de pausas de orientação em tempo real, com exceção de S14. Comparando-se o comportamento desses sujeitos ao comportamento dos expertos não-tradutores em relação ao número absoluto de pausas, notam-se algumas semelhanças, apesar de o número de pausas dos sujeitos desta pesquisa ser bem maior do que aqueles registrados nas pesquisas de Machado e Alves (2007) e de Batista e Alves (2007). Cabe ressaltar que essa comparação apenas foi realizada aqui com a finalidade de se verificar as semelhanças nos perfis dos sujeitos, pois essa análise comparativa não foi realizada pelos outros autores, uma vez que realizaram as pesquisas sobre orientação em tempo real e revisão

em tempo real de forma complementar para a classificação dos tipos de apoios internos ou externos referentes a cada uma das pausas.

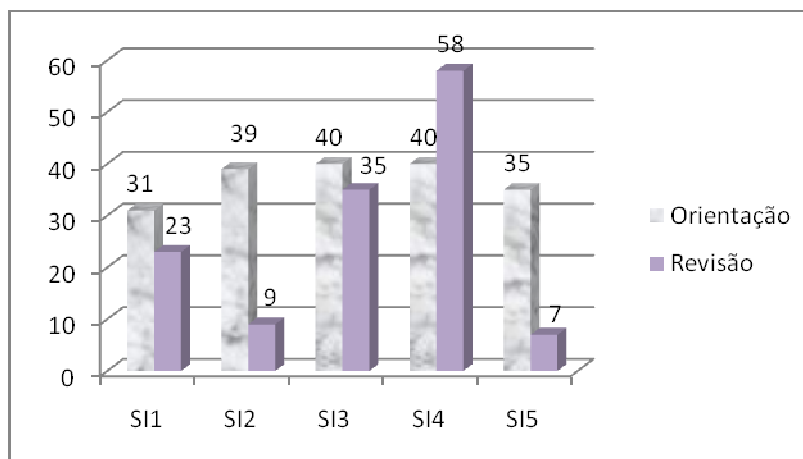


GRÁFICO 7 – Número total de pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação no Translog©.

Fonte: adaptado de Batista e Alves (2007); Machado e Alves (2007).

Na seqüência, analisando-se o tempo total dedicado a essas pausas, verifica-se que todos os sujeitos, a exceção de S1 quando da realização da TCorr, despendem maior parte de seu tempo durante a fase de redação com as pausas de orientação (GRAF. 8).

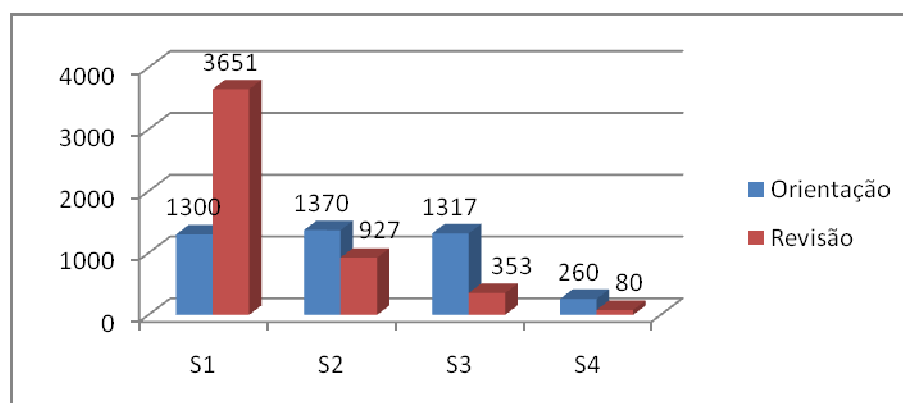


GRÁFICO 8 – Duração total das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação da TCorr.

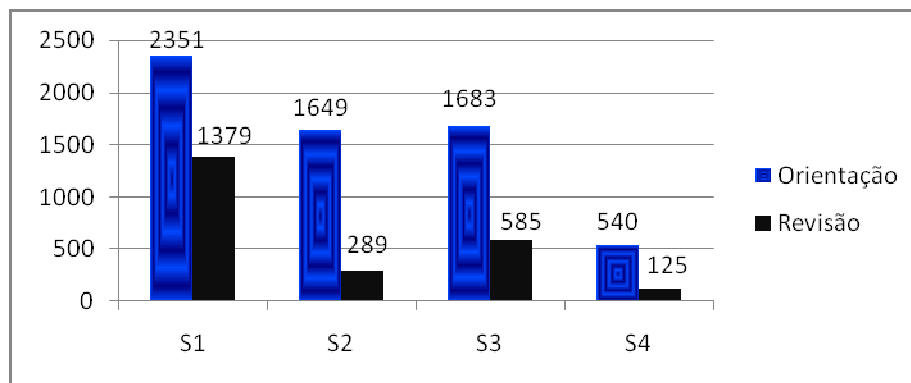


GRÁFICO 9 – Duração total das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real durante a fase de redação da TNCorr.

Retomando-se o comportamento de S1 na TCorr (cf. GRAF. 8), na qual ele despense maior parte de seu tempo com as pausas de revisão, pode-se justificar um maior tempo despendido para a realização da tarefa como um todo. Seriam necessárias futuras pesquisas para avaliar se as pausas de orientação são mais eficientes no sentido de despendem menor tempo (logo, menos tempo para a realização da tarefa como um todo) e de trazer soluções menos perenes (mais duráveis). Os dados sobre a duração das pausas não estão disponíveis no trabalho de Machado e Alves (2007) e, portanto não podem ser comparados em relação às proporções orientação e revisão. Seria interessante se esses dados fossem comparados futuramente para verificar a semelhança ou diferenças no perfil de profissionais e de expertos não-tradutores. Somente os dados sobre a duração das pausas de revisão em tempo real foram apresentados por Batista e Alves (2007) e serão apresentados a seguir em relação ao tempo total investido com a produção textual (GRAF. 10). Neste momento, serão verificadas se as tendências no comportamento dos expertos não-tradutores em relação à dedicação de tempo às pausas de revisão em tempo real em relação ao tempo total despendido com cada uma das tarefas tradutórias são semelhantes àquelas apresentadas pelos sujeitos profissionais.

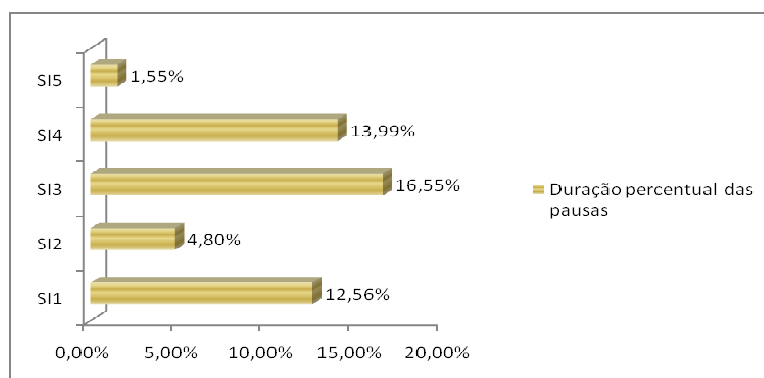


GRÁFICO 10 – Duração percentual das pausas de revisão em tempo real (em segundos) em relação ao tempo total despendido com a tarefa tradutória no Translog©.

Fonte: Batista e Alves (2007, p. 34).

A seguir, serão apresentados gráficos demonstrando os dados da pesquisa em tela. O GRAF. 11 e o GRAF. 12 referem-se à duração das pausas de revisão em tempo real em relação ao tempo total despendido pelos expertos não-tradutores durante a execução da TCorr e da TNCorr, respectivamente.

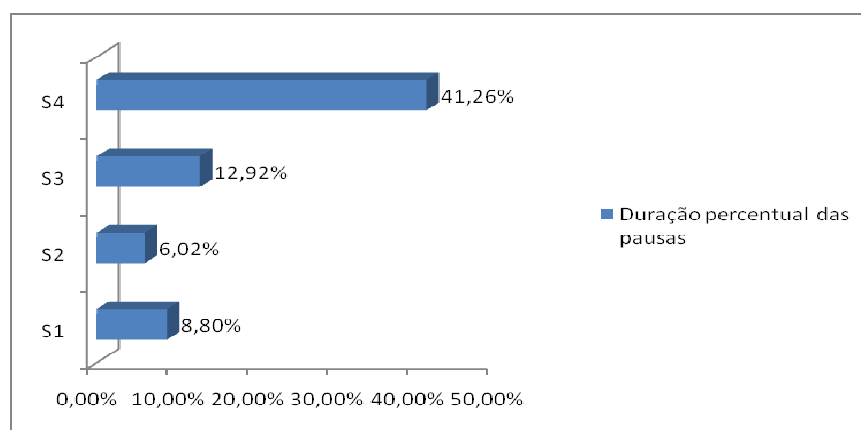


GRÁFICO 11 – Duração percentual das pausas de revisão em tempo real (em segundos) em relação ao tempo total despendido com a tarefa tradutória na TCorr.

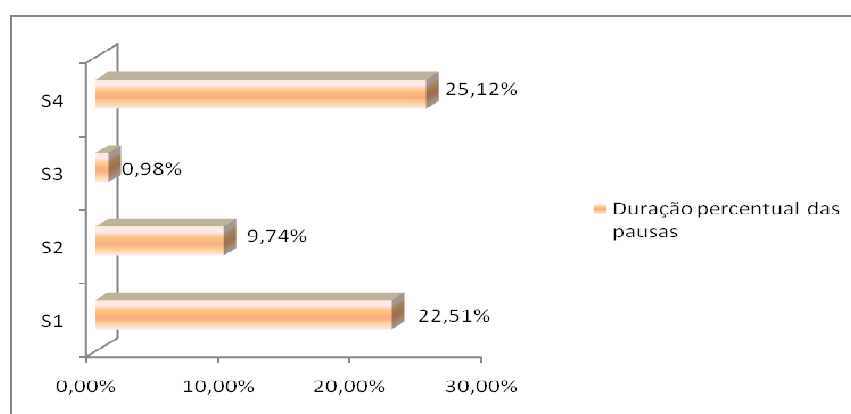


GRÁFICO 12 – Duração percentual das pausas de revisão em tempo real (em segundos) em relação ao tempo total despendido com a tarefa tradutória na TNCorr.

Observando-se os três gráficos (GRAF. 10, 11 e 12), verifica-se que as porcentagens de tempo dedicadas às pausas de revisão de três dos quatro expertos não-tradutores (S1, S2 e S3), em geral, se encontram, tanto para a TCorr quanto para a TNCorr, dentro do intervalo observado para os sujeitos profissionais (1,44%-16,55%). Exceções a essa tendência são S4 para as duas tarefas (41,26% e 25,12%, respectivamente) e S1 quando da realização da TNCorr (22,51%). S3 também poderia constituir uma exceção à regra, mas, dada a pequena variação percentual (e para menos), pode-se dizer que o comportamento desse sujeito também corresponde a essa

tendência para ambas as tarefas. Além disso, o fato de S4 fugir à tendência nas duas tarefas tradutórias pode ser considerado um indicativo do posicionamento desse sujeito no extremo oposto da amostra, conforme apontam Silva e Pagano (2007) com relação à menor durabilidade das tarefas e dos textos de chegada desse sujeito.

Em relação ao tamanho médio das pausas de orientação em tempo real e de revisão em tempo real, nota-se, com base nos GRÁFICOS 13 e 14, que o tamanho médio das pausas de revisão em tempo real (em segundos) é maior para todos os sujeitos, exceto S3, quando da realização da TCorr e maior apenas para S1 quando da TNCorr.

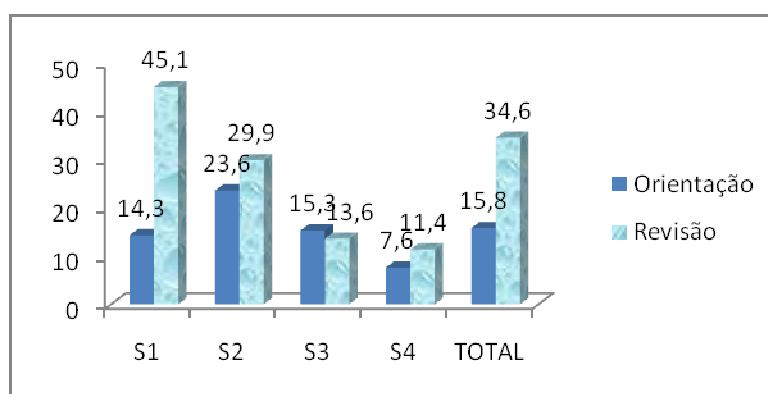


GRÁFICO 13 – Tamanho médio das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real para cada um dos sujeitos na TCorr.

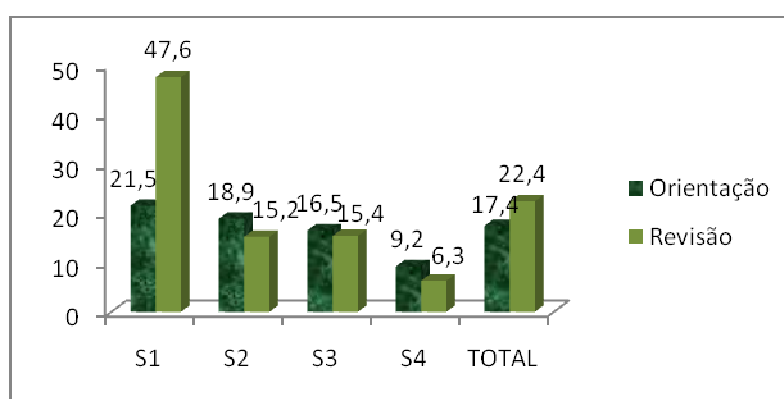


GRÁFICO 14 – Tamanho médio das pausas de orientação em tempo real e revisão em tempo real para cada um dos sujeitos na TNCorr.

Assim, apesar de os sujeitos expertos não-tradutores apresentarem o maior número (em valor absoluto) de pausas de orientação nas duas tarefas, empregam mais tempo, em média, com as pausas de revisão na TCorr, com exceção de S3, e menos tempo na TNCorr, à exceção de S1. Conclui-se, portanto, que as pausas de revisão, em média, duram mais tempo que as de orientação, para a maioria dos sujeitos. A única exceção é S3, cuja média da orientação é

maior que a de revisão para as duas tarefas, o que mostra um padrão em seu comportamento. S3 tende a equilibrar a orientação com a revisão, mas há um investimento maior na orientação.

No que toca aos tipos de apoios de orientação, em números absolutos, utilizados pelos expertos não-tradutores durante a fase de redação da TCorr (GRAF.15) e da TNCorr (GRAF. 16), observa-se predomínio de AISO para todos os sujeitos. Assim, em termos de tendências, esses achados corroboram os dados de Machado e Alves (2007) (GRAF. 17).

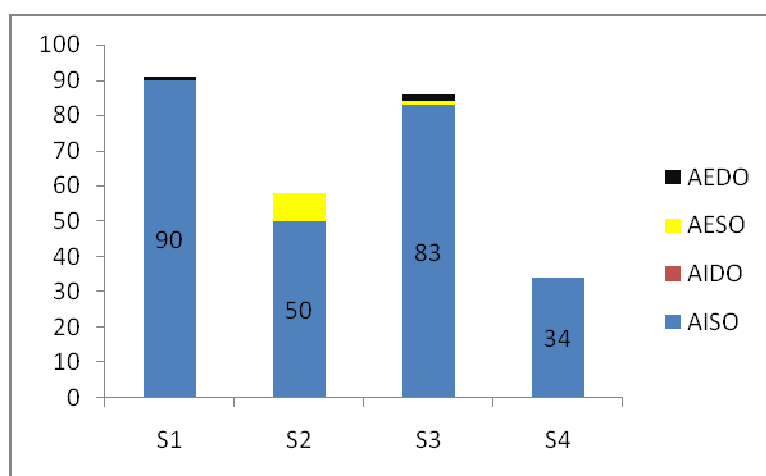


GRÁFICO 15 – Total de apoios internos e externos de orientação durante a fase de redação dos expertos não-tradutores na TCorr.

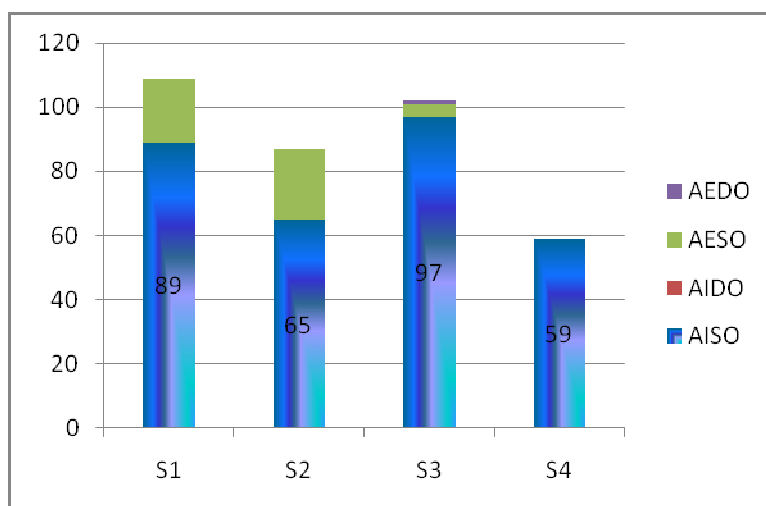


GRÁFICO 16 – Total de apoios internos e externos de orientação durante a fase de redação dos expertos não-tradutores na TNCorr.

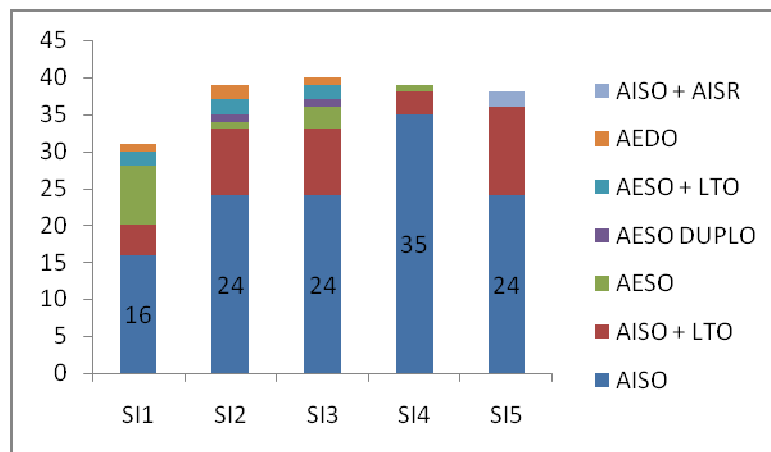


GRÁFICO 17 – Total de apoios internos e externos de orientação durante a fase de redação dos sujeitos profissionais no Translog©.

Fonte: Machado e Alves (2007, p. 36).

Em relação aos tipos de apoios de revisão em tempo real, também em números absolutos, observa-se que o tipo mais recorrente durante a fase de redação tanto na TCorr (GRAF. 15) quanto na TNCorr (GRAF. 16) é o AISR. Esses achados se comparados aos de Batista e Alves (2007), em termos de tendências, corroboram aqueles encontrados por esses autores (GRAF. 17).

Em se tratando da recursividade nesta fase (*i.e.*, redação), observa-se que todos os sujeitos apresentaram um padrão de comportamento heterogêneo em relação ao tipo de recursividade apresentada quando da realização da TCorr. Em contrapartida, todos os sujeitos apresentaram maior recursividade em relação à correção ortográfica ao realizarem a TNCorr. Assim, observa-se um padrão no comportamento desses sujeitos quando da realização da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não era correlato à sua subárea de atuação.

5.3 Fase de revisão final

Os resultados da análise dos dados da pesquisa em tela para a fase de revisão final, tanto na TCorr quanto na TNCorr, no que diz respeito ao tempo total despendido nessa fase do processo tradutório, apresentam uma semelhança aos achados de Batista e Alves (2007) no Translog©. Em ambas as pesquisas, ou seja, na pesquisa em tela e naquela realizada por Batista e Alves (2007), observou-se que os sujeitos dedicam tempos diferentes a essa fase em relação ao tempo total despendido, conforme se pode observar nos GRAF. 18, 19 e 20, a seguir.

O GRAF. 18 refere-se à porcentagem do tempo total dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final em relação ao tempo total despendido com as demais fases da tarefa realizada no Translog© na pesquisa de Batista e Alves (2007).

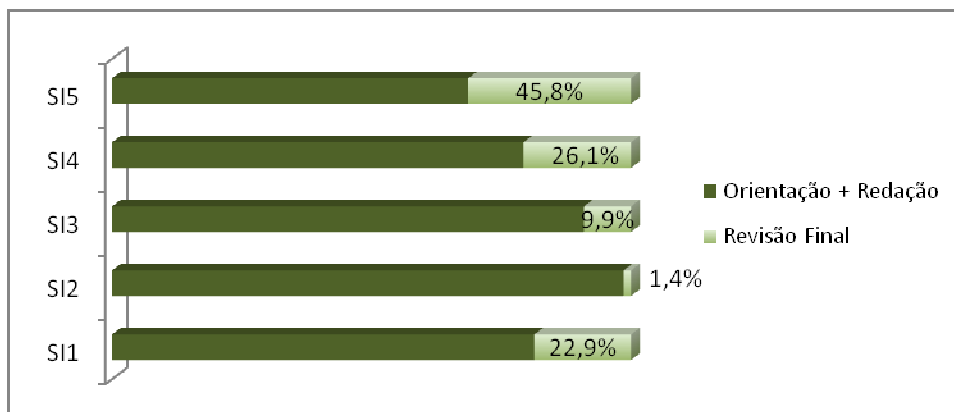


GRÁFICO 18 – Porcentagem do tempo dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final e às fases de orientação inicial e de redação na coleta realizada no Translog©.

Fonte: Baseado em Batista e Alves (2007).

O GRAF. 19 e o GRAF. 20, por sua vez, ilustram os dados sobre a porcentagem do tempo total dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final em relação ao tempo despendido às demais fases durante a realização da TCorr e da TNCorr, respectivamente.

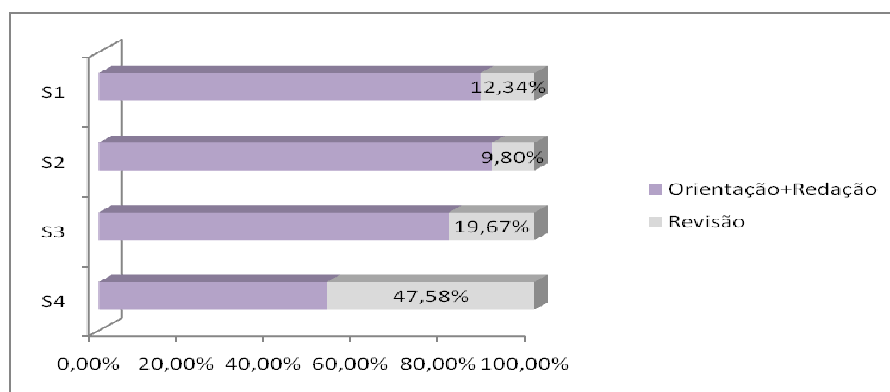


GRÁFICO 19 – Porcentagem do tempo dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final e às fases de orientação inicial e de redação durante a realização da TCorr.

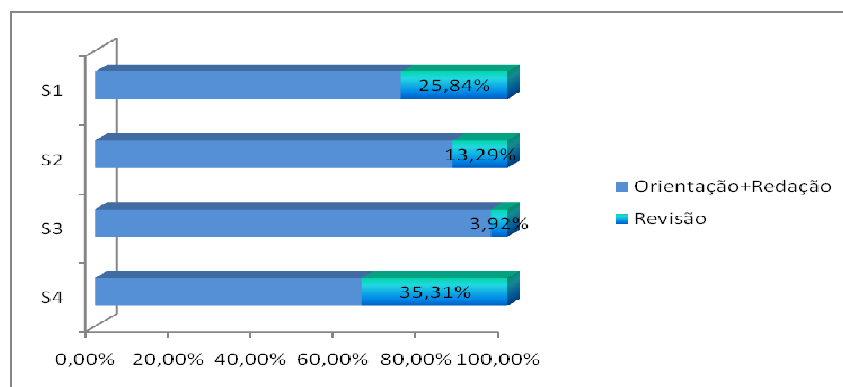


GRÁFICO 20 – Porcentagem do tempo dedicado pelos sujeitos à fase de revisão final e às fases de orientação inicial e de redação durante a realização da TNCorr.

A análise da fase de revisão final dos sujeitos expertos não-tradutores mostrou que há variações importantes em relação ao tempo relativo destinado a essa fase tanto na TCorr quanto na TNCorr (*cf.* GRAF. 19 e 20). Assim, conforme apontado por Silva e Pagano (2007) pôde-se observar que não há um comportamento homogêneo de S1, S2, S3 e S4 em função do conhecimento de domínio ao realizar as duas tarefas propostas.

Já em relação ao número total de pausas de revisão final durante essa fase, observa-se, a partir dos dados da GRAF. 20, uma semelhança em relação à variação do número de pausas entre os sujeitos desta pesquisa (de 11 a 30 ocorrências no caso da TCorr; e de 7 a 43 ocorrências no caso da TNCorr) e dos sujeitos profissionais (de apenas 1 a 45 ocorrências) da pesquisa de Batista e Alves (2007). Contudo, esses dados apenas foram contrastados para demonstrarem as tendências: em outras palavras, no caso do número total de pausas, nota-se que todos os sujeitos apresentaram poucas ocorrências durante a fase de revisão final.

TABELA 33

Número total de pausas dos expertos não-tradutores na TCorr e na TNCorr e dos sujeitos profissionais de Batista e Machado (2007)

Sujeito	Expertos não-tradutores		Profissionais	
	Número de pausas (TCorr)	Número de Pausas (TNCorr)	Sujeito	Número de pausas (Translog©)
S1	17	33	SI1	21
S2	11	19	SI2	1
S3	26	7	SI3	14
S4	30	43	SI4	25
-	-	-	SI5	45

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos.

Fonte: Baseado em Batista e Alves (2007).

Considerando-se o número total de pausas na fase de revisão final, verifica-se que há um impacto do conhecimento de domínio, pois se observa uma diminuição no número de pausas na TCorr, em relação à TNCorr, com exceção de S3.

Em relação ao número de apoios utilizados durante essas pausas, observa-se, novamente em termos de tendências, que o comportamento dos sujeitos expertos não-tradutores é semelhante ao dos sujeitos profissionais, uma vez que o apoio predominante encontrado por Batista e Alves (2007) é o apoio interno simples de revisão (AISR), sendo esse também o apoio mais recorrente entre os sujeitos desta pesquisa, à exceção de S4, que recorre ao apoio externo simples de revisão (AESR) com maior frequência em sua fase de revisão, devido ao uso do Microsoft Word®. Batista e Alves (2007) afirmam que, embora o corretor ortográfico do Word® seja considerado um tipo de apoio externo, cabe ressaltar que ele se diferencia da natureza da maioria dos outros apoios externos utilizados pelos sujeitos (*i.e.* dicionários, sítios na da Internet etc.) com vistas à realização de consultas terminológicas.

Conforme demonstrado nas TAB. 33 e TAB. 34, verifica-se o número total de apoios internos e externos utilizados pelos sujeitos desta pesquisa na TCorr e na TNCorr e pelos sujeitos da pesquisa de Batista e Alves (2007).

TABELA 33
Tipos de apoio interno/externo de revisão relacionados à TCorr e à TNCorr

Sujeito	Apoios de revisão utilizados durante a TCorr					Apoios de revisão utilizados durante a TNCorr			
	AISR	AIDR	AESR	AEDR	AIDR/AESR	AISR	AIDR	AESR	AEDR
*S1	13	2	2	0	1	25	2	5	1
S2	11	0	0	0	-	18	0	1	0
S3	26	0	0	0	-	7	0	0	0
S4	6	0	24	0	-	1	0	42	0

Nota: TCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; TNCorr = Tarefa cujo conhecimento de domínio demandado não corresponde à subárea de atuação dos sujeitos; AIDR = Apoio interno dominante de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AEDR = Apoio externo dominante de revisão; AESR = Apoio externo simples de revisão.

* Este sujeito (S1) apresenta uma ocorrência tipo de apoio considerado CASO ESPECIAL (dois tipos de apoio para uma única pausa)

TABELA 34
Número de pausas e apoios utilizados no Translog©.

Sujeito	PR	AISR	AESR	LTO+AISR
SI1	21	19	02	
SI2	01	01		
SI3	14	13		01
SI4	25	21		04
SI5	54	42	07	03

Nota: PR = pausas de revisão; AISR = apoio interno simples de revisão; AESR = apoio externo simples de revisão; LTO = leitura do texto original.

Fonte: Batista e Alves (2007, p. 34).

A partir dos dados dessas duas tabelas, observa-se que os sujeitos profissionais apenas utilizam dois tipos de apoio: AISR, com maior frequência, e AESR, com menor frequência (*i.e.*, por apenas dois tradutores). Além disso, observa-se a leitura do texto original (LTO) durante a fase de revisão desses sujeitos em conjunto com o AISR. Não se observou esse tipo de ocorrência para os expertos não-tradutores. Em contrapartida, S1 apresentou pausas nas quais apareceram todos os tipos de apoio interno e externo de revisão. Já em relação aos demais, observa-se um comportamento similar aos profissionais: ou somente apresentam AISR (S3 nas duas tarefas e S2 na TCorr) ou apresentam AISR e AESR (S2, apenas uma ocorrência de AESR; e S4, que apresenta apenas uma ocorrência de AISR na TNCorr e 6 na TCorr, sendo as demais ocorrências consideradas AESR). Portanto, apenas S1 apresenta um comportamento bastante distinto em comparação a todos os outros sujeitos, apresentando inclusive uma pausa com dois tipos de apoios diferentes (AIDR e AESR). Contudo, pode-se concluir que AISR é o apoio mais recorrente para os sujeitos desta pesquisa, à exceção de S4, o que corrobora, em termos de tendências, os dados de Batista e Alves (2007).

Considerando-se os achados de Silva e Pagano (2007) sobre as pausas, ou seja, as pausas têm um caráter mais qualitativo do que quantitativo, foram analisadas nesta pesquisa a pausa maior, a menor e a correspondente ao valor médio (referente à tabela de média e desvio padrão das pausas de revisão) que ocorrerem com AISO e AISR de dois sujeitos, S3 e S4, os quais correspondem segundo os referidos autores, aos dois extremos da amostra. Verificou-se, assim, que, durante a fase de revisão, os sujeitos tendem a fazer menos revisões e quando o fazem, basicamente se limitam a correções ortográficas, não mudando, entretanto, grandes partes do texto de chegada. Observa-se, contudo, que não é possível verificar um impacto do

conhecimento de domínio sobre a duração dessas pausas, pois não se nota um comportamento homogêneo entre os sujeitos: há aumento na duração dessas pausas, no caso de S1 e de S2, e uma diminuição, no caso de S3 e de S4.

No que toca à recursividade, observa-se que, aparentemente, não há o impacto da inserção da variável conhecimento de domínio, uma vez que os sujeitos apresentam número absolutos de pausas que variam bastante (de 11 a 30 ocorrências, na TCorr, e de 5 a 43 ocorrências, na TNCorr). Assim, S3 e S4 apresentam maior recursividade durante a TCorr, ao passo que S1 e S4 apresentam maior recursividade na TNCorr. Além disso, observou-se que, durante a TCorr, os sujeitos apresentaram maior número de pausas de recursão relacionadas à correção ortográfica (à exceção de S1), seguidas de acionamentos de *mouse* e de outras teclas de recursão, os quais, contudo, não implicam alteração do texto de chegada. Já na TNCorr, esse padrão foi somente mantido por S2 e S3, pois S4 apresenta um maior número de pausas de recursão referentes a movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável (tipo C). Já S1 demonstra o mesmo número de pausas de recursão relacionadas a correção de erro de digitação (tipo B) e a movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável (tipo C).

Já em relação aos tipos de apoios empregados pelos expertos não-tradutores durante as pausas que apresentaram recursão, há o predomínio de AISR para todos os sujeitos, exceto S4, que apresenta AESR na maioria de suas pausas. Observa-se que, na TNCorr, há uma variação entre os sujeitos em relação aos tipos de apoio apresentado: somente mantiveram um padrão semelhante tanto na TCorr quanto na TNCorr S3 e S4, que apresentaram AISR e AISR/AESR, respectivamente. Já S1, apesar de ainda apresentar maior número de tipos de apoio, para a TNCorr não apresentou nenhum tipo de apoio de orientação, como havia apresentado para a TCorr. Já S2 apresentou AESR em suas pausas de recursão durante a TNCorr. Portanto, não se pode afirmar que houve influência da inserção da variável independente conhecimento de domínio sobre o tipo de apoio empregado durante as pausas de recursão, uma vez que, para as duas tarefas, houve o predomínio do AISR.

Silva e Pagano (2007) colocam que a recursividade tem impacto positivo sobre a durabilidade, mas não avaliaram que tipo de recursão ocorreu em cada segmento analisado. Para esta pesquisa, verificou-se o tipo de recursão que acompanha cada pausa quantitativa e qualitativamente e concluiu-se que a recursão referente tanto à alteração de uma decisão

provisória imediatamente descartada quanto à correção de erro de digitação tem impacto sobre o tempo total despendido com a tarefa, elemento constituinte do conceito de durabilidade da tarefa tradutória, pois os sujeitos necessitam parar sua produção textual. No entanto, compete salientar que essa recursividade pode ter impacto positivo no texto de chegada, como é o caso de S3 para o qual alterações de decisões provisórias imediatamente descartadas podem ser correlacionadas com o gerenciamento da tarefa tradutória em ordens superiores, conforme exemplo do dêitico *the* (subseção 4.2.1.2.2).

Finalizando a discussão dos dados da presente pesquisa, cabe aqui ressaltar a atuação de S3 em comparação aos demais sujeitos. Como já foi dito, Silva e Pagano (2007) verificaram o impacto do conhecimento de domínio sobre o processo tradutório de pesquisadores expertos não-tradutores (S1, S2, S3 e S4), mas não se detiveram na análise das pausas de forma detalhada. Dentre seus achados, os autores observaram que o processo de um dos sujeitos, S3, evidencia pausas de orientação regulares antes da tradução de cada complexo oracional, o que corrobora os achados da presente pesquisa. S3 é o sujeito que despense maior tempo relativo dedicado à fase de orientação inicial em relação à percentagem verificada para as fases de redação e de revisão final, mantendo esse comportamento tanto na TCorr quanto na TNCorr. Há busca de apoios externos nessa fase por S3 durante a realização da TCorr, que utiliza, além de LTO + AISO, o apoio externo simples de orientação (AESO), ao ler outras partes do artigo completo (*i.e.*, *abstract* e referências bibliográficas). Além disso, S3 é o sujeito que apresentou a maior variedade de apoios internos/externos de orientação em tempo real durante a fase de redação.

Embora algumas pausas maiores se refiram a questões, a princípio, da ordem da palavra, elas, na verdade, remetem a questões mais amplas (caso do dêitico *the* em que se necessita considerar toda a oração, ou o caso termo *syndromes*, que revela questões relativas ao projeto tradutório e às preocupações de autoria, além de demandar o conhecimento de domínio do sujeito não-tradutor). Diferentemente dos outros sujeitos, S3 é o único que aumenta o número de pausas na TCorr, em relação à TNCorr, na fase de revisão final.

Diante desses achados, pode-se concluir que S3 apresentou, na pesquisa em tela, um perfil de desempenho diferenciado, principalmente durante a realização da tarefa cujo conhecimento de domínio demandado era correlato à sua área de atuação, o que provavelmente pode ser explicado pelo impacto do conhecimento de domínio, conforme verificaram Silva e Pagano (2007).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste capítulo, serão apresentadas as considerações finais acerca dos achados da dissertação em tela, além das limitações e dos possíveis desdobramentos deste trabalho. Como foi assinalado, esta pesquisa se insere no âmbito do projeto Expert@ - *Conhecimento experto em tradução: modelagem do processo tradutório em altos níveis de desempenho*, na interface entre os estudos da tradução e os estudos sobre expertise e desempenho experto (Shreve, 2005), e dialoga diretamente com um dos resultados desse projeto, a pesquisa de Silva e Pagano (2007), na qual é feito um mapeamento das características do perfil do experto não-tradutor, considerando-se a variável conhecimento de domínio.

A partir dos achados da pesquisa de Silva e Pagano (2007), buscou-se aprofundar a análise dos processos tradutórios dos expertos não-tradutores, com base nos índices de pausa, partindo-se da hipótese geral de que haveria impacto do conhecimento de domínio nos processos de orientação inicial e orientação em tempo real – aspecto desenvolvido em Machado e Alves (2007) –, bem como nos processos de revisão final e revisão em tempo real – aspecto desenvolvido em Batista e Alves (2007) – dos sujeitos expertos não-tradutores. Dessa forma, a natureza do processo de tradução dos sujeitos sob escrutínio foi analisada considerando-se as pausas (em relação ao número de ocorrências, duração, médias e desvios padrões) e a recursividade, além do uso de apoios interno ou externo para cada ocorrência de pausa, a partir do impacto da variável conhecimento de domínio, o que tornou possível responder às perguntas pertinentes aos dados analisados.

Nesta pesquisa, verificou-se que os expertos não-tradutores empregam pouco tempo na fase de orientação inicial, a qual apresenta um tempo relativo menor em relação a qualquer uma das demais fases, exceto para o S3 (sujeito 3), que dedica uma parcela maior de seu tempo nesta fase em relação à sua fase de revisão quando da realização da TNCorr. A partir dos dados analisados, observou-se que os expertos não-tradutores se orientam e resolvem problemas acerca da tarefa tradutória com base em mecanismos de apoio interno ou externo. Em relação aos tipos de apoios utilizados durante a fase de orientação inicial, observa-se um

comportamento entre os expertos não-tradutores semelhante àquele desempenhado pelos sujeitos de Machado e Alves (2007) em relação ao tipo de apoio utilizado (LTO + AISO), ou seja, há a leitura do texto original e utilização de apoio interno simples de orientação, tanto na TCorr quanto na TNCorr. Contudo, diferentemente dos dados de Machado e Alves (2007), há utilização de apoio externo simples de orientação (AESO) por parte de dois dos expertos não-tradutores: S2, quando da tradução da TNCorr, e S3, quando da realização das duas tarefas tradutórias.

Por conseguinte, ao retomar as perguntas de pesquisa que nortearam esta dissertação em relação à natureza do processo tradutório dos expertos não-tradutores, foram verificadas características desse novo tipo de perfil que corroboraram alguns dos dados de Silva e Pagano (2007) em relação a pausas indicativas de orientação e de revisão. Além disso, os expertos não-tradutores apresentaram tendências de comportamentos em seu perfil cognitivo que puderam ser comparadas ao perfil dos sujeitos profissionais analisados por Machado e Alves (2007) e Batista e Alves (2007) no que diz respeito às fases do processo tradutório e, mais especificamente, à alocação de pausas de orientação e de revisão em tempo real por meio de mecanismos de apoio interno e/ou externo.

Retomando-se a primeira pergunta da pesquisa em tela, sobre o impacto da inserção da variável do conhecimento de domínio nas pausas de orientação encontradas ao longo da fase de redação dos sujeitos expertos não-tradutores, bem como dos mecanismos de apoio mais utilizados por esses sujeitos, verificou-se que a hipótese de que as características específicas dessas pausas tendessem a ser distintas em cada tarefa tradutória pôde ser corroborada (em termos de conhecimento de domínio vinculado ou não a subárea de atuação de cada sujeito). Assim, após a quantificação e a identificação das pausas de orientação em tempo real, bem como dos tipos de apoios presentes em cada uma delas, verificou-se impacto do conhecimento de domínio no que toca ao número e à duração das pausas de orientação em tempo real durante a realização da TNCorr, pois nota-se que há uma diminuição nas ocorrências e na duração das pausas desses sujeitos na TCorr em relação à TNCorr. No que toca aos tipos de apoio utilizados, constatou-se que o apoio interno simples de orientação (AISO) foi o apoio predominante para todos os sujeitos em ambas as tarefas, não havendo, portanto, impacto do conhecimento de domínio, corroborando, assim, em termos de tendências, os resultados da pesquisa de Machado e Alves (2007).

No que diz respeito à recursividade, essa foi analisada dentro de cada pausa de orientação em tempo real, considerando-se o tipo de apoio presente em cada uma delas tanto na TCorr quanto na TNCorr. Partiu-se da hipótese de que os expertos não-tradutores apresentariam um padrão diferenciado de acionamento de teclas de recursão e de movimentos de *mouse* ou de cursor (indicativos de recursividade), de forma que esses movimentos pudessem ser correlacionados com suas pausas de orientação, sendo esses movimentos ativados em razão de distintas necessidades de correção ortográfica, alteração imediata de soluções provisórias ou substituição de soluções duráveis durante a fase de redação. A partir da constatação dessa hipótese foi possível responder à segunda pergunta desta pesquisa: “A realização de uma tarefa tradutória correlata à subárea de atuação do sujeito evidencia um padrão de recursividade associado às pausas de orientação diferenciado com relação àquele verificado no processo tradutório de uma tarefa cujo texto demanda conhecimento de domínio não-correlato com a subárea de atuação do sujeito?” A partir dos resultados encontrados, não foi possível evidenciar um padrão de recursividade associado a pausas de orientação em tempo real diferenciado na realização da TCorr em relação à TNCorr.

Assim, verificou-se que o experto não-tradutor controla, em termos de recursividade associada às pausas de orientação, o seu processo tradutório basicamente a partir da utilização de apoio interno simples de orientação (AISO) tanto na TCorr quanto na TNCorr. Contudo, em relação aos tipos de recursão predominante, não se observa um padrão de comportamento semelhante entre quatro sujeitos nas duas tarefas. Enquanto, na TNCorr, há o predomínio de apenas um tipo de recursão para todos os sujeitos, ou seja, aquele relacionado à correção de erro de digitação, observou-se que, durante a realização da TCorr, destacam-se dois tipos de recursão predominantes, a saber: 1) aquele relacionado a movimento de *mouse* e outras teclas de recursão que sinalizam substituição de uma solução durável (S1 e S2); e ii) aquele relacionado à correção de erro de digitação (S3 e S4). Além disso, notou-se, que, durante a fase de redação, os apoios de orientação associados às instâncias de recursividade predominaram sobre os apoios de revisão para todos os sujeitos durante a realização da TNCorr e para S3 e S4 durante a realização da TCorr, sendo possível, portanto, se aventar um potencial impacto do conhecimento de domínio sobre esse comportamento com relação à recursividade.

Seguindo-se os mesmos padrões apresentados para os achados da fase de orientação e das pausas de orientação em tempo real, retomaremos as perguntas de pesquisas que foram